

UFRRJ

**INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
AGRICULTURA ORGÂNICA**

DISSERTAÇÃO

**A Experiência do Movimento dos Pequenos Agricultores com
Sementes Crioulas no Estado do Rio Grande do Sul**

Josuan Sturbelle Schiavon

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA ORGÂNICA**

**A EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO DOS PEQUENOS
AGRICULTORES COM SEMENTES CRIOULAS NO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL**

JOSUAN STURBELLE SCHIAVON

Sob a Orientação da Professor
Dr. Higino Marcos Lopes

e

Coorientação da Pesquisadora
Dra. Ana Cristina Siewert Garofolo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Agricultura Orgânica**, no Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica.

Seropédica, RJ
Setembro de 2020

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001”.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S329e Schiavon, Josuan Sturbelle, 1988-
A experiência do Movimento dos Pequenos Agricultores com sementes crioulas no estado do Rio Grande do Sul / Josuan Sturbelle Schiavon. - Seropédica-RJ, 2020.
64 f.: il.

Orientador: Higino Marcos Lopes. Coorientadora: Ana Cristina Siewert Garofolo.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica, 2020.

1. Plano Camponês . 2. Sementes crioulas. 3. Soberania genética. I. Lopes, Higino Marcos , 1961-, orient. II. Garofolo, Ana Cristina Siewert, 1967-, coorient. III Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica. IV. Título.

É permitida a cópia parcial ou total desta dissertação, desde que seja citada a fonte.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA ORGÂNICA - PPGA O

JOSUAN STURBELLE SCHIAVON

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Agricultura Orgânica**, no Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 30/09/2020.

Higino Marcos Lopes. Dr. UFRRJ
(Orientador)

Gilberto Antonio Peripolli Bevilaqua. Dr. Embrapa Clima Temperado

Maria de Fátima Lopes. Dra. UFV

*“A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois
passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez
passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de
caminhar”.*

Eduardo Galeano

RESUMO

SCHIAVON, Josuan Sturbelle. **A experiência do Movimento dos Pequenos Agricultores-MPA com sementes crioulas no Estado do Rio Grande do Sul.** 2020. 64p. Dissertação (Mestrado Profissional em Agricultura Orgânica). - Programa de Pós-Graduação em Agricultura Orgânica. Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), nascido em 1996 no Rio Grande do Sul, consolidou-se como um movimento camponês cuja base social é organizada em grupos de famílias nas comunidades camponesas. Como Movimento em ação, o MPA busca resgatar a identidade e a cultura camponesa, através de uma nova base produtiva pautada nos alicerces da agroecologia camponesa e do abastecimento popular, da cooperação, de sua vivência histórica tendo como base o desenvolvimento do campo e a garantia da soberania alimentar entre outros fatores. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi verificar a experiência que o Movimento dos Pequenos Agricultores acumulou ao longo de sua trajetória no campo da soberania e da posse e conservação genética *vis-a-vis* a consolidação do trabalho com as sementes crioulas no Estado do Rio Grande do Sul, mediante a guarda coletiva das sementes, através da construção e consolidação de uma Unidade de Beneficiamento de Sementes crioulas em 2015. O universo de estudo foi composto de lideranças do MPA, fundadoras ou não do Movimento e agricultores guardiões de sementes que interagem com a temática do estudo. Considerou-se como hipótese deste trabalho a afirmativa de que as ações coletivas do MPA podem promover a participação e as condições necessárias para a guarda comunitária das sementes de modo complementar e interdependente. Foram realizadas entrevistas, mediante questionários estruturados, os quais foram aplicados aos diferentes atores sociais envolvidos na implantação e vivência do Movimento dos Pequenos Agricultores no Brasil, bem como com responsáveis por unidades de Beneficiamento de Sementes (UBSs) e agricultores. Também foram fontes de pesquisa documentos e a vivência pessoal do autor desta dissertação, em uma pesquisa de cunho participativo. Constatou-se no decorrer do estudo que foram gatilhos para a fundação do movimento no Rio Grande do Sul as adversidades climáticas da década de 90, a crise de identidade e representatividade dos agricultores frente aos modelos sindicais vigentes que não representava a classe trabalhadora do campo, as próprias dificuldades vistas no campo frente empobrecimento e a marginalização dos agricultores frente a exploração causada pelo capitalismo. Ficou evidenciado na pesquisa a importância do comprometimento do movimento com a proposta de um novo modelo de agricultura para o campo Brasileiro, intitulado Plano Camponês. Segundo o pontuado pelos entrevistados, o Plano, como plataforma política orienta ações para a transformação social, democrática e popular da sociedade brasileira, cumprindo seu papel social relevante que é a produção de alimentos saudáveis, em especial a partir da garantia da soberania genética dos materiais de posse dos agricultores. O trabalho revelou que o MPA através das suas conquistas e parcerias atreladas a sua estratégia na conservação e uso dos recursos genéticos representam um sólido alicerce para as ações dos agricultores. Constatou-se que apesar de existirem muitos gargalos na produção de sementes crioulas, no Rio Grande do Sul, as oportunidades dadas aos agricultores pelo MPA forma capazes de gerar conhecimento e confiança suficiente entre os atores envolvidos. O mesmo foi constatado quando se analisou a unidade de beneficiamento de sementes crioulas, o qual além de compor atualmente parte da estratégia da organização, tem cumprido sua função em massificar a produção de sementes crioulas.

Palavras-Chave: Plano Camponês. Sementes crioulas. Soberania genética.

ABSTRACT

SCHIAVON, Josuan Sturbelle. **The experience of the Movement of Small Farmers - MSF with Heirloom seeds in the Rio Grande do Sul State.** 2020. 64p. Dissertation (Professional Master's Degree in Organic Agriculture) - Postgraduate Program in Organic Agriculture. Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

The Small Farmers Movement (SFM), was created in 1996 in Rio Grande do Sul State and has consolidated itself as a peasant movement whose social base is organized into groups of families in peasant communities. As a movement in action, the SFM seeks to rescue peasant identity and culture, through a new productive base based on the foundations of peasant agroecology and popular supply, cooperation, its historical experience based on the development of the field and the guarantee food sovereignty. In this sense, the general objective of the research was to verify the experience that the SFM has accumulated over its trajectory in the field of possession sovereignty and genetic conservation *vis-à-vis* the consolidation of work with heirloom seeds in the Rio Grande do Sul State through collective custody of seeds and the construction and consolidation of a Heirloom Seed Conditioning Plant in 2015. The study universe was composed of SFM leaders, founders or not of the movement and guardian seed farmers who interacted with the thematic of the study. The hypothesis of this work was the assertion that the collective actions of the SFM can promote the participation and the necessary conditions for the community custody of seeds in a complementary and interdependent way. Interviews were conducted through a structured questionnaire, which were applied to the different social actors involved in the implementation and experience of the Small Farmers Movement in Brazil, as well as those responsible for the Seed Conditioning Plant (SCPs) and farmers. Research sources were also documenting and the personal experience of the author of this dissertation, in a participatory research. In the course of the study, it was found that triggers for the foundation of the movement in Rio Grande do Sul State were the climatic adversities of the 90s, the identity and representativeness crisis of farmers in face of the current union models that did not represent the working class of the field, the very difficulties seen in the countryside in the face of impoverishment and the marginalization of farmers in the face of the exploitation caused by capitalism. It became evident in the research the importance of the movement commitment to the proposal of a new model of agriculture for the Brazilian countryside, entitled “Peasant Plan”. According to what the interviewees pointed out, the Plan, as a political platform, guides actions towards the social, democratic and popular transformation of Brazilian society, fulfilling its relevant social role, which is the production of healthy foods, especially from the guarantee of the genetic sovereignty of the materials owned by farmers. The work revealed that the SFM, through its achievements and partnerships linked to its strategy in the conservation and use of genetic resources, represents a solid foundation for the actions of farmers. It was found that although there are many bottlenecks in the production of heirloom seeds, in Rio Grande do Sul State, the opportunities given to farmers by the SFM were able to generate sufficient knowledge and trust among the actors involved. The same was found when analyzing the Heirloom Seed Conditioning Plant, which, in addition to currently being part of the strategy organization that has fulfilled its role in massifying the heirloom seed production.

Keywords: Peasant plan. Heirloom seeds. Genetic sovereignty

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Sistematização do Plano camponês; Eixos, estratégias e ações.....	7
--	---

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do Rio Grande do Sul, dividido nas regiões do COREDE.	15
--	----

LISTA DE ABREVIACOES E SIMBOLOS

AFC- Agricultura Familiar Camponesa

AGEFA- Associação Gaúcha Pr Escolas Famílias Agrícolas

AgUrb- Conferência Internacional para Agricultura e Alimentação em uma Sociedade Urbanizada

ANA- Articulação Nacional de Agroecologia

ANAC- Associação Nacional da Agricultura Camponesa

APACAND- Associação dos Pequenos Agricultores de Candelária

APARHOTIVALE- Associação dos Pequenos Agricultores Renascer Hortigranjeiros do Vale

APATI- Associação dos Pequenos Agricultores de Arroio do Tigre

ARPASUL- Cooperativa de Pequenos Agricultores Agroecologistas da Região Sul

ASPTA- Agricultura Familiar e Agroecologia- Associação de Direitos Civil sem Fins Lucrativos.

ASA- Articulação do Semi- rido Brasileiro

ASCAR-RS- Associação Sulina de Credito e Assistência Rural do RS.

ATER- Assistência Técnica e Extensão Rural

BADESUL- Banco de Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul S.A.

BANRISUL- Banco do Estado do Rio Grande do Sul S.A.

BB- Banco do Brasil

BIONATUR- Marca comercial da CONATERRA

BNDES- Banco Nacional de Desenvolvimento Social

BSC- Bancos de Sementes Comunitários

CAPA- Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor

CARITAS- Confederação da Igreja Católica

CDB- Convenção da Diversidade Biológica

CEBs- Comunidades Eclesiais de Base

CETAP- Centro de Tecnologias Alternativas e Populares

CGen- Conselho de Gestão do Patrimnio Genético

CIP- Comitê Internacional de Planificación para la Soberanía Alimentaria

CLOC- Via Campesina- Coordenadoria Latinoamericana das organizações do campo

CNAPO- Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica

CONAB- Companhia nacional de Abastecimento

CONTAG- Confederação Nacional dos Trabalhadores Agricultores e Agricultoras Familiares
CONAMURI- Organización de Mujeres Campesinas e Indígenas
CONATERRA- Cooperativa Agroecológica Nacional Terra e Vida
COOPERFUMOS do BRASIL- Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil Ltda.
COOPERBIO- Cooperativa Mista de Produção Industrialização e Comercialização de Biocombustíveis do Brasil Ltda.
COOPERHAB- Cooperativa de Habitação Camponesa Ltda
COOPSAT- Cooperativa de Prestação de Serviços, Assistência Técnica e Educação Rural Ltda
COOPTIL- Cooperativa de Produção e Trabalho Integração Ltda
COOTAP- Cooperativa dos trabalhadores assentados da região Porto Alegre Ltda
COOPERATIVA UNIÃO- Cooperativa união dos agricultores familiares de Canguçu e região
COVID- CORona VIRus Disease (Doença do Corona vírus)
CPC do RS- Cooperativa Mista de Produção e Comercialização Camponesa do Rio Grande do Sul
CPT- Comissão Pastoral da Terra
CUT- Central Única dos Trabalhadores
DATER- Departamento de Assistência Técnica e Extensão Rural
ECOFORTE- Programa de Fortalecimento e Ampliação das Redes de Agroecologia, Extrativismo e Produção Orgânica
EMATER- Empresa de Assistência Técnica e extensão Rural
EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FBB- Fundação Banco do Brasil
FEAPER – Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais
FETAG- Federação Nacional dos Trabalhadores Agricultores e Agricultoras Familiares
FUNAI- Fundação Nacional do Índio
HCTE- História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICPJ- Instituto Cultural Padre Josimo
IICA- Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola
ITPGRFA/FAO- International Treaty on Plant Genetic Resources for Food and Agriculture
MDA- Ministério de Desenvolvimento Agrário

MDS- Ministério de Desenvolvimento Social
MAB- Movimento dos Atingidos por Barragens
MAPA- Ministério de Agricultura Pecuária e Abastecimento
MMC- Movimento de Mulheres Camponesas
MPA- Movimento dos Pequenos Agricultores
MST- Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra
NEAD- Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural
Cooperativa OESTEBIO - Cooperativa Mista de Produção, Industrialização e comercialização de Agro combustíveis e produtos Agropecuários
OMS- Organização Mundial da Saúde
ONG- Organização Não Governamental
OXFAN Internacional- Confederação de 19 organizações, que atua em mais de 90 países na busca de soluções para o problema da pobreza, desigualdade e da injustiça.
PAA- Programa de Aquisição de Alimentos
PC- Programa Camponês
PJR- Pastoral da Juventude Rural
PMDB- Partido Movimento Democrático Brasileiro
PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNAPO- Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
PNHR – Programa Nacional de Habitação Rural
RCA- Rede Camponesa de Agroecologia
PESAGRO- RIO- Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro
RONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PSDB- Partido da Social Democracia Brasileira
SAF- Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo
SCP- Sistemas Camponeses de Produção
SDR- Secretaria de desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul
SEAPDR- Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural
SICREDI- Sistema de Crédito Cooperativo
UBS- Unidade de Beneficiamento de Sementes
UERGS- Universidade Estadual do Rio Grande do SUL
UFFS- Universidade Federal Fronteira Sul
UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

UNAC/ Mozambique- União Nacional de Camponeses de Moçambique

UNESP- Universidade Estadual de São Paulo

UNISC- Universidade de Santa Cruz do Sul

UPC- Unidade de Produção Camponesa

VCU- Valor de Cultivo e Uso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 SEMENTES CRIOULAS: UMA CAMINHADA DO CAMPESINATO NO RS	3
2.1 O Estado do Rio Grande do Sul	3
2.2 O Camponês, o Campesinato e o Plano Camponês	5
2.3 Sementes Crioulas: Caminho para a vivência do Plano Camponês	10
2.4 Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil Ltda. (COOPERFUMOS DO BRASIL) e a Unidade de Beneficiamento de Sementes	12
3 A CONCEPÇÃO METODOLÓGICA E O TRAJETO DA PESQUISA.....	14
3.1 A Opção Metodológica da Pesquisa	14
3.2 O plano de Trabalho e as Estratégias de Pesquisa.....	14
3.2.1 Definição da área de abrangência da pesquisa	14
3.2.2 Elaboração dos questionários para coletas de dados no campo.....	15
3.2.3 Definição do espaço amostral da pesquisa	16
3.2.4 Atores sociais entrevistados	16
4 SEMENTES EM MOVIMENTO: A TRAJETORIA DOS AGRICULTORES	18
4.1 Um Pequeno Gigante- o Movimento Pequenos Agricultores- MPA	18
4.1.1 Surgimento do MPA: a origem.....	19
4.1.2 O MPA: conquistas sociais e políticas	24
4.2 O Trabalho com as Sementes: Ressignificação da Vida e Luta	26
4.2.1 A organização do trabalho com as sementes: resgate e guardiões	32
4.2.2 Entidades parceiras: a união fez e faz a força!	37
4.2.3 Importância do trabalho com sementes: oportunidades	40
4.2.4 Importância do trabalho com sementes: gargalos.....	41
4.3 A Cooperfumos do Brasil e a Unidades de Beneficiamento de Sementes: Uma Ponte para a Construção da Reciprocidade	43
4.3.1 Cooperfumos do Brasil: a prática da reciprocidade.....	43
4.3.2 Unidade de Beneficiamento de Sementes Crioulas- UBS José Gilberto De Oliveira Tuhtenhagen	46
4.3.3 Enfim: qual a importância da UBS para o MPA?	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
ANEXOS	62
A - Pesquisa Vinculada ao Projeto de Mestrado Profissional	62

1 INTRODUÇÃO

Fortalecer a agricultura familiar camponesa- AFC¹, conferir sustentabilidade aos agroecossistemas² e promover a inclusão social e garantia de segurança alimentar são pontos de constante discussão frente ao modelo agrícola hegemônico vigente. Cada vez mais se faz necessário repensar práticas, processos e tecnologias que sejam socialmente e ambientalmente adequadas para o alcance do chamado Desenvolvimento Rural Sustentável.

A agroecologia em sua busca constante do chamado desenvolvimento Rural Sustentável, parte da lógica de que toda intervenção humana no ambiente gera impactos, positivos e negativos. Entretanto, para além da técnica, a agroecologia como ciência “contempla uma articulação entre o saber científico e o saber tradicional e popular, na construção de um corpo de conhecimentos capaz de orientar a conversão dos sistemas convencionais de produção [...] que torne possível o uso correto dos recursos naturais para a obtenção de alimentos” (UDRY e ARAÚJO, 2012, p. 135). Deste modo Guzmán (2001) traz para a agroecologia a dimensão social, afirmando que as variáveis sociais desempenham também um papel muito importante no entendimento de como a política e a economia geram impactos no agricultor. Logo, a agroecologia traz em seu escopo a possibilidade do fortalecimento da identidade camponesa.

O Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) é um movimento camponês, de caráter nacional e popular, de massas, autônomo, de luta permanente, cuja base social é organizada em grupos de famílias nas comunidades camponesas³. O MPA busca resgatar a identidade e a cultura camponesa, através de uma nova base produtiva pautada nos alicerces da agroecologia camponesa e do abastecimento popular, da cooperação, da vivência histórica e da afirmação dos camponeses, dos povos originários e tradicionais como a base do desenvolvimento do campo e a garantia da soberania alimentar, territorial, entre outros, são bases teóricas consolidadas no chamado Plano Camponês.

Como Plano Estratégico, este se configura para o MPA como um “novo modelo” de desenvolvimento do campo. Assim sendo, falar do Plano Camponês é recordar o passado da agricultura, assim como falar de agroecologia e de campesinato. Para isso, é necessário considerar que o debate da questão agrária e do campesinato é um tema ainda sensível e palpante no mundo atual e que normalmente polariza opiniões.

No RS onde o MPA nasce, constata-se uma caminhada de organicidade contínua e evolutiva de luta e resistência do campesinato, de vivência do Plano Camponês. Destacam-se os aspectos de organização no campo do resgate, multiplicação e produção de sementes crioulas e um histórico de trabalho com assistências técnicas de ATER em diferentes temas como sementes crioulas, diversificação da cultura do tabaco e na temática da agroecologia.

Diante do exposto, nesta pesquisa, buscou-se verificar os efeitos⁴ da caminhada do Movimento dos Pequenos Agricultores na articulação dos agricultores do Estado do Rio Grande do Sul para a construção da guarda coletiva⁵ e o beneficiamento de sementes crioulas.

¹ A partir da constatação de Godoi; Menezes e Martin (2009) o qual evidenciam os camponeses como uma categoria social e política.

² Entende-se como um sistema agrícola ou ecossistema com uma população agrícola.

³ Disponível em <https://mpabrasil.org.br/quem-somos/> acesso em 29/08/2020.

⁴ Entende-se por efeito todo comportamento ou acontecimento que pode razoavelmente dizer que sofreu influência de algum aspecto do programa ou projeto. (BOND, 1995 apud COHEN e FRANCO, 2013).

⁵ Considera-se como guarda coletiva, nessa pesquisa, a guarda das sementes crioulas. Caracterizada por ações, processos e organizações formadas por famílias guardiãs ou não que tenham como norte comum a preservação, conservação e multiplicação das sementes crioulas, juntamente com o seu conhecimento tradicional associado.

Neste contexto, esta pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: “As ações desenvolvidas pelo Movimento de Pequenos Agricultores do Rio Grande do Sul criaram condições para a guarda coletiva e o beneficiamento de sementes?” Em outras palavras a hipótese deste trabalho foi que as ações coletivas do MPA promovem a participação e as condições necessárias para a guarda comunitária das sementes de modo complementar e interdependente.

Assim, o objetivo geral da pesquisa foi verificar a experiência que o Movimento dos Pequenos Agricultores acumulou ao longo de sua trajetória no campo da soberania e da posse e conservação genética vis-à-vis a consolidação do trabalho com as sementes crioulas no Estado do Rio Grande do Sul, mediante a guarda coletiva das sementes, através da construção e consolidação de uma Unidade de Beneficiamento de sementes⁶ crioulas no Estado, em 2015.

Os objetivos específicos são:

1. Resgatar historicamente a concepção do Movimento dos Pequenos Agricultores no Brasil e no Rio Grande do Sul.
2. Resgatar historicamente a concepção, elaboração e implantação da unidade de beneficiamento de sementes do Rio Grande do Sul vinculada ao MPA.
3. Identificar potenciais gargalos, desafios e oportunidades no trabalho com as sementes.
4. Verificar os condicionantes que levaram os agricultores a participarem da guarda coletiva, resgate e multiplicação de sementes.

Esta dissertação encontra-se estruturada em cinco capítulos incluindo este. O segundo capítulo discute a temática das sementes crioulas como um ponto de caminhada para o campesinato no Rio Grande do Sul. Neste capítulo é apresentado o Plano Camponês, a importância das sementes para a consolidação dele. É apresentada a Cooperativa mista dos fumicultores do Brasil Ltda. (COOPERFUMOS do BRASIL) o qual possui uma unidade de beneficiamento de sementes (UBS) que é chave no histórico do Movimento dos Pequenos Agricultores no estado do RS.

No terceiro capítulo é detalhada a concepção metodológica e o trajeto, o plano e as estratégias de pesquisa, bem como as etapas executadas para o alcance dos objetivos propostos. Neste capítulo também são apresentados os atores sociais entrevistados.

No quarto capítulo é apresentado o histórico de surgimento do Movimento dos Pequenos Agricultores e suas conquistas sociais e políticas, a partir de análise documental e pesquisas de campo realizado junto a coordenadores e responsáveis pelo movimento no Brasil. Será apresentada a organização do trabalho com as sementes, as entidades parceiras do MPA, os gargalos e oportunidades do trabalho com as sementes. Também neste capítulo é apresentado a Cooperfumos do Brasil e a Unidade de beneficiamento de sementes crioulas Jose Gilberto de Oliveira e a importância da mesma para o MPA.

O quinto capítulo aborda as considerações finais discutindo alguns dos principais aspectos dos resultados da pesquisa, apresentando perspectivas de futuro para ações com sementes no movimento.

⁶ Espaço industrial que tem por função classificar os diferentes tipos de sementes utilizadas na agricultura, pecuária e floresta. A classificação disponibiliza um produto homogêneo e livre de impurezas, facilitando o processo de semeadura e mantendo a qualidade de sementes adequada ao processo.

2 SEMENTES CRIOULAS: UMA CAMINHADA DO CAMPESINATO NO RS

Este capítulo tem a finalidade de embasar a discussão sobre a Experiência do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) com sementes crioulas no Estado do Rio Grande do Sul. Está dividido em tópicos, iniciando com uma contextualização do Estado do Rio Grande do Sul. Na sequência é trabalhado o conceito do Campesinato e o Plano camponês, enquanto proposta de organização social e o papel das sementes crioulas como um caminho para a vivência na prática deste plano. Finalizando este item, discute-se brevemente o papel e a atuação da Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil Ltda. no beneficiamento das sementes do MPA no Rio Grande do Sul.

2.1 O Estado do Rio Grande do Sul

O Estado do Rio Grande do Sul está localizado na região Sul do Brasil e apresenta uma população estimada em 2020 de 11.422.973 habitantes, com uma área territorial de mais de 281.707 km² (IBGE, 2020). Possui um clima Temperado do tipo Subtropical segundo classificação de KOEPPEN. Apesar da temperatura apresentar uma grande variação durante as estações do ano, podemos dizer que o Estado apresenta verões quente e invernos com formação de geadas e em alguns pontos é possível apresentar precipitação de neve. As temperaturas médias variam entre 14 e 22°C (PESSOA, 2017), com mínimas de até -10°C e máximas de 40 °C. Ao Sul do Estado a precipitação média situa-se entre 1.299 e 1.500mm e, ao norte a média está entre 1.500 e 1.800mm (ATLAS SOCIOECONOMICO, 2018).

As características climáticas citadas anteriormente influenciam inclusive na vegetação das diferentes regiões do Estado. Sendo que mais ao sudoeste e ao sul temos o bioma pampa⁷, representando 63 % do território e mais de norte a nordeste o bioma Mata Atlântica⁸, representando 37 % do território gaúcho⁹ (ATLAS SOCIOECONOMICO, 2018).

Sobre a composição da população Gaúcha do RS, analogamente ao Brasil, Ribeiro (1995) menciona que o povo brasileiro é formado por um povo “brilhante”, a partir de três grupos étnicos básicos (indígenas, negros e brancos) e a sua miscigenação formaram e moldaram o campesinato brasileiro.

A população do estado do Rio Grande do Sul é formada, principalmente, por negros, indígenas e europeus. Os primeiros, em consequência do processo de escravatura que aconteceu no Brasil até o final do século XIX. O segundo grupo, caracterizado pelos nativos da região e o terceiro pelos imigrantes, principalmente europeus, que chegaram ao país entre 1824 e 1920 (CADONA, 2004) através de uma tentativa da Coroa de estabelecer um processo de “embranquecimento” da população; ainda que enviados para o sul em consequência da Lei de Terras de 1850, onde havia impedimento de que pessoas pobres ou marginalizadas pudessem adquirir terras consideradas produtivas. Também há registros de portugueses

⁷ Este Bioma com Paisagens naturais, localizadas na América do Sul e, no Brasil e em partes do estado do Rio Grande do Sul representa 2 % do território brasileiro. A característica principal do Bioma Pampa é a sua vegetação, que apresenta uma composição herbácea, ou seja, formada basicamente por gramíneas e espécies vegetais de pequeno porte, não ultrapassando os 50 cm de altura. O clima da região é ameno e as temperaturas médias anuais não costumam ultrapassar os 20 ° C, as estações são bem definidas e as chuvas bem distribuídas. A fauna e flora são bastante diversificadas e com espécies não catalogadas.

⁸ É um bioma de floresta tropical encontrado no Brasil, Paraguai e Argentina, recebe este nome pelo fato de ser a área mais próxima do Oceano Atlântico. O local possui uma diversidade genética muito grande, com muitas espécies endêmicas. Suas formações vegetais são extremamente heterogêneas, indo desde campos abertos em regiões montanhosas até florestas chuvosas perenes nas terras baixas do litoral.

⁹ Denominação dada para o território do estado do Rio Grande do Sul.

vindos da Ilha de Açores em 1740 com apoio oficial da Coroa, que tinha como objetivo e fins estratégicos a distribuição de terras e o povoamento da região (ZARTH, 2002).

Segundo o último censo agropecuário de 2017/2018 do IBGE (CENSO AGROPECUÁRIO, 2018), no Brasil existem mais de cinco milhões de estabelecimentos agropecuários e destes 3,9 milhões são considerados pela Lei 11.326¹⁰ como áreas da agricultura familiar, representando 77 %. Ainda é possível analisar que as mesmas ocupam 80,9 milhões de hectares de terras, com uma área média de 20 hectares, representando 23 % da área total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. Nestes dados é possível verificar que a estrutura agrária brasileira ainda é concentrada no país, pois os espaços não familiares representam 23% do total dos estabelecimentos rurais e possuem 77 % da área ocupada, com uma área média de 309,18 hectares, 15 vezes maior que nos 3,9 milhões de estabelecimentos familiares.

O censo também apresenta a diversidade da produção na agricultura familiar, que é uma de suas características. No Brasil, são produzidos neste segmento: 69,56 % da mandioca, 64,16 % do leite, 35,85 % do feijão, 51,43 % dos suínos, frangos de corte 45,51 %, 42,60 % do café e 61,01 % da banana. Estes dados enfatizam que a agricultura familiar tem papel importante na Segurança Alimentar e Nutricional, produzindo alimentos básicos e promovendo a distribuição de renda.

No RS a realidade apresentada pelo Censo Agropecuário 2017/2018 não é diferente do Brasil. A área média dos estabelecimentos agropecuários familiares e camponeses é de 18 hectares, correspondendo a 86 % das áreas rurais e a dos não familiares é de 227 hectares, ou seja, 12 vezes maior que a área ocupada pelos agricultores familiares. O RS se apresenta como o terceiro estado brasileiro com maior número de pessoas ocupadas na agricultura familiar e camponesa (AFC)¹¹. Em 2017 eram 716.695 pessoas, o que representava 72,21% das pessoas ocupadas no campo. No estado do RS os agricultores familiares e camponeses gaúchos estão concentrados nas mesorregiões Noroeste e Centro-Oriental. Porém, os estabelecimentos familiares e camponeses abrangem menos de um terço da área total destinada à agropecuária. Isso evidenciava que no estado, assim como no Brasil, há uma estrutura agrária concentrada. Os dados disponíveis afirmam que, no Estado, a agricultura familiar é fundamental para a produção de alimentos básicos para a população brasileira, tais como leite, aves, suínos, feijão, milho e mandioca (FEIX, LEUSIN JÚNIOR, AGRANONIK, 2017).

¹⁰ Definição da Lei Nº 11.326, de 24 de julho de 2006 (BRASIL, 2006) que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. A lei no Art. 3 considera que um agricultor familiar ou empreendedor familiar rural é aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;

II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; (Redação dada pela Lei nº 12.512, de 2011)

IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

¹¹ Para efeito deste estudo, vamos utilizar a categoria agricultura familiar e camponesa, apesar de que no IBGE e na política pública federal (BRASIL, 2006a), somente se categoriza o agricultor familiar, não se faz distinção e referência aos camponeses.

2.2 O Camponês, o Campesinato e o Plano Camponês

O debate do campesinato no Brasil surge mais fortemente nos anos de 1950 através das ligas camponesas. Neste período a academia começa a entender que no campo existia um sujeito que não estava pautado única e exclusivamente na dimensão econômica, mas sim nas suas relações sociais, políticas e de trabalho.

Na década de 90, no auge do neoliberalismo brasileiro, o debate sobre a questão agrária e camponesa foi substituído pelo paradigma do capitalismo agrário. Para Felício (2011) o paradigma do capitalismo agrário através da exploração capitalista baseada na hegemonização da ciência e da tecnologia, transforma direta ou indiretamente toda produção agrícola em mercadoria. E neste cenário de mercantilização da produção que se formula o conceito de agricultura familiar e sua complementaridade com a proposta do agronegócio ou agricultura capitalista.

No paradigma do capitalismo agrário, o agricultor familiar e o camponês são sujeitos distintos (FELICIO, 2011). Para Santos (1975), o camponês é a personificação de uma classe social definida pela forma de produção simples e que detêm a propriedade dos meios de produção, trabalhando com esses meios. Cadona (2004) reitera que o conceito é mais amplo e destaca o seu modo de produção, a produção diversificada e de subsistência, a organização da comercialização com os consumidores e o trabalho familiar.

Já o conceito de agricultor familiar ou agricultura familiar são introduzidos ao Brasil e mais tardiamente nas políticas públicas como é o caso do PRONAF¹², no início dos anos 90 pelos estudos de Veiga (1991) e Abramovay (1998). Abramovay (1998) nos seus estudos afirmava que o camponês possui racionalidade econômica incompleta e é parcial sua inserção em mercados incompletos, o que o levaria a escolher em ser um proletário ou se metamorfosear em agricultor familiar. Caso a metamorfose ocorra o autor afirma: “Aquilo que era antes de tudo um modo de vida converte-se numa profissão, numa forma de trabalho” (p.127).

No campo teórico da perspectiva do neoliberalismo e seus pensadores não existe espaço para o camponês, logo o campesinato se extingiria. Esta teoria ganha força e se transforma em políticas de estado. Para Kautsky (1986) e para Lênin (1980) o fim do campesinato ocorreria pela sua subordinação as explorações capitalistas.

Na contracorrente o Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA se desafia a estudar o tema do campesinato brasileiro. Para Silva *et al.* (2019), as formulações contidas no livro “*A resistência dos pequenos gigantes*” (VOZES, 1998) que descreve o surgimento do MPA em 1996 são indicativos para confirmar a existência de uma classe social invisível ao estado.

No ano de 2002, Lula é eleito Presidente do Brasil e as esperanças se renovam para o MPA. Na oportunidade de dialogar com o governo, em 2003 o movimento apresenta uma proposta audaciosa da agricultura camponesa sobre o tema da produção de alimentos. Porém esta proposta não é vista como prioritária, ao contrário, foi identificada como assistencialista. Neste cenário de decepção o Movimento dos Pequenos Agricultores decide estudar o tema do campesinato brasileiro mais a fundo. Resultado da indignação, do estudo e do debate com a base, o MPA sintetizou o projeto sob o nome de Plano Camponês.

Para o entrevistado S.A.G. (dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS), o plano camponês é uma plataforma construída coletivamente pelos camponeses e teóricos do campesinato e que apresenta um plano estratégico para a agricultura brasileira tendo como concepção a agroecologia.

¹² Programa Nacional de Fortalecimento a Agricultura familiar estabelecida criado pelo Decreto nº. 1.946, de 28 de junho de 1996

Podemos citar aqui os seguintes estudos realizados neste período com pesquisadores e intelectuais ligados ao MPA: “*O campesinato brasileiro no século XXI*” (Vozes, Petrópolis, 2005), com a redação final de Horácio Martins de Carvalho; publicação de nove volumes da História Social do Campesinato, com a participação de dezenas de intelectuais e pesquisadores, publicados pela Editora da Universidade Estadual de São Paulo- UNESP com apoio do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural do Ministério do Desenvolvimento Agrário (Nead/MDA) e do Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola (IICA); a publicação de dois volumes da história social destacando o protagonismo histórico das mulheres intitulado “*Mulheres Camponesas*”, publicado pela Associação Nacional da Agricultura Camponesa (ANAC) em parceria com o MDA, além da publicação, no Brasil, do livro “*Sobre a evolução do conceito de campesinato*” (Editora Expressão Popular e Via Campesina, São Paulo, 2013), de Eduardo Sevilla Guzmán e Manuel Gonzáles Molina.

Nestes estudos temos a imersão do conceito de recampesinização (PLOEG, 2008; MAZOYER e ROUDART 1998), tendo em vista a necessidade de afirmar o campesinato como uma classe social que sempre existiu ao longo da história e que contraria as teorias do seu fim e seus intelectuais. Para que a recampesinização avance é necessário o resgate da identidade camponesa, como jeito próprio de fazer agricultura. Para Felício (2011) recampesinização é um processo permanente em que o campesinato luta por autonomia e independência. Cabe ressaltar que Ploeg¹³ em 2018 ao participar de III Conferência Internacional Agricultura e Alimentação em uma Sociedade Urbanizada (AgUrb), afirmou que o tema da recampesinização está mais palpitante e presente do que nunca, visto que estes processos se aceleraram e ficam mais enfáticos em meio a crises econômicas.

No livro “*Os novos desafios da agricultura camponesa*”, publicado em 2004 pela editora Vozes, temos a primeira elaboração do que em 2005 iria se chamar “Plano Camponês”, nele consta uma síntese de debates realizados em seminários e encontros com a base de temas relacionados a estrutura agrária, organização dos camponeses, modelo tecnológico, políticas públicas para a agricultura camponesa, soberania alimentar e mudança na matriz energética.

Na construção do plano camponês como já mencionado surge um debate importante e a ressignificação da figura do Camponês e do campesinato. O camponês não tem uma característica comum e natural, mas incorpora as peculiaridades históricas, revelando, em suas ações ou passividades, as relações sociais, políticas e culturais estabelecidas através das lutas pela criação e recriação de sua vida (CADONA, 2004).

Na perspectiva ecológica Guterres (2006), define o campesinato como uma forma de manejar os recursos naturais, reproduzindo o homem e a natureza, conservando a biodiversidade ecológica e sociocultural.

Neste sentido e dentro da abordagem da existência de um campesinato brasileiro o plano camponês é um projeto político para o desenvolvimento do campo. Nele são reunidas demandas imediatas como as já conquistadas nas políticas públicas e que garante a existência desta fatia rural negligenciada. Mas também nele está a estratégia política capaz de levar o campesinato a cumprir o seu papel fundamental na transformação social, democrática e popular da sociedade brasileira sem deixar de cumprir seu papel social que é a produção de alimentos saudáveis.

Considerando os eixos de discussão que pautam a implementação e o aprimoramento do plano camponês segue no Quadro 1 uma visão mais sistêmica e prática da elaboração.

¹³ Para maiores informações consultar: <https://mpabrasil.org.br/noticias/a-recampesinizacao-ocorrera-mais-fortemente-por-meio-da-crise-economica-afirma-sociologo/>. Acesso em 27/08/2020

Quadro 1. Sistematização do Plano camponês; Eixos, estratégias e ações.

Plano Camponês	Produção	Sistemas Camponeses de produção	Sementes, oleaginosas, leite, agroflorestas, alimentos, adução verde e orgânica, etc.
		Agroindústrias	Leite, mel, mandioca, café, óleos, erva mate, derivados da cana, embutidos e defumados.
		Desenhos Organizativos	Grupo de base, associações, Condomínios, cooperativas, grupos de consumidores.
	Educação Formação	Escola	Locais, contextualizadas, desenvolvimento local
		Universidade	Nossa realidade, acesso aos camponeses.
		Informal	Reuniões, debates, práticas, dias de campo, etc.
	Vida de Qualidade	Moradia	Casa, pomar, horta, sombra, jardim, autoestima, paiol, local de trabalho, etc.
		Esporte	Futebol, vôlei, bochas, etc.
		Cultura	Teatro musica, capoeira, mutirão, partilha de alimentos, conhecimentos novos.
		Lazer	Festas, bailes, torneios, encontros,
		Saúde popular	Alimentação saudável ervas, saneamento, formação nutricional, etc.
	Comunidade Camponesa	Elos Unificadores Fator de Resistência	Alguma estrutura comunitária
			Escola na comunidade
			Troca de dias de trabalho, mutirões.
	Soberania	Alimentar	Comida é local, vinculada a cultura, modo de vida
			Produzir de tudo um pouco
			Sem veneno, buscando o equilíbrio ambiental.
		Energética	Produção, controle e autoconsumo de energia.
			Mudança na matriz energética
			Biomassa, ventos, sol, biogás, etc.
		Genética	Recuperar nossas sementes, raças e mudas.
			Buscar técnicas de recuperação, armazenagem e melhoramento.
			Divulgar as experiências já existentes
		Hídrica	Recuperar nossas nascentes
			Implementar técnicas de coleta e armazenagem de água
			Desenvolver pequenos sistemas de irrigação
			Recuperar as matas ciliares.
Territorial		Material e Imaterial	Espaço de vida
			Espaço produção
	Espaço disputa		
Contradições	Agronegócio	Multinacionais	
		Latifundiários	
		Estado Brasileiro	

Fonte: Adaptado com contribuições do Entrevistado S.A.G. (dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS), KRAUSER, 2015.

Na construção do plano camponês, surge o debate da agroecologia, pois entende-se que o camponês tem como atribuição a produção de alimentos saudáveis. O MPA entende que a agroecologia tem um significado produtivo prático, mas também tem um significado político ideológico e faz parte da luta de classes no campo e na cidade (KRAUSER, 2015).

Para Silva *et al.* (2019), o programa camponês é uma proposta “aberta” e em “expansão”. Nesta mesma linha, M.T.S. (dirigente do movimento, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ) reitera a importância do plano camponês e menciona que o mesmo está em construção e necessita de amplo debate ao que ele chama de “autoconhecer-se”. Nesta mesma perspectiva o entrevistado coloca:

O Plano Camponês é um processo de construção de uma estratégia de desenvolvimento, pra que se tenha uma vida digna no campo, para o homem e para a mulher do campo. Ele se constitui numa ideia, numa proposta elaborada por um pequeno grupo e discutida de forma coletiva na massa do movimento [...] uma estratégia de autonomia e de afirmação do campesinato, do camponês, da camponesa e ao mesmo tempo é uma forma de se fazer enfrentamento, não é uma luta armada, não é só uma luta ideológica, mas também é [...] não tá fechada, a gente está em processo de desenvolvimento, é um processo de autoconhecer-se enquanto camponês nas regiões onde nós estamos, é um processo também de resgate do conhecimento [...] (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

Assim sendo o camponês, o campesinato e o plano camponês têm “[...] caráter antagonico ao modelo do agronegócio e representa os esforços das famílias camponesas organizadas no MPA e de intelectuais ligados ao movimento da construção de um projeto estratégico para o campesinato brasileiro” (KRAUSER, 2015, pag. 9).

A discussão das sementes crioulas no plano camponês é um tema que une diferentes elos do campesinato. Debates relacionados a produção, comunidade camponesa e soberania genética e alimentar se fundem gerando a necessidade de formular uma estratégia específica para tratar deste tema junto aos camponeses. Neste sentido surgem a compreensão e o estudo dos sistemas camponeses de produção- SCP, como sistemas altamente diversificados e heterogêneos, com pouca ou nenhuma entrada externa de insumos, de alta eficiência energética e produtiva e que respeita os ciclos da natureza. Para Silva *et al.* (2019), estes sistemas têm nos biomas sua base ecológica e na cultura camponesa sua base social.

As características dos SCP têm origem da observação camponesa na natureza e do manejo da agrobiodiversidade. A partir desta perspectiva de interação ocorre a seleção de plantas e animais dando origem aos materiais crioulos que conhecemos hoje e que coevoluem com os camponeses e com o campesinato.

Sistemas Camponeses de Produção são sistemas de produção altamente diversificados, tendo como base social as famílias das comunidades camponesas que integram produção animal e vegetal (agrícola e florestal), que priorizam a produção para o auto consumo e para o mercado local, que preservam os recursos ambientais estratégicos como: água e biodiversidade, combinam plantios anuais com plantios perenes, utilizam ao máximo insumo de origem local, utilizam os subprodutos de uma produção para a outra e pela diversificação buscam a sustentabilidade geral do sistema, buscam a autonomia genética e tecnológica e integram novos conhecimentos e novas técnicas ao conhecimento já existente, sem deixar que eles desintegrem o sistema (MPA 2007).

Na organização do plano camponês um dos eixos trata do tema da soberania.

Entendendo que o papel central do campesinato é a produção de alimentos, fica imprescindível discutir o tema. Inicialmente, dentro desta perspectiva da soberania, o MPA tratava de uma forma mais intensa e elaborada a soberania alimentar. Porém, dentro da perspectiva da produção de alimento e de uma nação soberana, a organização ampliou esta discussão e apresenta cinco soberanias na elaboração do plano camponês: Hídrica, Alimentar, Genética, Energética e Territorial. Mas para o dirigente do MPA, S.A.G. (dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS) existe a “soberania do saber” que necessita ser aprofundada no plano camponês. Silva *et al.* (2019), a chama de “soberania do conhecimento”. Estas questões afirmam e ressaltam que o plano camponês está em construção, que precisa ser resgatado e discutido.

[...] Já estava formulado “Soberania Alimentar e Soberania Energética”, esses dois já existiam formulação, mas o conceito do resgate das sementes, da proteção das sementes, como um conceito estratégico para o campesinato, de “Soberania Genética”, incluindo sementes, mudas, raças e agora incluindo também microorganismos, essa formulação acontece dentro do MPA, através de uma troca intensa de informações e reflexões até que alguém teve o estalo e disse: Soberania Genética [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Nesta mesma linha teórica Silva *et al.* (2019), afirma que a soberania genética desafia o campesinato a construir estratégias de acesso e controle sobre a biodiversidade como patrimônio dos povos a serviço da humanidade. Ele afirma ainda que partir do entendimento deste conceito será possível conviver com os diferentes ecossistemas.

Elucidando a importância do tema da soberania alimentar em outubro de 2015, no 1º Congresso do MPA, em São Bernardo do Campo/SP, se afirma o papel do campesinato na produção de alimentos em que se destaca a importância da Soberania Alimentar e a relação com a cidade tendo centro de discussão o seguinte lema: “Plano Camponês – Aliança Camponesa e Operária por Soberania Alimentar”.

Görgen (2019) ao falar de nação soberana refere-se a importância de uma agricultura forte e que para isso os SCP cumprem esse papel, pois são diversos e estáveis e garantem a autonomia das famílias. Pois segundo ele “soberania começa em casa”.

O MPA ao falar de sementes crioulas, ressignifica este conceito afirmando a incorporação de outras formas de propagação vegetal e também utiliza-o para se referir as raças crioulas como os “porcos Paleta Branca¹⁴”, “ovinos crioulos” e as “galinhas rinheiras¹⁵”, que são muito comuns no RS. Também é muito comum utilizar este conceito para se referir a variedades de frutas antigas e para as plantas medicinais. Nesta perspectiva o conceito de semente crioula transcende o conceito acadêmico de que uma semente é a forma de propagação das plantas superiores pertencentes ao grupo das Espermatófitos. Para Silva *et al.* (2019), ao conceituar as sementes crioulas menciona também os materiais vegetativos, raças de animais e a biologia do solo.

A soberania genética, através do conceito das sementes crioulas surge como ponto estratégico nos SCP pelo fato de permitirem a produção de um alimento saudável, diminuição dos custos de produção e autonomia dos camponeses. Permitindo aos mesmos o domínio dos processos tecnológicos de produção, contribuindo para o aprimoramento do conhecimento

¹⁴ Raça de porco muito criada por camponeses no Rio Grande do Sul. Porte médio, de pelagem preta com faixas brancas nos membros anteriores. Sua origem está no cruzamento de raças chinesas que produzem banha com a raça Norte Americana Hampshire.

¹⁵ Raça de galinhas criada no RS. Muito ágeis e rústicas. O nome tem origem devido utilizarem os machos para fazerem “rinha”. Um espécie de “Jogo” em que dois machos duelam. Cabe ressaltar que está prática é proibida hoje. No nordeste esta raça pode também ser conhecida como “galinha caipira” ou “galinha de capoeira”.

camponês.

[...] É uma soberania camponesa fundamental. Sem ela não há soberania alimentar. Ela é muito mais ampla que o resgate das sementes. É fundamental para um projeto de produção de alimentos em larga escala com controle sobre as sementes, mudas, raças animais e o uso adequado dos microrganismos de interesse pra garantir um novo modelo, um novo sistema de produção de alimentos, preservação de paisagens, serviços ecossistêmicos para ter ar puro, a água limpa, alimento sem veneno, planeta preservado [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

2.3 Sementes Crioulas: Caminho para a vivência do Plano Camponês

As sementes crioulas surgiram junto com o descobrimento da agricultura pelas mulheres, também neste mesmo período surgiram as primeiras “melhoristas” de plantas e animais. Tal fato aconteceu após o chamado período de domesticação das espécies a 11.000 mil anos (RAVEN *et al.*, 1996).

As sementes crioulas, nativas, tradicionais, *landraces*, semente da vovó e do vovô, sementes da paixão - nomes não faltam quando o tema é agrobiodiversidade. Para Trindade (2006), as sementes crioulas são aquelas utilizadas e manejadas pelas comunidades tradicionais nas suas lavouras, com características peculiares e por não terem sofrido modificações genéticas como, por exemplo, a transgenia e o melhoramento genético. Para Pelwing, Frank e Barros (2008, pag. 395) “são plantas cultivadas que só foram melhoradas pelas mãos de agricultores e agricultoras”.

No que tange a legislação brasileira, temos o seguinte conceito:

XVI- cultivar local, tradicional ou crioula são variedades desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades e que, a critério do MAPA, considerados também os descritores socioculturais e ambientais, não se caracterizem como substancialmente semelhantes às cultivares comerciais. (BRASIL, Lei no 10.711, de 5 de agosto de 2003. Art. 2, inciso XVI).

Para o MPA e segundo Trindade (2006); Görden (2017), sementes crioulas é um conceito um pouco mais amplo que a semente em si. Nesta mesma linha de raciocínio, Görden (2017) exemplifica tal fato mencionando além das plantas cultivadas os animais, flores, árvores nativas, frutas, ervas e plantas medicinais.

As sementes crioulas são aquelas mantidas e melhoradas pelos camponeses através da interação do ambiente e de seus interesses, por isso elas são únicas das comunidades e devem ser preservadas. Dentro do projeto estratégico do MPA que é o plano camponês, a continuidade da agricultura camponesa, forte, autônoma, dinâmica e diversificada depende da capacidade do camponês e da camponesa em conhecer, resgatar e produzir utilizando as sementes crioulas. Pois as sementes crioulas dependem dos camponeses e das camponesas, assim como os camponeses e as camponesas dependem das sementes crioulas (ALBARELLO; SILVA; GÖRGEN, 2009).

As sementes crioulas fazem parte da soberania genética, entendida por Albarello; Silva e Görden (2009) como a capacidade de um povo, uma nação, de controlar, deter e dispor de uma base genética de seres vivos para as necessidades vitais de seus cidadãos e cidadãs (alimentação, medicina, energia, insumos agrícolas, produtos veterinários) e para o equilíbrio de seus biomas e ecossistemas.

Falar em sementes é falar em alimento. Para Mazoyer & Roudart (1998) a alimentação dos diferentes locais, evolutivamente, é resultado da agricultura dos povoados de cada região.

A vinda dos portugueses e dos demais europeus para a América foi um dos pontos-chaves para que as mudanças alimentares ocorressem através da inserção de espécies vegetais e animais de outras locais. Além disso, a consolidação de rotas de comércio e cultivos comerciais nos continentes (PESSANHA, 1995), como a cana-de-açúcar no Brasil também contribuíram para estas mudanças (PELWING, FRANK e BARROS, 2008).

A chamada “modernização da agricultura” é resultado da revolução industrial e da revolução verde. Estas mudanças geram modificações das paisagens agrícolas e alterações nos processos ambientais, além de ter como característica marcante a alteração na cultura local, através das mudanças relacionadas às técnicas e práticas nos sistemas de produção. Exemplo clássico deste impacto é a perda da cultura dos mutirões de semeadura e/ou colheita e a troca de sementes entre os agricultores camponeses.

Este período citado anteriormente se dá a partir dos anos 50, com a política de crédito implementada, bem como seu pacote tecnológico que se constituía no abundante crédito subsidiado, bancado pela poupança interna. Este novo formato baseava-se em crédito subsidiado, o que levou a forte adesão do “Pacote Tecnológico” proposto, baseado em agroquímicos e “sementes melhoradas”. O fomento desta “nova forma de produção” reduz drasticamente a agrobiodiversidade, pois modifica e afeta negativamente os sistemas de produção locais e conseqüentemente coloca em risco a segurança alimentar e a autonomia das famílias.

A modificação dos sistemas locais de produção, resultado da nova política agrícola, baseado na monocultura junto com a substituição dos insumos locais, principalmente os ligados à fertilidade do solo e as sementes trouxeram consigo a erosão genética¹⁶. Como reflexo disso temos hoje a insegurança alimentar. Tal fato pode ser justificado pela padronização alimentar alicerçada em poucas espécies vegetais.

A revolução verde aumentou a produtividade da agricultura, porém o problema central não foi resolvido, que é a fome no mundo. Como contrapartida tantos outros foram criados: como os problemas ambientais, perda da agrobiodiversidade, contaminação genética, concentração de renda, terra entre outras.

A partir da década de 70, conforme Gaifami et al. (1994) e Almeida & Cordeiro (2002), esta preocupação com o modelo agrícola, logo com as sementes, se aflora. Neste sentido os movimentos sociais do campo a partir do seu surgimento começam a debater e construir um novo modelo agrícola tendo como base a agroecologia. Sendo assim o tema das sementes crioulas e da segurança genética, tornam-se centrais para estas organizações, por serem de extrema importância para a soberania genética e autonomia das famílias camponesas.

Para Sobrinho & Ramos (2016) as sementes crioulas são verdadeiras relíquias camponesas e são selecionadas de geração para geração de forma natural. Este cuidado normalmente está sob o domínio da família-guardião (OLANDA, 2015). Estes mesmos guardiões através de suas necessidades e em coevolução com o ambiente selecionam suas sementes adequando à especificidade de cada lugar, de cada microclima e bioma.

O Banco ou casa de Sementes¹⁷ conforme Sobrinho e Ramos (2016) são espaços coletivos em que os agricultores armazenam e trocam sementes. Para os autores estes locais mantêm a dignidade camponesa, preservam as sementes e fomentam a produção camponesa.

¹⁶ Erosão Genética é a perda de variabilidade genética dentro de uma mesma espécie/ população, ou seja, quando se perde variedades. Do ponto de vista genético trata da perda de alelos. Logo se têm no processo de erosão genética plantas e populações com poucos alelos no mesmo gene. Como resultado final este processo desencadeia em perda de diversidade genética.

¹⁷ O termo casa de sementes é utilizado pelo MPA. No nordeste as experiências da Articulação do Semi-Árido Brasileiro- ASA e da ONG ASPTA com sementes crioulas padronizaram o termo banco de sementes

As ações coletivas, como as casas de sementes, contribuem para a busca da autonomia coletiva dos camponeses e apoiam a construção de um novo modelo agrícola mais sustentável e inclusivo. As casas de sementes e as pequenas unidades de beneficiamento de sementes, através da figura das famílias guardiãs são de extrema importância para a manutenção das sementes crioulas e contribuem segundo Nascimento, Ehrich e Moreira (2012) para o coletivismo. Pois através destes espaços é possível construir uma nova educação do campo, baseada nos princípios da agroecologia.

As casas de sementes propiciam a autossuficiência dos agricultores e agricultoras familiares no abastecimento de sementes e na segurança alimentar das comunidades, bem como atuam na manutenção da cultura local. Guardar as sementes crioulas é tão antigo como a própria agricultura e neste sentido, quando sob a guarda dos camponeses (as), as mesmas mantêm-se como patrimônio da humanidade.

Para Pelwing, Frank e Barros (2008) existem várias formas diretas e indiretas de recuperar e manter as sementes e variedades tradicionais. Entre elas o autor cita as Unidades de Beneficiamento de Sementes.

Devido a importância do tema das sementes crioulas, da guarda coletiva para a construção de um novo modelo agrícola e da experiência que o MPA tem acumulado ao longo dos seus 22 anos, o presente projeto tem por finalidade realizar um estudo em diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul nesta temática. A fim de sistematizar e conhecer sobre esta história, bem como verificar e analisar os fatores que levaram a construção da UBS e da guarda coletiva consolidada neste espaço de produção, a pesquisa terá como finalidade mensurar os avanços e apontar perspectivas a fim de aprimorar a estratégia política do movimento para o tema.

2.4 Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil Ltda. (COOPERFUMOS DO BRASIL) e a Unidade de Beneficiamento de Sementes

A Cooperativa Mista do Fumicultores do Brasil Ltda. surge a partir de uma série de debates que permearam a discussão sobre organização dos camponeses produtores de fumo na região fumageira. Nasce da necessidade de diversificação da produção agrícola nas áreas onde a atividade tabagista se intensificou, buscando alternativas viáveis à cultura do fumo. A escolha da sede em Santa Cruz do Sul se deu exatamente por ser este município berço das grandes empresas fumageiras.

Em 2015 a Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil LTDA (COOPERFUMOS DO BRASIL) abre uma filial no município de Encruzilhada do Sul/RS. Além de trabalhar com os guardiões, com algumas casas de sementes, participar e promover feiras e espaços de trocas de sementes crioulas, a entidade se desafia junto a filial massificar a produção de sementes crioulas e inaugura neste mesmo ano uma Unidade de Beneficiamento de Sementes (UBS). O espaço industrial possui capacidade para beneficiar 400 toneladas de sementes/ano.

A construção desta unidade vem ao encontro da proposta do MPA, pois além de que procura avançar no plano camponês, fortalece a proposta da cooperativa ao auxiliar a estratégia central da entidade pautada na diversificação das propriedades. Em outubro de 2017, na primeira Festa e Feira de Sementes Crioulas de Encruzilhada do Sul recebe esta unidade o nome de José Gilberto de Oliveira Tuhtenhagem¹⁸. O evento festivo, técnico e político ficou marcado pela centenas de agricultores e lideranças de todo o estado que

¹⁸ Gilberto foi um dos fundadores e dirigentes do MPA. Também foi fundador da Cooperfumos o qual presidiu por bom período esta entidade. Na construção da UBS em Encruzilhada do Sul teve papel importante não só na formulação, mas também na implementação da proposta junto ao município e região.

circularam no espaço da feira, enfatizando e reforçando a importância da liderança homenageada e do tema para a agricultura.

Hoje, estão associados a Cooperfumos camponeses e camponesas produtoras ou não de tabaco organizados através do MPA. A cooperativa é um instrumento de organização e fortalecimento das famílias camponesas e desde sua fundação, em 15 de março de 2004 vem desenvolvendo vários projetos no intuito de melhorar a qualidade de vida e a geração de renda das famílias camponesas.

A partir do plano camponês, o MPA assume algumas tarefas estratégicas para alcançar a soberania genética e alimentar do Brasil. O trabalho da cooperativa somado ao papel da UBS são instrumentos centrais neste processo. No caso da UBS, cabe ressaltar que a mesma se complementa com as casas de sementes e tem como foco as seguintes tarefas: - resgatar as sementes, raças e mudas, em suas variedades, diversidade e em quantidades; - identificar, recuperar e desenvolver técnicas populares e replicáveis para recuperação, armazenagem, conservação e melhoramento desta base genética; - buscar e garantir autonomia científica e tecnológica na produção e melhoramento de sementes e material genético; - divulgar as experiências existentes visando construir e reconstruir uma cultura de resgate, conservação, melhoramento e multiplicação de sementes, raças e mudas sob controle popular camponês.

3 A CONCEPÇÃO METODOLÓGICA E O TRAJETO DA PESQUISA

Este capítulo está estruturado em dois itens, visando a descrição da concepção metodológica e o trajeto de pesquisa adotado. Inicialmente é apresentada a opção metodológica da pesquisa, o plano e as estratégias adotadas envolvendo a seleção dos sujeitos da pesquisa, área de abrangência e a definição do espaço amostral. Na sequência são descritas as etapas de pesquisa que foram seguidas

3.1 A Opção Metodológica da Pesquisa

O estudo de caso é apenas uma das muitas maneiras de se fazer pesquisa em ciências sociais (YIN, 2003). Trata-se de um procedimento metodológico que objetiva explicar como e por que determinados fatos e ou eventos acontecem ou quando o entendimento de uma ação ou fato só tem sentido dentro do contexto social no qual ele está inserido (GODOY, 1995).

Assim sendo “[...] a coleta de dados segue um plano formal, mas as informações específicas que podem se tornar relevantes a um estudo de caso não são previsíveis imediatamente” (YIN, 2003, p.82), podendo o estudo de caso ser classificado como ferramenta exploratória e explanatória.

Nesta dissertação foi realizado um estudo de caso da experiência do Movimento dos Pequenos Agricultores com as sementes crioulas no Estado do Rio Grande do Sul.

Adotando uma vertente metodológica interpretativa buscou-se trabalhar dados qualitativos e quantitativos através da análise documental e de entrevistas dirigidas a pessoas consideradas importantes na concepção, implantação e vivência do Movimento dos Pequenos Agricultores no Brasil. Foram levantados na pesquisa gargalos e oportunidades que o Movimento trouxe para a realidade camponesa bem como de sua influência na segurança alimentar, soberania genética e na manutenção das sementes crioulas dada pela articulação das casas de sementes e a UBS em seus mais diferentes enfoques.

3.2 O plano de Trabalho e as Estratégias de Pesquisa

Um primeiro momento da pesquisa foi dedicado à construção do panorama histórico das ações do Movimento dos Pequenos Agricultores no Rio Grande do Sul, desde seu surgimento em 1996. Em um segundo momento a pesquisa buscou identificar os gargalos e as oportunidades vinculadas as ações do movimento dos pequenos agricultores no Rio Grande do Sul. Em um terceiro momento buscou-se conhecer o papel da Cooperfumos do Brasil para o fortalecimento da identidade MPA.

3.2.1 Definição da área de abrangência da pesquisa

Os locais de estudo foram as regiões do Estado do RS em que o MPA está presente realizando o trabalho relacionado as sementes crioulas, envolvendo as regiões dos COREDEs: Sul, Vale do Rio Pardo, Noroeste Colonial e Campanha. A Figura 1 a seguir ilustra o Mapa do Rio Grande do Sul, dividido nas regiões do COREDE.

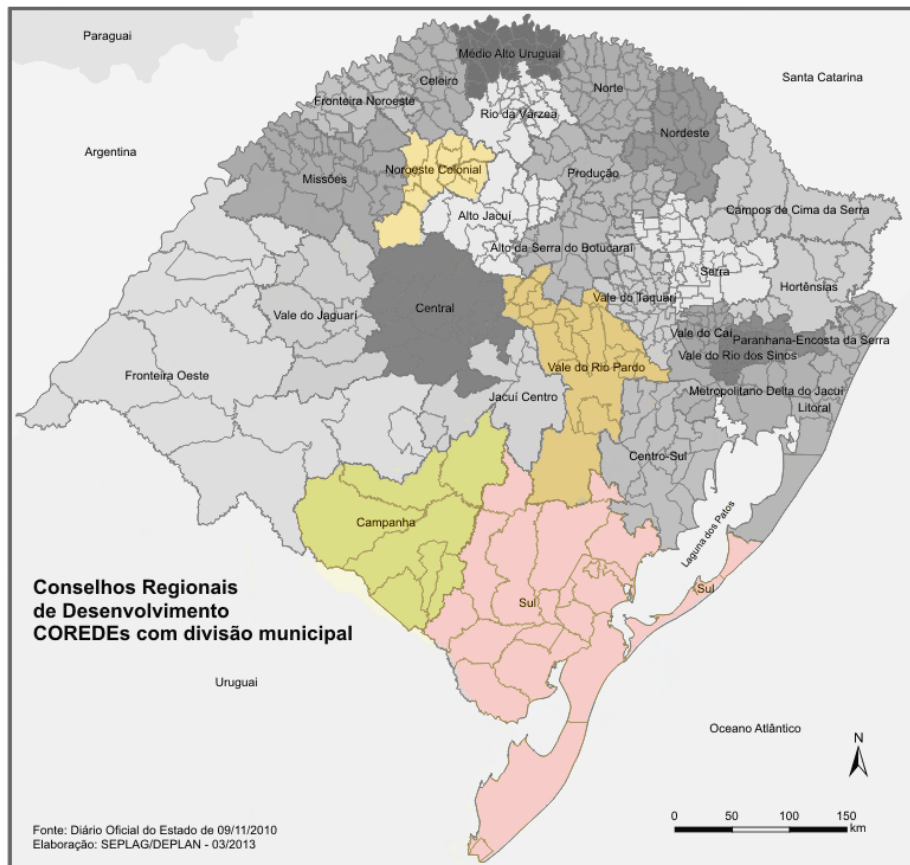


Figura 1. Mapa do Rio Grande do Sul, dividido nas regiões do COREDE.
 Fonte: ATLAS SOCIOECONMICO, 2018.

3.2.2 Elaboração dos questionários para coletas de dados no campo

Para a coleta de dados em campo foram elaborados questionários, os quais foram aplicados aos diferentes atores sociais envolvidos na implantação e vivência do Movimento dos Pequenos Agricultores no Brasil, bem como aos responsáveis pela unidade de Beneficiamento de Semente (UBS) e aos agricultores. Os questionários estão apresentados nos anexos.

Os questionários foram aplicados de diferentes formas, sendo que todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Como mencionado as aplicações variaram devido ao COVID 19¹⁹, devido a pandemia algumas delas foram realizadas presencialmente e outras foram via ferramentas da web como ligações, chamadas de Whatsapp e Skype.

¹⁹ Em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, (BRASIL, 2020). A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo COVID-19 constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia e até 04 de setembro de 2020 já foram confirmados no mundo 26.171.112 casos de COVID-19 (285.387 novos em relação ao dia anterior) e 865.154 mortes (6.014 novas em relação ao dia anterior) (OPAS, 2020).

3.2.3 Definição do espaço amostral da pesquisa

Inicialmente será realizado o resgate histórico da concepção do Movimento dos Pequenos Agricultores e da concepção, elaboração e implantação da unidade de beneficiamento de sementes do Rio Grande do Sul vinculada ao MPA. Foram realizadas análises documentais em documentos do MPA e da Cooperativa, bem como outros documentos pertinentes.

Foram entrevistados os idealizadores do movimento, técnicos responsáveis pela produção, manuseio e armazenamento das sementes nas unidades de beneficiamento e agricultores.

A pesquisa científica, entendida como um processo formal de desenvolvimento de um método tem o objetivo de encontrar respostas para os problemas apresentados pelos diferentes campos da ciência (GIL, 1985). Em meio aos diferentes métodos existentes, deve-se eleger aquele que se amolde com mais precisão aos objetivos da pesquisa e as condições nas quais ela será realizada.

Nesta pesquisa adotamos a amostragem em formato de “bola de neve”, a qual está incluída no grupo de amostragem não probabilística que é aquela onde as amostras são selecionadas por critérios eleitos pelo pesquisador visando atender os objetivos específicos do estudo.

Esta metodologia de amostragem traz como principal vantagem a possibilidade de reunir com facilidade e baixo custo uma população que dispõe de informações significativas sobre o assunto em estudo. Assim sendo, nesta dissertação os atores sociais escolhidos para compor a amostra foram aqueles que têm condições de contribuir com o estudo. Em sua dinâmica, a abordagem aqui adotada permitiu que os entrevistados indicassem para o pesquisador outros indivíduos com o perfil desejado para serem entrevistados.

Esse procedimento foi repetido até que se constatou que as respostas e conteúdos tornaram-se repetitivos, sem que haja acréscimo de conteúdos significativos e relevantes aos objetivos da pesquisa.

As entrevistas foram construídas com perguntas orientadoras organizadas em questionário. De acordo com o perfil do ator social e o envolvimento com o tema se procurou direcionar as entrevistas, bem como as perguntas. Após a realização da intervenção em campo foi feita a análise de conteúdo do discurso dos atores envolvidos, e a categorização das respostas visando à construção do panorama histórico e social.

3.2.4 Atores sociais entrevistados

Para a realização desta pesquisa que culmina nesta dissertação foram entrevista os principais idealizadores e dirigentes que fizeram e que fazem parte do MPA. Estas pessoas além de fazerem parte da organização tem ligação direta com o tema das sementes e suas diferentes abordagens, seja na construção da concepção e elaboração teórica ou na prática cotidiana das ações.

Entrevistada R.C.L.- É uma camponesa agroecologista, tecnóloga em agropecuária pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, polo Caxias do Sul (UERGS- Caxias do Sul) e mestre em agroecologia e desenvolvimento rural sustentável pela Universidade Federal Fronteira Sul em Laranjeiras do Sul no Paraná (UFFS- Laranjeiras do Sul), moradora do município de Paraíso do Sul/ RS. Atua no MPA a 17 anos, faz parte da coordenação Nacional do MPA e é uma das fundadoras da Cooperfumos do Brasil. No MPA atua no coletivo de Mulheres e de Produção.

Entrevistado M.S.S.- Camponês natural de Canguçu/ RS, atualmente compõe a direção da Cooperfumos do Brasil. É Técnico em Agropecuária e Engenheiro Agrícola pela Universidade de Santa Cruz do Sul- UNISC. Morador do município de Santa Cruz do Sul.

Faz parte da Coordenação Nacional do MPA e atua no coletivo de produção desde quando começou a participar da organização a 16 anos.

Entrevistado P.K.- Camponês guardião de sementes crioulas. Reside em Panambi onde organiza o MPA principalmente pelo trabalho que desenvolve com a casa de sementes Mãe Terra. Militante do MPA desde sua fundação faz parte da Coordenação Estadual do MPA no Rio grande do Sul. Também militou junto ao MST e fez parte da coordenação da CPT. Seu principal trabalho junto ao MPA é o fomento ao uso de sementes crioulas e disseminação e construção de casas de sementes.

Entrevistado M.T.S.- Natural da Região Metropolitana de Porto Alegre, atualmente mora no Rio de Janeiro onde contribui junto ao MPA na coordenação estadual, Engenheiro Agrônomo de profissão, formado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS e mestrando em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE) na UFRJ. Militante do MPA desde 2004 quando fez parte da Secretaria Nacional, atuando na coordenação de um projeto de assistência técnica e extensão Rural junto ao Ministério de Desenvolvimento Agrário- MDA. Compõe a Via Campesina e atua com pequenos agricultores e em processos de formação técnica e política, sendo membro do Coletivo de Relações Internacionais do MPA. É secretário executivo do Fórum Nacional de Luta contra os Impactos dos Agrotóxicos, órgão ligado ao Ministério Público do Trabalho e ao Ministério Público Federal. Como representante do segmento da agricultura familiar, é membro da Câmara Setorial dos Povos Indígenas, Comunidades Tradicionais e Agricultores Tradicionais, detentores de Conhecimentos Tradicionais Associados ao Patrimônio Genético - CGEN do Ministério do Ambiente. É membro do Grupo de Trabalho sobre Biodiversidade da Articulação Nacional de Agroecologia-ANA. Desde 2006, acompanha as questões ambientais relacionadas com a alimentação e agricultura nos espaços multilaterais da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) e a sua implementação no quadro jurídico nacional, bem como o Tratado Internacional sobre Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e Agricultura (ITPGRFA/FAO) e a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas. Participa na coordenação do Grupo de Trabalho sobre Biodiversidade Agrícola do Comitê Internacional. Na Via Campesina acompanha os Coletivos de Agroecologia, Biodiversidade e Sementes e no de Políticas Públicas da Via Campesina Internacional, tendo sido membro da coordenação do Grupo de Trabalho em Biodiversidade Agrícola do Comitê Internacional de Planificación para la Soberanía Alimentaria (CIP).

Entrevistado S.A.G.- Religioso da ordem Franciscana, natural de Não-Me-Toque, Fundador do MPA, faz parte da direção nacional do movimento. Morador do Assentamento Conquista da Fronteira em Hulha Negra/ RS, Coordenador do Instituto Cultural Padre Josimo- ICPJ. Atuou e militou junto ao MST e CPT.

Entrevistado O.S.- Camponês residente de Caseiros/ RS, militante do MPA desde seu nascimento, fez parte da coordenação da Cooperativa Mista de produção e Comercialização Camponesa do Rio Grande do Sul- CPC do RS onde atuava na execução de políticas públicas como o Programa de Aquisição de Alimentos- PAA. No MPA fez parte do coletivo de produção, onde protagonizou estadualmente a discussão da importância e a estratégia das sementes junto as famílias camponesas.

Entrevistado L.G.F.- Camponês residente de Arroio do Tigre, RS, camponês guardião de sementes crioulas. Técnico Agrícola e compõe a equipe técnica da Cooperfumos, também faz parte da coordenação estadual do MPA. Junto a Cooperativa CPC- RS acompanhou o primeiro PAA- sementes²⁰ que o MPA realizou.

²⁰ O PAA- sementes faz parte a do Programa de Aquisição de Alimentos da agricultura familiar – PAA, que foi criado em 02 julho de 2003, por meio do artigo 19 da lei nº 10.696 e tem por finalidade promover o acesso à alimentação e incentivar a agricultura familiar. Já o Decreto nº 7.775, de 04 de julho de 2012, autoriza a

4 SEMENTES EM MOVIMENTO: A TRAJETORIA DOS AGRICULTORES

Este capítulo tem por objetivos apresentar o Movimento dos Pequenos Agricultores-MPA, seu histórico e o Plano Camponês, como uma estratégia política da organização. Serão apresentados os primórdios do nascimento do movimento, suas conquistas, entidades parceiras bem como descrever uma das suas principais bandeiras de luta que é a soberania genética e como ela está organizada estrategicamente na perspectiva do plano camponês, pautada no conceito mais amplo das sementes crioulas. A partir desta análise e conceitos apresentar os gargalos e as oportunidades, bem como descrever a importância da UBS para o MPA.

4.1 Um Pequeno Gigante- o Movimento Pequenos Agricultores- MPA

O Movimento dos Pequenos agricultores- MPA nasceu em 1996, é um movimento social do campo formado por agricultores dos extratos mais pobres do campesinato. Como movimento está organizado em conjunto a outras organizações sociais do meio rural a partir da Via Campesina, a qual é composta por outras organizações, tais como: Movimento de Atingidos por Barragens (MAB), Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e Pastoral da Juventude Rural (PJR). Tanto o MPA quanto os demais atores que compõem a Via Campesina, buscam a construção de uma nação soberana, animada pelo horizonte e pelos valores de uma sociedade socialista, chamado de “Projeto Popular para o Brasil”.

É um movimento social que tem como pretensão organizar uma parte da massa de camponeses do Brasil buscando em primeiro momento, basicamente política pública e hoje o movimento acabou tendo uma plataforma política de construção de um projeto popular no Brasil chamado Plano Camponês (M.S.S., dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/20, Santa Cruz do Sul, RS).

O MPA se coloca como um movimento contemporâneo que se consolidou ao longo da sua jovem história como um movimento social camponês, de massa, autônomo, de caráter popular nacional. É dirigido pelos próprios agricultores que se organizou em pequenas células em suas comunidades, denominados grupos de base. Cabe ressaltar que o movimento está em quase todos os biomas do país, com exceção do Pantanal.

Sua história de caracteriza como de lutas e conquistas. Sua primeira grande conquista foi o crédito agrícola. O crédito tem uma simbologia muito forte no que tange o acesso a políticas públicas agrícolas, pois representa a luta pela sobrevivência da classe camponesa, por dignidade e reconhecimento de suas características culturais. Ou seja, reflete a identidade camponesa.

Para M.T.S. (Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ) a principal marca desta organização é a discussão do conceito de soberania alimentar, que envolve a luta pela terra, a permanência nela com uma vida digna. É um movimento que discute, luta pelo reconhecimento, pelo fortalecimento e pela afirmação da existência de uma classe camponesa e isso o distingue de outros movimentos.

O movimento tem com bandeira principal o resgate da identidade camponesa e a luta por uma vida mais digna no campo através da produção de alimentos saudáveis, com respeito a natureza, para alimentar o povo brasileiro e tendo como base os processos agroecológicos. Tem como formulação política-estratégica o Plano Camponês, onde o campesinato e o

destinação de até 5% do orçamento anual do PAA para aquisição de sementes, mudas e outros materiais propagativos.

camponês são pontos centrais para a construção da soberania alimentar, genética, hídrica, energética, territorial e de sabedorias necessárias para a produção de alimentos. Deste modo, o Movimento dos Pequenos Agricultores dialoga intimamente com o plano camponês, ambos construídos como fruto de muitos debates de forma crítica e continua visando atender dois pilares fundamentais que norteiam suas pautas políticas.

1) condição de viver bem no campo com renda, educação de qualidade, moradia digna e reforçando a identidade e a cultura camponesa e;

2) a produção de alimentos saudáveis respeitando a natureza, para alimentar o povo brasileiro.

É sobre estes pilares balizadores que a organização firma a importância de um Estado forte para desenvolver ações que fortaleçam iniciativas de produção de alimentos, numa estratégia de soberania. Para tanto, políticas públicas voltadas à realidade camponesa como crédito subsidiado, seguro agrícola, mecanização camponesa, acesso as sementes e mudas, assistência técnica, apoio a agroindústrias camponesas entre outras precisam ser pautadas e implementadas. Destaca-se, entretanto, que o projeto do MPA só tem viabilidade plena ao estabelecer uma relação direta do campo com a cidade, através de relações recíprocas e conjuntas entre a produção dos agricultores e os trabalhadores urbanos. Ou seja, que os agricultores possam produzir de forma digna seus alimentos, sendo remunerados justamente para isso e que, paralelo a isso, os trabalhadores urbanos possam ter acesso a estes alimentos com garantia de qualidade.

4.1.1 Surgimento do MPA: a origem

Durante as décadas de 70 e 80 do século XX, ocorreram no Brasil muitas lutas no campo e na cidade em oposição ao regime de ditadura estabelecido nesta época. Este período marcou mudanças muito profundas na sociedade brasileira, representando, 21 anos de muita luta e repressão.

Durante esta época histórica, que se observou no Brasil um enfrentamento ao processo ditatorial que o Brasil passava. Vozes do povo clamavam por mudanças, por liberdade de expressão e por direitos, culminando no movimento das “Diretas já”. Este movimento político começou em maio de 1983 e que terminou em janeiro de 1985 com as eleições indiretas, o qual elegeu a Chapa do Partido Movimento Democrático Brasileiro- PMDB composta por Tancredo Neves e José Sarney. Além do movimento “diretas já” surgiu no Brasil a luta pela realização de uma Assembleia Nacional Constituinte, trazendo consigo a luta por uma Constituição Democrática, com garantia de direitos, direito de organização, direito à terra, à vida digna. No ano de 1988 temos a consolidação de uma nova constituição federal.

Com o fim da ditadura e a criação da nova constituinte foram surgindo movimentos de base popular muito forte no Brasil exemplificando-se os movimentos de classe, os movimentos indenitários e os movimentos territoriais. O principal movimento de classe foi o movimento pela renovação, mas também de oposição sindical trazido especialmente por figuras emblemáticas como o ex-presidente da república, Luís Inácio Lula da Silva que na época representava o setor metalúrgico e o ex-governador do estado do Rio Grande do Sul- RS Olívio Dutra, que fazia parte do sindicato dos Bancários.

Esse movimento de indignação de novas pautas e anseios por representação se espalham pela sociedade e também chegam a o Campo como menciona um dos coordenadores do MPA do Rio Grande do Sul S.A.G.:

[...] Esse movimento veio para o campo e se destacou também nas chamadas oposições sindicais e ganharam alguns sindicatos de trabalhadores rurais no país todo. O mais simbólico foi o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém, no

Pará, que criou um movimento nacional de oposição sindical e formou um sindicalismo combativo, de luta, que não era mais meramente burocrático e assistencial, mas com forte organização de base [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

O sindicato de Santarém²¹ acaba se tornando um símbolo e o marco de um novo sindicalismo. No Rio Grande do Sul, houve inúmeras disputas sindicais quanto ao modelo de gestão e alguns sindicatos de trabalhadores rurais foram ganhos pela oposição e passaram a ter um impacto grande, implantado uma nova organização e trazendo a marca da reivindicação na luta. Os Sindicatos de Rodeio Bonito, Palmeira das Missões, Ibiraiaras, Miraguaí, Tenente Portela, Encruzilhada do Sul, Ronda Alta, Aratiba foram os primeiros a implantar a política do novo sindicalismo no campo.

Neste mesmo período, a ocupação da fazenda Macali em Ronda Alta/ RS em 07 de setembro 1979, marca a retomada de luta pela terra e de reforma agrária no Brasil. Esta é considerada a fundação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST, a qual tem sua fundação oficial em 1984 em Cascavel no Paraná.

Reflexo da insatisfação e da desigualdade social dos trabalhadores do campo brasileiro, essas duas matrizes - políticas e organizativa -, a renovação sindical e o MST, vão influenciar muito no surgimento futuro do Movimento dos Pequenos Agricultores.

Em paralelo aos eventos políticos, observa-se também, nos anos 70 e 80 do século passado, um amplo movimento de base na sociedade brasileira dentro das Igrejas Católica, Confissão Luterana, Anglicana, Metodista e algumas outras, com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e as pastorais sociais. No campo é criada a Comissão Pastoral da Terra, CPT, com objetivo de atuar na defesa dos camponeses. Somados, os movimentos políticos e as diferentes organizações religiosas, promoveram a conscientização de base, estimularam a organização e luta social em defesa de direitos tais como do acesso à terra, à previdência, entre outros. Somados às mudanças do comportamento de alguns cristãos ambos foram importantes no processo de criação e fortalecimentos das organizações sociais do campo.

[...] Através das CEBs e das Pastorais Sociais os cristãos passam a ler a Bíblia e a fé cristã em uma dimensão de compromisso social e a partir dali vão para o

²¹ O sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santarém tem uma simbologia muito forte no que tange o movimento nacional de oposição sindical do final da década de 70. Este novo sindicalismo combativo, de luta, que não era meramente burocrático e assistencial se organizava a partir da base e se torna referência neste período para muitos sindicatos do Brasil e acabam influenciando a organização do MPA, já que o mesmo tem na sua gênese no sindicalismo.

Em Santarém, formou-se, a partir de 1976, um grupo de trabalhadores identificados como Corrente Sindical Lavradores Unidos, que na segunda tentativa eleitoral teve sucesso em 1980. Inicialmente o sindicato envolvia questões dos assalariados e posteriormente a luta dos posseiros e pequenos proprietários e assim o STR de Santarém transformou-se numa referência local e nacional. (LEROY, 1998)

A rebeldia do sindicato de Santarém segundo Leroy (1998) pode ser percebida no I Congresso da CUT, em 1984 onde os camponeses obtiveram a criação de uma secretaria rural. Mas os trabalhadores rurais não queriam ser simplesmente massa de manobra na Central e, em novembro de 1984, pela primeira vez, realizaram um encontro de lideranças de trabalhadores rurais ligados à CUT, em Goiânia. Estiveram em 1985 no I Congresso do MST, mas, embora dessem todo apoio ao MST, não aderiram, por estimar que, no Norte, as lutas dos sem-terra eram encaminhas através da luta sindical e que um novo movimento não era necessário. Na ocasião avaliaram que, para que os trabalhadores rurais pudessem se afirmar, eles teriam antes que ser reconhecidos politicamente. Assim, mais do que investir em ações que pudessem reforçar a produção agrícola local, mais do que prosseguir na interiorização do movimento, eles priorizaram, conjuntamente com a sua socialização sindical no plano nacional, mas além dela, a ação política.

Hebette 2002 cita a influência e a importância do STR de Santarém no Pará relatando a conquista do sindicato em Gurupá, na foz do Amazonas, pelos lavradores e extrativistas, em 1986. Que culminou na criação do Movimento pela Sobrevivência da Transamazônica, em Altamira, em 1988.

compromisso político, vão para defesa dos seus direitos e participam de movimentos de ampla envergadura e vão fortalecer essas outras duas vertentes que surgem nesse momento. Esta movimentação ajudou a promover ampla democratização na sociedade, com intensa participação das bases [...] (S.A.G. dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Entre os movimentos identitários que surgiram com muita força nesse período, se destacou o movimento de mulheres trazendo pautas feministas. Surgiram também movimentos territoriais, destacando-se o indígena e quilombola, com suas particularidades e diferentes características identitárias.

No campo, as organizações mais expressivas eram o Movimento dos Atingidos por Barragens- MAB, que lutavam nas beiras dos rios, em resistência à construção de barragens. O Movimento dos Sem Terra- MST, que lutavam pela terra e reforma agrária e o novo sindicalismo que defendia e representava os pequenos agricultores, que tinham alguma terra ou que trabalhavam em regime de parcerias.

Com o processo de renovação sindical desponta no Brasil um sindicalismo rural mais popular, que organiza dentro da Central Única dos Trabalhadores- CUT. Entretanto, apesar da CUT- Rural se fazer presente no campo com um sindicalismo mais popular e de enfrentamento, um grupo de pessoas que faziam parte destes sindicatos começam a perceber que esta ferramenta de luta era frágil e de uma estrutura estabelecida de difícil ruptura e cheias de vícios. Segundo S.A.G. dirigente nacional do MPA que viveu este momento observava-se que:

[...] onde a oposição não ganhava a eleição sindical, a organização dos pequenos agricultores sentia muitas limitações para avançar. E chegou um momento em que houve uma composição entre movimento sindical Cutista com CONTAG, que expressava um sindicalismo mais conservador, sem envolvimento em lutas, um sindicalismo mais oficialista burocrático e assistencialista, No Rio Grande do Sul, então, isso era muito visível [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Foi durante este período que pequenos agricultores e alguns sindicatos começaram a questionar a forma tradicional e conservadora da Federação dos Trabalhadores na Agricultura- à FETAG, levantando críticas ao “Sindicalismo Cutista”. Ressalta-se que neste período, a CUT emergia dentro de uma perspectiva de renovação, porém devido a uma aproximação nacional com a Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares- CONTAG, o qual a FETAG também fazia parte, suas ações muitas vezes negligenciava a sua base. Para S.A.G. liderança que acompanha o MPA desde seu nascimento, o trabalho de formação realizado pelas CEBs e pelas Pastorais Rurais foram decisivos para criar este espírito de “rebeldia camponesa” e de liderança. Constatava-se que naquele momento o cenário neoliberal apontava para o fato dos agricultores viverem um momento difícil e sem representatividade em todo o território nacional.

[...] as pastorais sociais, de modo especial e CPT e a Pastoral da Juventude Rural- PJR, com intenso trabalho de base e de formação de lideranças, com as Romarias da Terra, disseminando pelo estado uma espécie de rebeldia popular camponesa. Naquele tempo a gente não usava a expressão “camponês” ainda, não era tão corriqueira [...] Olhando hoje, com um olhar pra trás, o sindicalismo acabava sendo uma limitação, pois não conseguia se expandir onde a oposição não conquistava a direção do sindicato. Ficavam imobilizados, porque a oposição não podia atuar, porque tinha que respeitar o sindicato, por causa do acordo nacional e isso criou certo impasse e esse impasse foi evoluído, e esse mal estar existia no país inteiro. Situações semelhantes eram identificadas em Rondônia, Espírito Santo, Piauí,

Paraná. A gente já vinha conversando entre nós, também no Paraná, Mato Grosso do Sul. Este debate foi se nacionalizando, dos limites do movimento sindical [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

No final do ano de 1995 e início do ano de 1996, houve uma estiagem severa no Rio Grande do Sul, o que causou perdas de praticamente 100% das lavouras (informação verbal)²². Alguns sindicatos, tais como de Palmeira das Missões, de Encruzilhada do Sul, de Rodeio Bonito, de Jabuticaba, Miraguaí, Tenente Portela, de Ibiraiaras, mobilizaram-se articulando debates com suas bases, com vias a buscar auxílio junto ao Estado.

[...] este pequeno grupo de sindicatos, com apoio das pastorais da Igreja, disseminaram a rebeldia e apostaram na luta [...]. O chamado para a luta da seca se espalhou como um rastilho de pólvora pelo estado afora. A base acreditou na mobilização. As lutas do MST inspiravam. Os sindicatos continuavam resistindo, achavam que era muito difícil fazer mobilização, achavam que o povo não iria para a estrada, que o agricultor não iria pra rua. O Sindicato de Palmeira das Missões ponteeu essa rebelião [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

E assim aconteceu. Num cenário de baixa representatividade dos sindicatos no auge da implantação das Políticas neoliberais, em Sarandi/ RS, em janeiro de 1996 se monta o “acampamento da Seca”. A adesão e a participação dos agricultores superaram as expectativas e na segunda semana com acampamentos em outras regiões foram mobilizados em torno de 25 mil agricultores (MPA, 2003). Os dois principais acampamentos aconteceram nos municípios de Encruzilhada do Sul e Sarandi.

[...] para nossa surpresa não vieram só duas mil pessoas. Em Sarandi nos primeiros dias eram mais de cinco mil pessoas e na segunda semana ultrapassou a 17 mil pessoas, um verdadeiro formigueiro de gente, trancou a rodovia bloqueou trânsito e aí surgiram acampamentos em outras regiões, também em Ibiraiaras, em Encruzilhada do Sul, em Erechim - foram estes os que mais se destacaram - totalizando em torno de 25 mil agricultores mobilizados [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

A pauta de reivindicação tinha como mote, as políticas agrícolas. Ela era curta e simples exigia crédito emergencial de R\$ 1.500,00 reais para cada família, Seguro Agrícola e Crédito Subsidiado para os Pequenos Agricultores.

Os agricultores sitiados às margens das rodovias reivindicavam essa pauta ao governo do Estado. Na época pleiteava-se do então governador do estado do Rio Grande do Sul, Antônio Brito, que o mesmo dirigisse ao Governo federal a demanda dos agricultores. Esta luta, além de introduzir um amplo debate na base quanto aos direitos dos agricultores de acesso ao crédito subsidiado e seguro agrícola também trouxe outros ganhos. Um deles foi o chamado “cheque seca”, no valor de R\$ 400,00 reais subsidiados pela União e operado pelo estado, através do Banco do Estado do Rio Grande do Sul S.A- BANRISUL.

Os 23 dias de acampamento em Sarandi foram o ponto histórico de ruptura política de dependência exclusiva do sindicalismo dos agricultores do campo. No acampamento existiam diferenças de método, de ideologia, de projeto político, de proposta de organização e de disposição de luta gerando assim o espírito para criar o Movimento dos Pequenos Agricultores.

²² Informação fornecida por Frei Sergio Gørgen na Reunião da Direção Estadual do MPA, em maio de 2018, na cidade de Soledade/ RS.

[...] Desde a decisão de puxar e a forma de organizar o acampamento, estas lideranças foram expressando profundas diferenças com os que dirigiam o sindicalismo da CUT, o que acabou gerando então o surgimento do Movimento dos Pequenos Agricultores, de característica popular, característica de massa, um projeto imediato de pauta com uma característica sindical, um projeto de pauta estratégica, de longo prazo, com característica de movimento político e com uma nova forma de organização, com uma visão específica de organização social e de massa, portanto, com uma característica cultural. Surgia ali, na luta, na beira da estrada, um movimento camponês com características de identidade sindical, política e organizativa diferente, inspirado no MST [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Neste mesmo sentido Cadona (2004) cita que:

O MPA nasceu lutando, na beira da estrada, embaixo de barracos de lona, lutando por crédito subsidiado e por seguro agrícola, resistindo ao projeto de exclusão dos pequenos agricultores. Na época, os pequenos agricultores não tinham acesso a crédito com subsídio, os juros cobrados pelos bancos eram abusivos e os preços dos produtos agrícolas estavam muito baixos. Muita gente estava desesperada e outros já tinham abandonado as lavouras, engrossando as filas dos desempregados (CADONA, 2004, pag. 221).

Em 12 e 13 de dezembro de 1997, em Brasília, posterior a inúmeras reuniões e encontros, o MPA foi institucionalizado. Naquele momento se criou as bases políticas ideológicas e estratégicas pra organizar um movimento nacional com uma pauta comum. Na ocasião estavam presentes lideranças de sete estados: Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Rondônia, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Paraná e Piauí. O processo de institucionalização como já mencionado é resultado da não representatividade política, perdas de produção por fenômenos climáticos e o avanço do neoliberalismo. Inicialmente este processo gerou movimentos e mobilizações locais como o caso do “Acampamento da Seca” no RS, posterior a isso lideranças nacionais perceberam que as dificuldades no campo, como o empobrecimento e a marginalização dos agricultores, era uma realidade nacional.

Para M.T.S., um dos dirigentes do MPA e também extensionista, a organização do MPA como movimento aconteceu graças ao momento histórico que se vivia e que exigia uma ação.

Além da seca e da não representatividade sindical, constatava-se naquele momento o auge do neoliberalismo através de políticas públicas de exploração que fortalecia o agronegócio e invisibilizava os pequenos agricultores. Constatava-se no Rio Grande do Sul a plena implementação das cotas de importação de produtos da Argentina, do Uruguai, a qual prejudicava muito os pequenos agricultores, principalmente os produtores de leite. Deste modo, além das lutas por políticas públicas mais justas, outras pautas foram surgindo, tais como o enfrentamento com as fumageiras em Santa Cruz do Sul/ RS, pautando a diversificação, o preço justo dos produtos, a alta carga dos agroquímicos que geram a contaminação da natureza e envenenamento dos agricultores e as discussões com relação a dependência dos agricultores ao acesso a sementes e ao mercado, relacionado principalmente aos custos de produção e valor de venda dos produtos dos agricultores.

Ao longo do tempo, a proposta de organização social e a mensagem política que se diferenciava dos sindicatos da época, foi se espalhando do Rio Grande do Sul para outros Estados do Brasil. Hoje o MPA está organizado em 17 Estados, sendo eles: Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rondônia, Paraíba, Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceara e Piauí.

4.1.2 O MPA: conquistas sociais e políticas

O Movimento dos pequenos agricultores como um movimento social camponês tem desde seu início buscado alcançar novas conquistas para as famílias agricultoras a fim de garantir a reprodução social destes atores e melhoria das condições de vida. A luta por políticas públicas agrícolas e direitos para os agricultores é uma das principais bandeiras reivindicatórias. O MPA junto com outras organizações do campo ao longo de sua história e através das suas conquistas tem auxiliado na permanência desta fatia da população rural no campo.

Para S.A.G., atual dirigente do movimento, as conquistas desta militância abnegada de camponeses foram capazes de permitir a territorialização do MPA em todas as regiões do país. Em outras palavras, podemos dizer que a conquista central desta organização é justamente a sua organicidade, a qual gera o empoderamento dos camponeses como responsáveis de sua própria história. Autores da construção de suas próprias estratégias comunitárias. Para M.T.S., dirigente do MPA que acompanhou a organização em diferentes regiões do Brasil afirma:

[...] participei mais nos outros estados onde eu atuei que foram Goiás e Minas Gerais, e depois um tempinho no Rio Grande do Sul, e três anos ainda em Santa Catarina. Então acompanhando todo o debate, das discussões, da demanda, a construção do plano camponês; eu acho que o que me marcou muito, estando com os agricultores, pode dizer assim, foi o brilho nos olhos deles e delas, num diálogo direto entre os pares, ou seja, eram agricultores conversando com agricultores sobre os problemas do dia a dia, da produção e da vida no campo. E aí sem uma intermediação de um “profissional” do negócio que ou é o atravessador que compra barato os seus produtos, ou um agente do estado que leva uma política pública, ou um sindicalista que vai levar a discussão simplesmente do plano sindical [...]. (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

Para R.C.L., dirigente do MPA no RS, mesmo em momentos difíceis como os da atualidade, a maior conquista do movimento é a sua representatividade.

Olha a primeira delas é a questão da organização social, o povo sempre tá atirado aí nesses interiores, agora que o MPA está meio quieto, vamos dizer assim. A gente vê o quanto é importante essa história do povo está organizada e de ter o movimento com aquele lugar aonde as pessoas vão pra ir pedir informação, pra tirar suas dúvidas, pra chorar suas mágoas e pra também ter suas alegrias, então a organização é uma das coisas [...] (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

A mesma dirigente ainda pontua que conquistar pautas estratégicas é muito importante para a permanência e distribuição de renda no campo. Neste ponto ela cita o Crédito Rural através do PRONAF e a moradia pelo PNHR²³, o qual milhares de agricultores do estado do RS tiveram condições de construir suas casas e viverem dignamente no campo, devido ao acesso do Programa Minha Casa Minha vida. Exemplificando a importância do PRONAF, como um programa central para minimizar os impactos e problemas ligados aos agricultores produtores de tabaco da Região do Vale do Rio Pardo, ela menciona:

²³ Programa Nacional de Habitação Rural foi criado pelo Governo Federal no âmbito do Programa *Minha Casa Minha Vida*, através da Lei 11.977/2009 e com a finalidade de possibilitar ao agricultores e comunidades tradicionais o acesso à moradia digna no campo, seja construindo uma nova casa ou reformando/ampliando/concluindo uma existente (CAIXA ECONOMICA FEDERAL, 2020).

[...] as políticas públicas que vieram pros agricultores, o próprio PRONAF que a muitos e muitos anos tapo todos os furos que o fumo deixou aqui na região, então o PRONAF deixou muitas e muitas famílias vivendo no campo com dignidade, talvez teve mais uma geração camponesa por conta dessa política pública [...] (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

Conforme apresentado, cada período é marcado por uma luta ou conquista como a do crédito agrícola que é uma simbologia para a organização (M.S.S., dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS). Assim, pode-se considerar que [...] a principal conquista na verdade que desencadeou um processo mais organizativo foi o “pronafinho²⁴” a partir dela se desencadeou outras conquistas como o seguro agrícola [...] (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS)

A maior conquista do Movimento dos Pequenos Agricultores foi a afirmação e a consolidação da importância dos camponeses como produtores de alimentos saudáveis para o povo brasileiro. Soma-se a isto a unidade em torno da proposta do plano camponês como estratégia política, a recuperação do conceito de campesinato e a imagem de valorização e autoestima desencadeada na base social. Desse modo, representa a afirmação do campesinato como uma classe social rural, a qual não compactua com o modelo de agricultura hegemônico atual, concretizada no Plano Camponês.

O plano camponês é a estratégia política da organização, pois não é uma plataforma que se materializa apenas um pensamento produtivo, mas expressa o desejo de viver no campo, com educação de qualidade, com soberania e com cultura (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

Diante do exposto, pode-se reiterar a simbologia do acampamento da luta da seca que ocorreu em 1996, e que foi o nascedouro do MPA. Para M.S.S. (dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS), “a resistência e a vontade de lutar são características do campesinato e a necessidade de um plano estratégico para a agricultura era visível, pois a proposta hegemônica da agenda neoliberal, baseada no conceito de agricultura familiar, não contemplava a realidade do campo.”

Com a elaboração do Plano foi possível pautar no estado do RS a necessidade de investimentos para este público marginal. O Programa Camponês- PC surge como uma linha de crédito subsidiado e operacionalizado pelo Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais – FEAPER, instituído pela Lei nº 8.511, de 06 de janeiro de 1988 e atualizado Lei Estadual n.º 14.373, de 19 de dezembro de 2013 (RIO GRANDE DO SUL, 2013). Através do Decreto nº 51.323, de 24 de março de 2014 nascia o FEAPER- Campesino que beneficiaram cooperativas e agricultores ligados à base do MPA. Este fundo foi o mecanismo institucional encontrado pelo estado para que pudessem ser operado os recursos acordados com os movimentos e organizações sociais e políticas.

O Governador do Estado do Rio Grande do Sul, no uso das atribuições que lhe confere o art. 82, inciso V e VII, e Considerando que a Lei nº 8.511, de 6 de janeiro de 1988, e alterações, estabelece, dentre outras disposições, que os recursos do FEAPER serão utilizados para conceder financiamentos e conferir subsídios, visando fortalecer cooperativas, associações, pequenos estabelecimentos rurais, agricultores familiares, assentamentos da reforma agrária, comunidades indígenas,

²⁴ Nomenclatura que se consolidou junto aos agricultores base do MPA. Era uma linha de crédito destinada a financiamentos de custeio agropecuário ao amparo do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). O pronafinho é um símbolo para o MPA, já que foi a principal conquista do acampamento da seca em que a organização nasce.

de pescadores, quilombos e condomínios rurais, com vista ao desenvolvimento rural; (Rio Grande do Sul, Decreto nº 51.323 , de 24 de março de 2014)

Art. 5º A execução das demandas relacionadas neste artigo, que serão realizadas por meio de financiamento pelo FEAPER/RS, com Recursos do Tesouro do Estado, terão subsídio parcial de 80% (oitenta por cento) em cada parcela sobre o capital, como bônus de adimplência, conforme segue:

V - Programa de Fortalecimento das Cadeias Produtivas Locais e Regionais nas Economias de Base Familiar e Cooperativa - Projeto/Atividade 6759 - Apoio à Agricultura Familiar e Camponesa; (Rio Grande do Sul, Decreto nº 51.323 , de 24 de março de 2014).

Conforme constatado, o plano camponês representou uma conquista tão importante quanto as políticas públicas, pois pauta também um conceito na agenda política local, o campesinato, sendo possível graças a organização dos camponeses no entorno da pauta comum.

[...] eu acho que então a organização, o acesso a essas políticas públicas e a proposta política do movimento, que é essa história da gente produzir alimento saudável, pra alimentar primeiro nós os camponeses, mas também o povo brasileiro, dentro dessa proposta maior aí, que é o nosso plano camponês, mas também da agroecologia, [...] (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

De modo sistematizado, as conquistas do MPA podem ser resumidas conforme o apresentado pelo dirigente-fundador, S.A.G.:

- 1996 – Cheque Seca, com os acampamentos da Seca.
- 1997 – Pronafinho Custeio, com a Marcha do Ferramentaço e a Greve de Fome.
- 1998 - Pronafinho Investimento com a Marcha da Coragem e da Esperança.
- 1998 - Inicia a luta Crédito Moradia.
- 2002 - Conquista das primeiras MORADIAS.
- 2003 – É criado o Programa de Aquisição de Alimento – PAA.
- 2003 - Início do estudo da História do Campesinato no Brasil e elaboração do Plano Camponês.
- 2004 – Conquista do SEGURO AGRÍCOLA e mais Crédito para produção de alimentos.
- 2008 – Conquista primeiros projetos de SEMENTES CRIOULAS e de Assistência Técnica.
- 2013 – Primeiros projetos do PROGRAMA CAMPONÊS- PC.
- 2015 – I Congresso Nacional do MPA em São Bernardo do Campo.
- 2017 – Greve de fome de 10 dias dentro da Câmara dos Deputados impediu a aprovação da reforma da previdência contra as famílias camponesas.

4.2 O Trabalho com as Sementes: Resignificação da Vida e Luta

Antes de falar do surgimento e do trabalho que o MPA organiza no tema das sementes crioulas e que hoje se estrutura a partir do plano camponês no eixo e dentro do conceito de soberania genética, é preciso lembrar que as sementes crioulas são dos camponeses e por isso a Coordenadoria Latino americana das organizações do campo- CLOC- Via Campesina ao identificar essa pauta comum do campesinato internacional lança em 2001 a campanha: “Sementes, Patrimônio dos povos a serviço da humanidade!” neste mesmo intuito e mais recentemente o fortalecimento desta agenda ganhou foco na campanha “Cada Família adota uma semente”. Neste espírito de respeito a ancestralidade da semente crioulas e entendendo

que não são uma mercadoria, que elas garantem a autonomia camponesa e são a base da soberania alimentar, o MPA busca afirmar e fomentar o trabalho de resgate e multiplicação das sementes crioulas.

[...] Eu pessoalmente como guardião de semente, desde que me conheço, a gente herdou do finado papai, e dos tios, e dos avós, esta prática [...] Então vem de berço, eu me lembro, o finado papai carregava as sementes no bolso quando ia passear e entregava pros vizinhos, pros tios, e trazia a semente no bolso, que ele não tinha, então levava o que tinha, trazia... Já naquele tempo existia essa prática do troca-troca, vamos dizer, pra manter uma riqueza da diversidade na propriedade, no entorno da casa, desde flores, desde remédios, plantas, desde raças de animais [...] (P.K., guardião e dirigente do MPA, 04/05/2020, Panambi, RS).

No relato acima o Guardião P.K., e um dos idealizadores do projeto menciona a relação harmoniosa e natural dos camponeses com as sementes crioulas. Porém o mesmo fala que isso foi mudando com a revolução verde, conceituando este modelo de diferentes formas: “agricultura dos químicos”, “agricultura empresarial”, “agronegócio” e “agricultura da morte”. Mas ao final da sua fala menciona a importância de participar de organizações como o MPA e o MST que segundo ele tem a “bandeira do resgate, da multiplicação, da preservação e de realmente buscar a comida de verdade, que vem das sementes crioulas”.

O MPA por ser um movimento jovem, camponês e de massa apresenta muitas particularidades regionais. Nos trabalhos com sementes crioulas não é diferente, pois apesar de ter uma estratégia política, os camponeses adaptam para suas necessidades e realidades.

O tema das sementes sempre esteve presente junto aos camponeses, porém veio a se organizar mais tarde com o plano camponês. Para o entrevistado M.S.S. esse debate já se fazia presente no acampamento da seca e nas reuniões dos grupos de base que seguiram no processo de organização e territorialização do MPA.

[...] os registros históricos que têm é que na realidade em 96 era uma seca e todo processo de seca gera alguns entraves [...] alguns deles era as sementes. Então lá nas discussões dos grupos de base que tinham já se discutia sobre as sementes crioulas, alguns relatos que houve, algumas trocas naquele espaço [...]. (M.S.S., dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS)

Por ser uma organização jovem e diversa muitas influências e inspirações foram absorvidas na proposta do MPA. Entre os relatos dos entrevistados estão as experiências do Nordeste brasileiro com os famosos Bancos de Sementes Comunitários (BSC) que integram a rede chamada sementes da Paixão²⁵ e no Rio Grande do Sul temos o fomento deste trabalho pelo Centro de Tecnologias Alternativas e Populares (CETAP).

S.A.G. (liderança do MPA nacional), um dos idealizadores do trabalho com sementes lembra algumas iniciativas anteriores ao surgimento do MPA que mostravam a insatisfação dos camponeses frente ao monopólio das sementes por algumas empresas, ao qual ele chama de “escravidão da hibridação.”

[...] Nos anos 80 conheci iniciativas de cruzar dois milhos híbridos, milho Cargil, por exemplo, com milho híbrido da Agrocere e refaziam outro híbrido ou às vezes até um varietal, sem precisar comprar semente novamente todos os anos e continuavam plantando até um período e quando ficavam ruins e com produtividade

²⁵ A frase “Semente da Paixão” é atribuída ao agricultor Cassimiro Caetano Soares – Seu Dodô, enunciada em um encontro estadual sobre sementes realizado em 1998. Tal agricultor do Sertão paraibano disse: “O que eu quero plantar é o milho Jabatão, o feijão corujinha e a fava cara larga, e não a semente que vem de fora. Essas são minhas sementes da paixão. Cada um tem suas sementes da paixão e é nessa diversidade que nós temos que nos apoiar” A partir desta ideia foi construída a Rede Sementes da Paraíba (SILVA e ALMEIDA, 2007, p. 17).

muito incerta, então eles faziam outros cruzamentos e conseguiam ir reproduzindo milho sem depender de comprar todos os anos. Então isso já eram iniciativas para se libertar da escravidão da hibridação das sementes que obrigava todo ano aquele produtor comprar de novo a semente. Isso são alternativas antigas. Me lembro que nos anos 80 ajudei a difundir experiências semelhantes através da Pastoral Terra e da Caritas. Dentro da fazenda Annoni, quando se conquistou a terra [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Apesar das sementes fazerem parte da rotina e do cotidiano dos camponeses este trabalho foi se estruturando metodologicamente com o passar do tempo dentro MPA. Possivelmente porque o movimento nasce no auge do Neoliberalismo e à discussão do momento era acesso ao crédito e como bem sabemos a política pública PRONAF, trazia consigo todo o debate da revolução verde. Então o agricultor que acessava esta política pública acabava ficando refém deste pacote tecnológico que consistia de sementes híbridas e adubação química. A utilização de sementes crioulas só foi reconhecida pelo estado brasileiro o que permitiu ser incluída nas políticas pública como o PRONAF e o PAA em 2003, a partir da lei 10.7111- Dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudanças e dá outras providências.

Observadas as demais exigências desta Lei, é vedado o estabelecimento de restrições à inclusão de sementes e mudas de cultivar local, tradicional ou crioula em programas de financiamento ou em programas públicos de distribuição ou troca de sementes, desenvolvidos junto a agricultores familiares. (BRASI, Lei nº 10.7111 de 5 de agosto de 2003, Art. 48)

Apesar das sementes crioulas terem sido reconhecidas legalmente o que permitia sua utilização nos programas públicos e na linha da importância das políticas pública para a manutenção das pessoas no campo, o entrevistado O.S. (Camponês militante do MPA, 08/07/2020, Caseiros, RS), pontua que por não se ter tido força política suficiente para pautar e implantar massivamente estas estratégias em governos progressistas como os do partido dos trabalhadores- PT, as perdas foram inevitáveis e exemplifica:

[...] se tu pegar os dados da MONSANTO após a criação do PRONAF, o faturamento dela aumentou no Brasil, em especial nos municípios que acessaram o PRONAF. Então quer dizer, a criação do PRONAF, ele já foi direcionado pra um público que antes não acessava crédito e que não consumia o pacote tecnológico dessas empresas, ele já foi liberado, não para os agricultores e sim para as empresas nacionais. Porque aumentou o faturamento, conseqüentemente as vendas, por tá acessando esse crédito meio direcionado pra um pacote químico [...] (O.S., Camponês militante do MPA, 08/07/2020, Caseiros, RS).

A história das sementes no MPA nasce e se mistura com as experiências da Comissão Pastoral da terra- CPT em especial nas figuras dos Freis Pedro Kunkel e Laudino Bertoldo²⁶ que faziam parte da comunidade itinerante e Inter congregacional de religiosos Padre Josimo. Esta comunidade que se deslocava para diferentes municípios e que fixava residência nos assentamento esteve em 1995 no município de Encruzilhada do Sul, no ano de 2000 esteve em Tupanciretã e que desde 2006 esta sediada no município de Hulha Negra. Além destas pessoas, outras também ligadas a CPT e Caritas começam a divulgar este trabalho na mesma

²⁶ Frei Pedro e Laudino através da articulação e participação com a CPT, desenvolveram em sua caminhada religioso a introdução das sementes crioulas nas comunidades por onde circulavam, fomentando também as casas de sementes.

época no Rio Grande do Sul. Citamos aqui alguns protagonistas deste processo: Maurício Queirós, Oldi Jantsch (Tiririca) e Evanir Albarello²⁷.

Freis Laudino e Pedro que militavam no MPA e na CPT tinham na semente a simbologia da vida. Nas suas passagens pelos assentamentos disseminavam-nas, “andavam com as sementes nos bolsos”.

[...] a gente também começou a intensificar essa prática de levar a semente nas celebrações, naquela luta de reorganizar o povo da reforma agrária, reorganizar as suas comunidades, organizar mutirões, puxirões. Desde a organização mística religiosa das comunidades, levando sempre, depositando sobre o altar também plantas, até ameaçadas, levando sementes e pedindo a Deus, no final da celebração da comunidade, que Deus abençoasse as plantas, as sementes, as receitas, e que cada um pudesse levar pra casa e caprichar e plantar pra que houvesse essa prática do resgate, da multiplicação e da preservação [...] (P.K., guardião e dirigente do MPA, 04/05/2020, Panambi, RS).

Foi neste contexto que nasceu a casa de sementes Mãe Terra em Tupanciretã nos anos 2000.

[...] o freio Laudino teve essa iniciativa, iniciou essa prática, a gente ajudou a construir aquele “galpãozinho” na época que passou a ser a primeira casa de sementes crioulas [...]. (P.K., guardião e dirigente do MPA, 04/05/2020, Panambi, RS)

[...] Eles começam a fazer a preservação dessas sementes em litrões, no pequeno ranchinho que eles fizeram e depois se transformou em uma Casa de Sementes. Começam a difundir e trocar com agricultores assentados e a preservar na Casa de Sementes. Reproduzem e guardam sementes de milho, de feijão [...]. (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Para muitos dirigentes a casa de sementes Mãe terra de Tupanciretã é o marco de um processo estruturado a nível comunitário como veremos na sequência. A partir dela todas as casas de sementes que fazem parte da base ou da rede do MPA surgem, principalmente pela passagem das lideranças nos espaços hoje estruturados, fomentando e construindo esse saber e prática das sementes crioulas.

[...] A casa de sementes que o Pedro deu o nome de “Casa de Sementes Mãe Terra” em Tupanciretã e quando nós nos transferimos aqui para Hulha Negra (RS), ele trouxe para cá e continuou ampliando esse trabalho [...] e como o Pedro foi morar em Panambi, e ele levou a Casa de Sementes para lá também [...]. (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Outro marco histórico que ocorre neste período foi à publicação do livro “*Conhecendo e resgatando sementes crioulas*”, pela editora Evangraf no ano de 2006. Esta publicação organizada pela CPT, “produzida a muitas mãos”, foi importante para consolidar a Casa de Sementes Mãe Terra em Tupanciretã. “A primeira em nosso ambiente”, segundo o entrevistado S.A.G. (dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Dentro do MPA os primeiros relatos de trabalho e de proposições organizativas com sementes crioulas ocorreram na região de Ibiraiaras, organizada pelo dirigente e camponês Olmir Sgarbossa²⁸.

²⁷ Oldi, Maurício e Evanir eram integrantes da CPT.

²⁸ Camponês Militante do MPA que esteve nos primórdios do nascimento da organização no acampamento da seca em 1996. Foi coordenador estadual do MPA atuando na coordenação do coletivo de produção da organização. No tema das sementes sempre defendeu a teoria das sementes quanto ferramenta geradora de autonomia das propriedades.

Este trabalho do MPA na região de Ibiraiaras se destaca pelo fato da existência da prática do resgate e do uso das sementes crioulas, proposto pelo sindicato do município. O.S. camponês e militante do MPA menciona que as sementes na região eram trabalhadas dentro da visão da “autonomia e de independência” das famílias camponesas. Permitindo assim a produção de subsistência e não dependência do monopólio das empresas multinacionais de sementes.

[...] Já no debate que vinha nessa linha do pacote, das sementes dependentes do adubo, da ureia, do veneno, e cada vez mais as empresas fechando isso com os financiamentos. Na ideia dos camponeses que acabavam também não acessando o crédito, tá resgatando variedades crioulas dava essa independência, pra essas famílias. Então já se iniciava esse trabalho. Isso em torno de 1993, 1994. No Sindicato dos Trabalhadores de Ibiraiaras, que era ligado à CUT, nesse período era ligado à CUT Rural [...] (O.S., Camponês militante do MPA, 08/07/2020, Caseiros, RS).

Para o mesmo entrevistado, com surgimento do movimento potencializou-se este trabalho. Gerando um debate mais amplo entre diferentes regiões e lideranças, mas que o central do debate era produzir semente para se ter autonomia.

Neste mesmo período outras iniciativas foram surgindo na base do movimento como no sudoeste do Paraná e no município de Anchieta, Santa Catarina, que inclusive promoveu no ano de 2000 a “1º Festa Nacional das sementes crioulas”.

[...] O trabalho do Pedro e do Laudino, junto com o trabalho do Sgarbossa e de Santa Catarina repercutem direto dentro do MPA, embora mantivessem relação e interlocução com o trabalho da CPT [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Para o militante do MPA, O.S. o trabalho com sementes crioulas é anterior a base de uma produção agroecológica e afirma o papel chave que cumprem nos Sistemas Camponeses de Produção. O trabalho estruturado das sementes crioulas no MPA surge dentro da discussão sobre autonomia e de subsistência. Neste sentido um dos entrevistados menciona:

[...] E nesse processo observamos que os agricultores trabalhavam muito e ganhavam pouco, e muitas vezes acabavam morrendo trabalhando e não viam nenhum benefício, e sem condições dignas de vida no campo. Então, não se discutiu só a dependência da semente crioula, mas também a dependência dos investimentos, a dependência de logística, a dependência que não tendo equipamento, veículo para o deslocamento, teria que vender o produto produzido no fruto do trabalho para o primeiro que aparecia porque precisava pra pagar as contas, enfim [...] (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

No caso das sementes crioulas o mesmo entrevistado menciona que o trabalho começou com o reconhecimento dos guardiões e guardiãs.

[...] fazer um resgate do conhecimento e do material genético das sementes que os agricultores e as agricultoras, desenvolver metodologias que possibilitassem também uma multiplicação desse material genético que a gente tinha. Atividades de intercâmbio entre agricultores de diferentes comunidades, diferentes regiões. Então esse trabalho vem decorrente desse processo, e aí, então o reconhecimento pelo trabalho dos guardiões, daquelas pessoas, daquelas agricultoras, agricultores que ainda mantinham as sementes guardadas na sua propriedade, na sua casa, na família [...]. (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

Para o entrevistado dirigente do MPA, P.K. a estratégia central no início era o fomento ao uso das sementes crioulas no sistema de produção.

[...] Em primeiro lugar a gente não tinha nem ideia de como levar adiante, o estímulo na época era que todos os camponeses tivessem em casa, nas prateleiras, um estoque das sementes saudáveis, e as casinhas de semente deveria começar em cada casa de camponês, e assim começou. E começou também a ter pequenas experiências, em que a comunidade dizia “não, nós vamos aqui na comunidade aí ia ter um armário” [...] (P.K., guardião e dirigente do MPA, 04/05/2020, Panambi, RS).

Para M.T.S., dirigente do MPA, o tema das sementes, o surgimento e o trabalho atual são muito importantes, pois se conectam com as políticas públicas e com outros temas importantes como a discussão de gênero.

[...] então, e esse trabalho foi fortalecido quando num diálogo com o estado e a implementação também por nós de algumas políticas públicas também como a ATER, como Minha Casa Minha Vida, como PAA, e mesmo PNAE, que foi fortaleceram as ações do trabalho nas comunidades, do resgate das variedades, do resgate sobre o conhecimento do manejo delas, do uso, sobre os sabores e saberes das variedades e mantendo isso na forma de sementes de mudas, enfim, os materiais de propagação[...].

[...] Vai além da importância do trabalho da mulher na família, na agricultura, ela vem das características de quem detém o material genético e quem detém o conhecimento. [...] Essa questão também, ela fomentou também de uma certa maneira, um maior protagonismo das mulheres na família, o que possibilitou também em alguns momentos, em alguns lugares também o desenvolvimento, “não gosto dessa palavra” mas, algum empreendimento econômico para as mulheres individual ou de forma coletiva, puxado por elas na família na comunidade e tal através desse trabalho do resgate das sementes. Então isso, a gente também pode frisar que esse debate da semente também possibilitou essas questões, ou seja, maior autonomia das mulheres, maior autonomia econômica das mulheres também [...] (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

A dirigente do MPA, R.C.L. menciona que quando se tornou militante do MPA em meados de 2003 e 2004 era o auge das discussões e formulação do Plano camponês e que o trabalho das sementes crioulas era pauta central na estratégia. Ela também recorda que foi um momento importante, pois neste período se discutia no Brasil a liberação dos Transgênicos e que o MPA, juntamente com a Via Campesina, organizou o “Acampamento Nacional Contra os Transgênicos, pela Soberania do Brasil e Alimentação Saudável”, em Brasília.

[...] ali eu lembro que participei desses debates, e nesse processo a gente já tinha os coletivos, os coletivos de produção, os coletivos de formação, e eu participei de muitos debates entorno do coletivo de produção, em relação ao tema das sementes, e bem nesse período que foi criada a UBS lá em Santa Catarina [...] Eu lembro do Marciano bem no início, ele era um dos que mais puxava esse tema, porque nós tínhamos algumas pessoas, inclusive era ele que participava daquele negócio contra os transgênicos, ali em 2003, 2004 que era o foco, a luta era contra os transgênicos. Então as sementes crioulas vieram em contraponto disso [...] (R.C.L., camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

Com a formulação do plano camponês em 2005 e as possibilidades de acesso as políticas públicas, principalmente do Programa de aquisição de alimentos- PAA via Companhia Nacional de Abastecimento- CONAB, o debate das sementes acaba ganhando ênfase, tanto que hoje em nível de Brasil se tem duas unidades de Beneficiamento que foram projetadas para atender esta demanda dentro da rede MPA.

No que tange a inclusão das sementes no Programa de Aquisição de Alimentos- PAA-Sementes, o MPA do Rio grande do Sul realiza sua primeira experiência no ano de 2006 através da Cooperativa de produção e comercialização Camponesa do Rio Grande do Sul- CPC/RS. O.S. que atuava na direção da cooperativa no período menciona que a doação simultânea das sementes já era prevista pelo programa com distribuição para as comunidades tradicionais, porém pouco se acessava e que o recurso disponível era pequeno. Esta primeira experiência adquiriu e distribuiu três toneladas de sementes de milho. (L.G.F., Camponês dirigente do MPA, componente da equipe técnica da cooperfumos, 12/04/2020, Arroio do Tigre, RS)

Para o dirigente do MPA, M.S.S. a experiência da CPC/ RS foi muito importante e desencadeou dentro da organização um novo olhar sobre as sementes. Especialmente por gerar o debate da massificação das sementes e da necessidade de criação de estruturas organizativas mais elaboradas como cooperativas e Unidades de Beneficiamento de Sementes- UBS.

4.2.1 A organização do trabalho com as sementes: resgate e guardiões

Os camponeses sempre tiveram uma ligação histórica e muito forte com as sementes. Evans (1996), cita que os nativos na Austrália, mesmo não tendo domesticado plantas, nem praticado cultivos, reconheciam a relação entre sementes e plantas pois ao encontrar painço selvagem, algumas vezes dispersavam sementes para garantir a colheita do próximo ano. Evolutivamente sempre foram, coletores, guardiões e melhoristas. Este conhecimento que faz parte da identidade camponesa vem sendo perdido e “retirado”. Nesta perspectiva de que o trabalho com resgate, conservação, multiplicação e melhoramento das sementes não é algo novo, porém frágil, principalmente ao analisar a hegemonia do modelo agrícola que “obriga” os camponeses a procurarem o “novo, moderno e produtivo”, o MPA elabora dentro do plano Camponês uma estratégia de afirmação, manutenção e massificação do conceito de sementes crioulas.

Ao falar em organização do trabalho o entrevistado O.S. (Camponês militante do MPA, 08/07/2020, Caseiros, RS) recorda da organicidade do movimento de quando fazia parte da coordenação do MPA cujo tema era tratado nas reuniões da direção do MPA, no coletivo de Produção.

No plano camponês tem-se uma classificação teórica e organizativa que divide o trabalho em três níveis, normalmente complementares do ponto de vista da elaboração política e do alcance da soberania genética, porém comumente encontrado isolado na realidade da agricultura atual. Os três níveis são: familiar, comunitário e territorial.

No nível familiar o foco é a Unidade de Produção Camponesa. Aqui o guardião, guardiã ou a família Guardiã, conserva, multiplica e reproduz as sementes pensando nas suas necessidades, mas mantendo o que se tem de mais puro da base genética das sementes. O.S. (Camponês militante do MPA, 08/07/2020, Caseiros, RS) utiliza a expressão “base genética primitiva” para esta característica e conceitua o guardião da seguinte forma:

[...] Ele foi um conceito criado dentro desse grupo do movimento, então, o conceito guardião ele surge da discussão dos agricultores camponeses envolvidos no processo de produção de sementes. Do J... questionando uma coisa, do A... falando outra, do Q... enchendo o saco, de cada um desses fazendo a discussão das sementes. [...] Mas o conceito guardião ele é o resultado da discussão de sustentabilidade, de independência, de subsistência do movimento, da essência da família camponesa. Daí surge a ideia do guardião. Ele vem assim, guardião por quê? Porque tu guarda uma variedade com sua base genética primitiva, vamos dizer assim; por isso que é

guardião. Aí o cara que cruza ele com outra, que hoje é o que tem muito, ou foi fazendo uma seleção, ele já é um melhorador [...] (O.S., Camponês militante do MPA, 08/07/2020, Caseiros, RS).

Para S.A.G. existe uma perda de técnicas de conservação agroecológica na atualidade neste nível e por isso o nível comunitário é importante, pois gera a circulação e a troca de experiências entre camponeses. Além disso, o entrevistado coloca:

[...] Neste nível o camponês vai para troca comunitária - um tem, passa para o outro, o outro devolve, troca, isso chega na comunidade, raramente sai da comunidade, às vezes sai por laços de parentescos, para comunidades vizinhas, etc. Tem limite de alcance [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Neste nível não necessariamente teremos só o guardião ou a guardiã, teremos também o melhorista que comumente é encontrado entre agricultores que utilizam sementes crioulas. Estes sujeitos em muitos casos estão isolados das outros níveis coletivos que iremos abordar na sequência (comunitário e territorial). No nível familiar normalmente se encontra núcleos que não estão organizados em movimentos de representação camponesa e também não estão ligados a casas de sementes (nível comunitário), porém utilizam as sementes crioulas nos seus sistemas de produção. Estas unidades normalmente possuem poucas espécies e variedades, diferente de um guardião que apresenta um grande número das mesmas, podendo ele organizar a própria casa de sementes de uso familiar.

Sobre este tema M.T.S. enfatiza as características dos agricultores que trabalham com sementes crioulas e não guardiões:

[...] na grande maioria das famílias a gente tem a família preservando e conservando uma pequena quantidade de sementes de algumas poucas variedades, ou seja, as sementes daquela variedade que a família cultiva, que a família planta pra comer, ou planta para fazer uma lavoura para o comércio [...] (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

S.A.G. da coordenação do MPA menciona que os guardiões são também melhoristas, a partir da sua realidade, ou seja, a partir do seu manejo e do gosto particular, o que garante diversidade genética. Para O.S., não. O melhorista já se encontra num outro nível conceitual.

[...] do guardião que não precisava ninguém nunca saber quem era, porque esse ele manteria na sua propriedade uma, duas, variedades puras; mantendo aquela origem pra manter toda aquela base genética. Que nós teria formas de viabilizar, porque esse ele provavelmente não teria escalas grandes de produção, pra ter uma rentabilidade com aquilo, mas ele teria uma ocupação. E nisso lembro que até nós fazíamos discussão que, o guardião poderia tá inclusive em locais urbanos, desde que tivesse terreno, pra fazer esse plantio, ou locais quanto mais isolados melhores. Mas teria que ter quem estaria melhorando ou até mesmo produzindo variedades novas, que seria cruzando, fazendo a seleção massal, fazendo os processos técnicos de melhoramento dessas sementes [...] (O.S., Camponês militante do MPA, 08/07/2020, Caseiros, RS).

No nível comunitário temos as casas de sementes. Quanto a este conceito, cabe aqui ressaltar que inicialmente as mesmas eram chamadas de bancos comunitários de sementes - como são chamadas no nordeste brasileiro. Com o passar do tempo houve uma mudança na titulação destes espaços, pautado principalmente pelos idealizadores do projeto, que alegava que a palavra casa tinha um significado simbólico maior.

[...] Usamos no começo a palavra “Banco”, mas aos poucos achamos que a expressão era inadequada e passamos a chamar “Casa”, um lar carinhoso para as

sementes. Eu acho que foi o Pedro que promoveu esta mudança linguística, essa nomenclatura, que não era uma simples mudança de palavras, mas de sentido. Banco é onde se deposita para depois retirar. Casa é onde se convive, se cuida, cria laços, amizade, carinho, convivência. As sementes têm que ser da casa, do lar. [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

As casas de sementes podem ser de alcance comunitário, dentro do município, ou municipal, que neste último caso poderia ser caracterizado no nível territorial como veremos na sequência. Diferenciam-se pelo seu nível tecnológico e pelo papel que cumprem ao incentivarem a cooperação, solidariedade e o associativismo. No que tange o nível tecnológico temos o armazenamento em sacos, toneis, latas e pets e algumas máquinas para fazer a limpeza da semente o que não é comum, normalmente estes espaços são exclusivos de armazenamento de pequenas quantidades originárias na maioria dos casos de seleção massal e processamento manual e artesanal.

Apesar destes espaços não serem obrigatoriamente formais como uma associação, eles acabam tendo papel central na disseminação de conhecimento, principalmente o conhecimento tradicional e das práticas agroecológicas. Primeiro porque são gestados por agricultores e segundo por necessitar de encontros para definição de acordos, estratégias e planejamento, criando espaços de aprendizagem coletiva.

Estes espaços, para além de cumprirem o seu objetivo central que é de manter as sementes crioulas, podem ser o elo da comunidade inclusive para se definir e debater outros temas de interesse comum. São inclusivos e por isso, geralmente, possuem políticas de troca-troca de sementes. Normalmente, possuem diversidade grande de espécies, de acordo com a realidade de cada região e, a partir destas espécies, também possuem uma quantidade enorme de variedades. Para M.T.S., (Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ) os agricultores que fazem parte destes espaços podem ser ou não guardiões.

Enfatizando algumas características destes espaços S.A.G., pontua que:

[...] São muito importantes para manter a agregação territorial, a manutenção de variedades e espécies, a relação local com as sementes, a garantia das trocas e interações, a coevolução nos agroecossistemas locais [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Hoje o MPA do Rio Grande do Sul existe uma pequena rede contendo cinco casas de sementes comunitárias:

- Casa de sementes de Hulha Negra na Região da Campanha localizada na moradia da fraternidade Padre Josimo e sede do Instituto Cultural Padre Josimo- ICPJ, a qual é chamada de Casa de sementes Mãe Terra Sul;
- Casa de sementes em Encruzilhada do Sul, ligada a Unidade de Beneficiamento de sementes José Gilberto de Oliveira Tuhtenhagem e também filial da Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil LTDA- Cooperfumos do Brasil;
- Casa de sementes em Santa Cruz do Sul- Casa de sementes Nelson Barden, junto ao centro de Formação São Francisco de Assis- Cede da Cooperfumos do Brasil;
- Casa de sementes em Vale do Sol, junto a Unidade de Produção Camponesa-UPC Gilson Lutero Kopp.
- Casa de Sementes Mãe Terra, a qual é histórica por ser itinerante, ou seja, faz parte da gênese do trabalho do MPA com sementes crioulas no estado. Destaca-se que esta já esteve em Tupanciretã e passou por Hulha Negra antes de fixar residência em Panambi, município da região noroeste colonial do estado. Sempre acompanhado e sobre a tutela da figura histórica e guardião de semente Pedro Kunkel.

Cabe aqui ressaltar que uma sexta casa de sementes está sendo discutida e organizada para se formar no município de Arroio do Tigre, Região do Vale do Rio Pardo. Sua consolidação será na sede da Associação dos Pequenos Agricultores de Arroio do Tigre-APATI.

As Unidades de beneficiamento de sementes- UBSs merecem destaque no MPA quando se fala de sementes tradicionais. Estas são classificadas pelo MPA com nível territorial, por massificarem e qualificarem a produção de sementes permitindo assim contrapor o modelo atual das grandes corporações produtoras de semente. Desta forma, no nível territorial temos estruturas mais robustas com um nível tecnológico médio ou alto. Normalmente estas unidades estão ligadas a uma cooperativa de produção e tem uma diversidade de espécies menor e que são popularizadas com espécies de valor comercial, ou seja, são espécies em que o agricultor produz pensando em vendê-las, trocar ou agregar valor na propriedade como é o caso do milho e feijão preto no Rio Grande do Sul.

Considerando o papel da UBS, R.C.L. (Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS) reforça afirmando o efeito solidário que o conceito semente carrega:

[...] o papel da UBS vem nesse sentido também, tanto de auxiliar os agricultores que tão produzindo a ter um canal de comercialização, mas também de estender essa semente pra quem já não tem mais (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

As espécies trabalhadas nestas unidades podem ser crioulas ou variedades melhoradas, originárias de melhoramento próprio ou a partir de parcerias institucionais com entidades públicas como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária- EMBRAPA.

Neste nível temos a figura do multiplicador e do produtor de semente, necessitando-se ter um quadro técnico para acompanhar os campos de produção. Ao trabalhar com variedades melhoradas, tem-se o cumprimento das regras do Ministério de Agricultura Pecuária Abastecimento- MAPA. Além disso, é de extrema importância pensar e estruturar um setor comercial, de logísticas e de formação de parcerias institucionais para todas as etapas do processo.

A estratégia organizativa destas unidades é a massificação da produção e são decisivas para a ampliação do uso destes materiais que mesmo quando originários do melhoramento clássico. Pois apresenta um diferencial na sua forma de produção já que são produzidas pelas famílias camponesas.

Para S.A.G. (dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS) existem quatro níveis conceituais, ou uma subdivisão do terceiro nível. Neste caso teríamos o nível familiar (Família Guardiã), comunitário (casas de sementes) e territorial (UBSs de grande e médio porte). Para ele, numa escala menor estariam as UBSs de porte médio e conseqüentemente existem as de porte grande. Neste caso a principal diferença entre os empreendimentos é o volume de produção/ tecnologia e o alcance territorial.

Pensando na soberania genética e alimentar como resultado final deste pensamento teórico- organizativo “[...] as UBSs de grande escala, aí já pensamos em produção massiva de alimentos para o abastecimento popular, de qualidade e agroecológicos [...]” (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS). Ao falar da importância das UBSs como promotora de soberania genética e da produção de alimentos saudáveis vis-à-vis à autonomia camponesa que as sementes impõem, poderá:

[...] por enquanto o mais importante das UBSs, é que o nível comunitário tem limites, só com as trocas comunitárias as nossas casas são insuficientes, são territoriais e locais. Para ir a um nível de maior volume, para um nível mais amplo,

multiterritorial, as UBSs são decisivas. Até agora a principal contribuição da UBS tem sido a conservação, a padronização e a distribuição em escala. Sai do “litro pet” e da “bombona” (fundamentais, importantes e decisivas), mas insuficientes. A UBS, associada e articulada com os/as guardiães, com as casas de sementes, com a conservação “in situ”, nas propriedades familiares, no lote camponês, uma conservação, uma preservação comunitária e a coevolução, a ação das casas de sementes é a retaguarda das UBSs, agindo de forma integrada e combinada, se transformam em um instrumento poderosíssimo na construção da soberania genética e da soberania alimentar. [...]. (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS)

[...] E a UBS faz um papel fundamental, porque hoje ainda, com tudo que a gente tá vivendo assim de esquecimento das políticas públicas pra nós, ainda o pessoal vem perguntar: - O MPA tem aquela semente do feijão tuiuiu? Tem aquela semente do milho “tal”? [...] e isso que é importante, a gente pode ter perdido aquela semente, mas lá na UBS tem! E consegue então resgatar, porque foi massificado, porque alguém plantou [...] (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

Hoje o MPA tem duas UBSs estruturadas no Brasil, sendo uma em Santa Catarina, ligada a Cooperativa Mista de Produção, Industrialização e comercialização de Agro combustíveis e produtos Agropecuários- OESTEBIO e a outra em Encruzilhada do Sul, no Rio grande do Sul, sob responsabilidade da Cooperfumos do Brasil.

A fim de caracterizar a importância da estratégia territorial de massificação e exemplificando as experiências vitoriosas da organização R.C.L. dirigente do MPA relata:

[...] o povo ali de Santa Catarina tinha uma estratégia já consolidada de um plantio, uma massificação da semente, então nesse sentido também de mandar essa semente pra fora do país. Bem no momento que surgiu a UBS em Santa Catarina também houve toda uma campanha de solidariedade com a Venezuela e com outros países que não tinha mais essa capacidade de produzir sua própria semente [...] (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

Pela subdivisão proposta por S.A.G. (dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS) a Unidade de Santa Catarina estaria caracterizada como de grande porte e a do Rio Grande do Sul como de médio porte. Constata-se que entre a diversidade de atividades e tarefas que ocorrem sejam a nível local ou regional, envolvendo as UBSs e Casas de sementes, cita-se como de destaque: intercâmbios entre agricultores ou entre agricultores e técnicos; encontros de sementes; seminários; dia da troca; troca entre vizinhos, parentes, comadres, mutirões; feiras de sementes e de consumo; fomento aos guardiões mirins entre outros.

Para M.T.S., Eng. agrônomo e dirigente do MPA menciona as inúmeras atividades e formas de fomentar o trabalho com sementes crioulas:

[...] temos também uma diversidade muito grande de atividades como a troca de semente de comadres, entre comadres, a participação de em feiras que alguns agricultores levam as suas sementes, as suas variedades pra mostrar, pra trocar, ou trazem as semente que adquiriu e trocou nesses outros estados pra comunidade, pra propriedade e aí multiplica, e aí socializa com os vizinhos[...] (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

Deste modo “[...] é importante a gente ter esses momentos de troca-troca de sementes, esses encontros pras famílias trazer suas sementes e mostrar, isso é uma forma de valorizar o trabalho que as pessoas fazem em casa [...] (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS). Para a entrevistada, as sementes crioulas resgatam a

identidade camponesa, geram empoderamento e autonomia aos agricultores. E neste contexto cita a importância da assistência técnica na implantação deste programa estratégico do MPA.

[...] a gente tem uma coisa que consegue “linkar” essas três níveis, que é a nossa assistência técnica que faz esse trabalho, vem na casa do agricultor, vê o que ele tem, qual semente que ele precisa, ou qual semente gostaria de plantar, [...] ou qual a área de terra que ele tem, que poderia disponibilizar pra massificar. Então, assim, acho que o papel da assistência técnica no trabalho com as sementes crioulas é fundamental, a gente vê que quando não tiver a assistência isso vai ficar meio esvaziado, como que vai ser feito isso? [...]. (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

Ressalva-se que para o Movimento, as UBSs podem ser necessárias ou não visto que as casa de sementes bem organizadas e discutidas são capazes de garantir o controle territorial, porém em uma perspectiva conjuntural diferente (O.S., Camponês militante do MPA, 08/07/2020, Caseiros, RS).

[...] E haveria necessidade da multiplicação, da escala maior, porque tinha um entendimento que toda região, todo município, e daí surge a ideia das casas de sementes, dos encontros das sementes nas regionais, nos municípios. Porque o melhor lugar da semente crioula é onde ela tá, não é ela produzida no Rio Grande do Sul pra plantar no Nordeste. Então a melhor semente crioula de milho na Encruzilhada é a que já vem sendo cultivada em Encruzilhada, não é a de Ibiraiaras. Então *nós teria* que ter o guardião preservado, nós teria que ter o melhorador com conhecimento técnico, aí nesse período se fez parcerias com a Embrapa pra ter essa questão mais de conhecimento técnico. E haveria de ter multiplicadores, porque nem todas teriam espaços pra produzir sua própria semente, teria a dificuldade com a contaminação, todo ano teria que tá fazendo aquisição de sementes novas. Então, seria também uma forma, e daí vem a história das UBSs, uma forma de nós tá dando uma geração de renda para as famílias [...] (O.S., Camponês militante do MPA, 08/07/2020, Caseiros, RS).

4.2.2 Entidades parceiras: a união fez e faz a força!

Entre as organizações que fazem parte do trabalho com sementes crioulas temos na sequência uma lista de entidades que orbitam neste universo e acabam “tecendo” uma rede de relações com o MPA. Organizam-se desde o campo da pesquisa, assistência técnica, produção, fomento e a apoios eventuais. Cabe ressaltar aqui que os parceiros vinculados a produção e a comercialização estão numa perspectiva do MPA do RS.

Para um dos dirigentes entrevistados M.T.S., representante do MPA na Via Campesina, e que tem acompanhado algumas articulações no cenário internacional na temática das sementes crioulas, recursos genéticos e soberania Genética, existem níveis de inter-relações que são complementares e assim menciona:

[...] no nível local tá uma gama muito diversa, [...] Então a nível local podemos ter uma pastoral, uma associação dos agricultores, o próprio Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o mesmo poder público municipal, igreja, outras associações. E em nível de estado uma parceria com outras organizações não governamental, movimentos sociais; [...] o MPA é membro atuante da Articulação Nacional de Agroecologia- ANA e também tem uma parceria muito forte com diferentes acadêmicos, científicos, pesquisadores da área; mas também de outras áreas, tem da área da educação que englobou essa temática nos seus processos [...] Nós também temos a nível internacional, para além, varias organizações das via campesina [...] (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

Ao falar das parcerias internacionais ele cita algumas delas e as ações:

[...] a campanha “Patrimônio dos Povos a Serviço da Humanidade”, uma ação que é “adote uma semente”, o MPA tá puxando junto com o movimento de Mulheres Camponesas da Coréia do Sul, a nível internacional. [...] Tem Oxfan internacional que financiou o trabalho que nós desenvolvemos de intercâmbio no Moçambique. E no Paraguai, nós tivemos o apoio da Rosa Luxemburgo, tivemos brigadas na Venezuela e intercâmbio com outras organizações locais da Via como (Unac/Mozambique e Conamuri/Paraguay) que colaboram com o trabalho de intercâmbio que nós fizemos com outras organizações da América Latina, da América Central, América do Sul; e também em outros países o Continente Africano, para além do Moçambique Então outros companheiros já estiveram na Etiópia, eu que tive no Mali, enfim, aí nós temos um processo de articulação política que estão acontecendo dentro dos nossos espaços multilaterais internacional e tem o apoio da Fundação Heinrich Boll [...] (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

Considerando que o MPA faz parte da VIA CAMPESINA, todos os movimentos que compõe este espaço são parceiros e atuam levando esta luta política em suas pautas reivindicatórias (MST, MAB, MMC). Em especial com o MST, onde existe uma proximidade maior, por ser um movimento muito forte no estado do RS e por ter ações entre cooperativas das organizações do setor de produção.

A Cooperativa dos trabalhadores assentados da região Porto Alegre Ltda.- COOTAP, que apesar de ser referência no arroz agroecológico tem aberto outras frentes na produção de alimentos. Nesta perspectiva podemos citar o fomento a produção de feijão agroecológico e que a partir disso tem se estabelecido algumas parcerias com o MPA e suas cooperativas. Como por exemplo, o fornecimento de sementes e beneficiamento da produção do grão por parte das cooperativas do MPA, neste caso a Cooperfumos do Brasil.

A EMATER, ASCAR/RS é parceira deste trabalho e tem participando de diversos eventos do MPA, citamos aqui as feiras. Para além disso, na bandeira política das sementes crioulas alguns profissionais do quadro de técnicos da instituição fomenta o seu uso nos sistemas de produção dos agricultores que acompanham. Cabe ressaltar que apesar de se ter estas relações, a entidade parceira não tem uma política de orientação para seus profissionais sobre a temática das sementes, porém existem diversas ações espontâneas de secretarias municipais e de seus técnicos que militam e fomentam este trabalho nas regiões realizando eventos como feiras e trocas.

Nas relações com as instituições religiosas e pastorais citamos aqui a CARITAS e suas ações, como o Projeto Esperança/Cooperança de Santa Maria. Nesta perspectiva é importante citar a parceria e participação nos eventos espaços que a economia solidária propõe no Rio Grande do Sul como a histórica Feira Internacional da Economia Solidária que ocorre em Santa Maria todo ano; Além dela temos a Comissão Pastoral da Terra- CPT, a qual tem uma caminhada histórica desde a fundação do MPA e assim citamos aqui a companheira Oldi e o companheiro Maurício, que realizam, fomentam e participam de diversas feiras de sementes e/ou de consumo junto ao MPA.

Nas entrevistas foram citadas instituições financeiras como o SICREDI e BANCO do BRASIL- BB o qual apoiam ações neste campo das sementes crioulas e agroecologia. O apoio varia de projetos de curta duração, financiado pelos seus fundos sociais e apoio a eventos como feiras de sementes e consumo.

Importante ressaltar que de uma forma geral as Universidades não são citadas como importantes fomentadoras deste trabalho, o que se vê normalmente é a referência de pessoas que compõem estes espaços como é o caso de Sebastião Pinheiro (especialista em agroecologia e escritor) e Rubens Onofre Nodari (Professor e especialista em Recursos

genético vegetais da UFSC). O mesmo se repete quanto a EMBRAPA, porém ainda é possível verificar que algumas unidades têm um comprometimento maior como é o exemplo da Embrapa Clima Temperado de Pelotas, que tem uma relação histórica com o movimento, neste e em outros diversos temas.

Resultado desta articulação hoje a base do MPA, através da Cooperfumos do Brasil, esta sendo beneficiada juntamente com a CONATERRA, uma cooperativa do MST que trabalha especificamente com sementes agroecológicas de hortaliças, por um projeto de fomento e estruturação da produção de sementes crioulas e agroecológicas no estado do RS. Este projeto tem o apoio Financeiro do Fundo Social do BNDES, através do Programa INOVASOCIAL. Este programa apoia seis projetos no Brasil, juntamente com o que mencionamos intitulado Rede de sementes crioulas e Agroecológicas Sul. Além da unidade da Embrapa citada acima, a Embrapa Agrobiologia do Rio de Janeiro também tem se somado, junto a outras entidades de pesquisa como a PESAGRO.

Entre um rol vasto de cooperativas e associações que são parceiras do MPA na temática das sementes crioulas, segue na sequencia uma lista delas. As maiorias das entidades que seguem abaixo e que foram elencadas pelos entrevistados como parceiras compõem a rede camponesa de agroecologia (RCA).

A rede camponesa de agroecologia consolidada em 2013 faz parte de outras 28 redes apoiadas pelo programa Ecoforte²⁹. Hoje a RCE é composta por 39 organizações sendo 11 Associações de agricultores, 09 Cooperativas de agricultores, 04 Sindicatos de Trabalhadores Rurais, 02 Escolas Famílias Agrícolas, 01 Instituição de Pesquisa, 02 organizações de assessoria, 06 de povos e comunidades tradicionais, 01 de consumidores, 02 de jovens e 01 de comunicação social.

Das parcerias que compõe a RCA e que foram citadas pelos entrevistados segue:

- Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil LTDA- Cooperfumos do Brasil;
- Cooperativa de Habitação Camponesa Ltda.- COOPERHAB;
- Cooperativa Mista de Produção Industrialização e Comercialização de Biocombustíveis do Brasil Ltda. (COOPERBIO);
- Cooperativa de Prestação de Serviços, Assistência Técnica e Educação Rural Ltda.- (COOPSAT);
- Cooperativa Mista de Comercialização e Produção Camponesa do Rio grande do Sul- CPC-RS);
- Instituto Cultural Padre Josimo- ICPJ;
- Cooperativa de Pequenos Agricultores Agroecologistas da Região Sul- ARPASUL
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Palmeiras das Missões e de Encruzilhada do Sul;
- Associações municipais: Associação Veracruzense de Pequenos Agricultores Camponeses, Associação dos Pequenos Agricultores de Arroio do Tigre- APATI, Associação dos Pequenos Agricultores da Região Vale do Forqueta, Associação dos Pequenos

²⁹ O Programa de Fortalecimento e Ampliação das Redes de Agroecologia, Extrativismo e Produção Orgânica - Ecoforte, criado em 2013, é parte integrante da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - PNAPO. Foi construído pelo Governo Federal em parceria com a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e demais organizações que integram a Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO). É implementado pela Fundação Banco do Brasil (FBB) e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), operando com recursos oriundos da Fundação Banco do Brasil, do Fundo Amazônia e do Fundo Social do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Tem como objetivo apoiar projetos territoriais de redes de agroecologia, extrativismo e produção orgânica, voltados à intensificação das práticas de manejo sustentável de produtos da sociobiodiversidade e de sistemas produtivos orgânicos e de base agroecológica. Disponível em <https://redes-ecoforte.eita.org.br/>. Acessado em 15/09/2020.

Agricultores Renascer Hortigranjeiros do Vale- APARHORTIVALE; Associação dos Pequenos Agricultores de Candelária- APACAND;

Das relações mais periféricas citadas pelos entrevistados e que não fazem parte da RCA temos:

- Associação Gaúcha Pró Escolas Famílias Agrícolas- AGEFA;
- Associação dos Guardiões das Sementes Crioulas de Ibarama - ASCI;
- Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor- CAPA e Rede Agroecológica Ecovida- Rede Ecovida;

- Cooperativa de Produção e Trabalho Integração Ltda.-COOPTIL;
- Cooperativa União dos agricultores familiares de Canguçu e região- Cooperativa União;

- Cooperativa Mista de Produção, Industrialização e comercialização de Agro combustíveis e produtos Agropecuários- OESTEBIO;

A partir das parcerias estabelecidas com o estado, em especial os frutos de articulação com a política pública do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), foi possível construir processos organizativos produtivos e de distribuição de sementes entre cooperativas de produção e organizações quilombolas, indígenas e da reforma agrária. Esta articulação foi possível graças ao esforço e dedicação do Departamento de Desenvolvimento Agrário, Pesqueiro, Aquícola, Indígenas e Quilombolas da atual Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural- SEAPDR que articula e operam os programas de doação de sementes, PAA- sementes via a companhia nacional de Abastecimento- CONAB/ RS o qual é uma entidade parceira do MPA. Entretanto, convém ressaltar que os projetos desta envergadura e com orçamento significativos diminuíram muito no último período.

4.2.3 Importância do trabalho com sementes: oportunidades

Para os idealizadores do Movimento dos Pequenos Agricultores, o trabalho que o movimento desenvolve com as sementes e as comunidades envolvidas são de suma importância para a soberania alimentar e segurança genética das sementes. Na visão de R.C.L. (Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS), o trabalho com as sementes crioulas são a base da segurança e soberania alimentar. As sementes crioulas, depois da terra, são o insumo norteador da produção, principalmente quando se tem como princípio a produção agroecológica.

A semente é o início de tudo se a gente quer ter uma alimentação saudável precisa começar por ter uma semente boa, crioula, de qualidade, [...] então a semente é o início de tudo! Uma boa semente contribui para que a gente possa ter soberania alimentar, porque também quando a gente não tem acesso a semente crioula a gente fica refém do modelo de produção, principalmente a gente que é agroecológico. Quando a gente não tem acesso a semente crioula a gente fica um pouco se questionando: Como que a gente vai plantar essa semente que já vem contaminada num modelo diferente de agricultura? Então a semente é o início pra fazer o processo da soberania alimentar, sem semente não há alimentação saudável (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

Conforme pontuado por SAG (liderança nacional do MPA), o trabalho desenvolvido é importante porque as sementes fazem parte da identidade camponesa e são capazes de promover a autoestima das famílias. É a partir delas se consegue garantir a produção de subsistência, por torna os camponeses autônomos. Para ele estes fatores são elementos culturais e psicológicos. Mas também menciona que é importante do ponto de vista da

economia camponesa, pois permite produzir de forma mais barata, primeiro para a subsistência e depois para a comercialização.

[...] o elemento econômico também é importante, ele tem um custo menor para produzir a sua subsistência e também para o mercado. Ele produz um excedente e esse excedente melhora e aumenta sua renda [...] As pessoas, quando tem milho raro nas suas sementes, uma rama, variedade de mandioca rara, eles falam para a gente com orgulho, quando trazem uma batata grande, de uma muda que o avô dele conservava, ele fala daquilo com orgulho: “olha aqui, meu avô plantava e eu tô plantando e olha aqui o resultado!” [...]. (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Pode-se afirmar que “o trabalho com sementes crioulas fortalece a perspectiva da identidade dos camponeses e que por isso guardam as sementes e de forma subconsciente muitas vezes promovem a soberania alimentar e genética” (M.S.S., dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS). Sob o ponto de vista econômico, as sementes também cumprem seu papel de importância, pois muitos agricultores buscam nelas uma forma de baratear os custos de produção.

Para um dos dirigentes do MPA (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ) as sementes crioulas fazem parte da identidade camponesa, possuem conhecimento tradicional associado, e não podem ser consideradas meras mercadorias, nada além de uma propagação biológica. O mesmo menciona que elas são importantes porque fazem parte de um conjunto de ações que garantem a soberania alimentar e que a massificação e a territorialização das sementes crioulas na amplitude do seu conceito é a materialização da soberania genética.

O trabalho ele faz parte de um conjunto de ações de promoção da soberania alimentar, então, depois da garantia do acesso a terra e água, é acesso às sementes, é plantar e produzir os alimentos pra família, pra comunidade, a comercialização de produtos de melhor qualidade sanitária e de saúde [...] (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

Desta forma, este trabalho com as sementes é essencial para garantir a possibilidade das gerações futuras terem o direito de se alimentarem corretamente. Para P.K. (guardião e dirigente do MPA, 04/05/2020, Panambi, RS) é dever de todos dar continuidade a este trabalho difícil e de enfrentamento do modelo atual de agricultura, hegemônico e contrário a qualquer outra forma de fazer agricultura que respeite a vida. Com animação ele menciona as procuras quase que cotidianas por sementes crioulas de outras comunidades de seu entorno.

4.2.4 Importância do trabalho com sementes: gargalos

Ao perguntar aos entrevistados aqui caracterizados como idealizadores do projeto sobre os principais gargalos que são percebidos no tocante a sementes em um sistema de produção agroecológico/orgânico as respostas obtidas foram numerosas e com um ponto comum, já que a totalidade dos entrevistados apresentou a contaminação dos materiais de milho crioulo pela transgenia como preocupante. Cabe aqui fazer um recorte, este elemento é central para o movimento e para os agricultores, já que o milho na produção camponesa é estratégico, um insumo universal e fundamental na dinâmica dos sistemas camponeses de produção. Para as lideranças do MPA e técnicos este problema é muito preocupante, pois tem impacto direto na produção de sementes das unidades de beneficiamento, pois em casos de ocorrer lotes positivos para a transgenia os mesmo são descartados.

Além da contaminação, outro elemento reforçado pelos entrevistados foi a necessidade de assistência técnica, seja ela na produção de sementes ou na produção de alimentos como grãos agroecológicos ou orgânicos.

[...] porque eu me lembro do início assim, a pessoa pegava a semente de milho e “tacava” uréia, daí não dava espiga, só dava pé, então precisa ter assistência técnica, reaprender ser agricultor usando essa semente, é muita observação muito erro e acerto, é aprendendo fazer [...]. (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS)

[...] então a gente precisa formar tecnicamente esses nossos militantes e nossos jovens, técnicos no nosso quadro político. Em termos de produção a gente precisa ter as condições necessárias para definitivamente produzir, então, por exemplo, nós precisamos conhecer o ecossistema, conhecer o tipo de solo, dar uma olhada na paisagem que a gente tá, o espaço de produção que nós temos, pra melhorar o trabalho, uma área de bosque, de floresta. Toda essa questão pra preparar o espaço de cultivo, então, as técnicas agroecológicas que nós precisamos difundi-las, precisamos resgatar, porque a gente tem muito conhecimento que a gente não conhece que estão com os agricultores. [...] (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

Os entrevistados relataram que o modelo hegemônico de agricultura gera e influencia diretamente a maioria dos gargalos encontrados na agricultura, tais como a contaminação por agrotóxicos e pelos transgênicos, por exemplo.

[...] Essa agressão ela vem atropelando, então o agronegócio hoje não tá respeitando as divisas, não tá nem aí se tá contaminando a nascente e o povo tá bebendo a água envenenada, enfim, com produtos pesados; então esse é um gargalo [...] (P.K., guardião e dirigente do MPA, 04/05/2020, Panambi, RS).

[...] Quando a gente fala em sair do agronegócio, digamos assim, do modelo do agronegócio, ele também hegemôniza o pensamento, porque ele se impõe na discussão, impõe o modelo químico, força o pequeno agricultor a usá-lo, o camponês se obriga a usar por falta de opção, porque não tem alternativa. Então, sair disso, transitar para um modelo sustentável, agroecológico e orgânico, tem um longo processo de transição. E neste longo processo de transição tem muitos gargalos [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Desta forma os principais gargalos levantados pelos entrevistados referentes aos sistemas de produção são:

- Acesso à tecnologia; especialmente equipamentos de mecanização agrícola e Irrigação, ambos adequados à realidade dos agricultores familiares e camponeses. Esta dificuldade de acesso foi um fator muito destacado pelos entrevistados.

- Limitado acesso as sementes pelos agricultores;

[...] Muita gente já se criou sem saber o que é “sementes crioulas”, sem conhecer práticas agroecológicas, conservação de sementes, produção de sementes crioulas, produção de mudas crioulas, de animais de raças crioulas, porque houve uma expropriação e um desprezo dessa sabedoria e desses conhecimentos [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

- O alto nível de degradação e a baixa fertilidade dos solos o que dificulta o manejo de plantas espontâneas e a expressão do potencial produtivo das variedades;

- Insumos voltados à produção agroecológica/ orgânica;

- Erosão Genética (redução da variabilidade genética);

- Dificuldade de encontrar comércio em alguns casos;

- Capital de giro das cooperativas que atuam no setor;

- Expropriação do Conhecimento/ perda do conhecimento tradicional;

[...] então a gente tem um problema, por exemplo, que, quem detém esse conhecimento são pessoas de mais idade, e esse conhecimento tá sendo perdido de uma forma muito acelerada, mais do que o material genético em si, propriamente dito. Porque não tá sendo transmitido para as gerações mais novas, porque os jovens não estão na lavoura, pelo menos em algumas regiões não estão mais nas lavouras junto com os pais, e as crianças também não estão lá, talvez no Nordeste ainda esteja mais presente; mas na Região Sul, e algumas Regiões Sudeste Central não estão mais [...] (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

- Apoio institucional/ política pública;
- Organização incipiente das entidades: trabalhar melhor as condições efetivas, econômicas, de infraestrutura necessária para esse trabalho, de logística para esse trabalho, e a questão do resgate de todo o conhecimento envolvido nesse processo.

Para S.A.G. (dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS) outros gargalos na produção de sementes agroecológica/ orgânicas despontam quando consideramos a oferta e demanda. Para o entrevistado, o maior problema está no volume produzido, pois a produção de sementes orgânicas ainda não cresce na medida da necessidade. Em sua análise, deveria ocorrer um grande projeto de produção com forte apelo social, o que não é possível ser realizado sem um bom planejamento e a presença do estado.

4.3 A Cooperfumos do Brasil e a Unidades de Beneficiamento de Sementes: Uma Ponte para a Construção da Reciprocidade

Neste item faremos um breve histórico da caminhada da Cooperfumos do Brasil sobre a estratégia das sementes bem como abordaremos sobre a UBS José Gilberto de Oliveira Tuhtenhagem, enfatizando de modo especial seu histórico na luta pela preservação das sementes, segurança alimentar e direitos dos agricultores

4.3.1 Cooperfumos do Brasil: a prática da reciprocidade

A Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil Ltda, COOPERFUMOS do BRASIL, foi fundada em 15 de março de 2004 no berço do maior complexo industrial de tabaco do mundo, em Santa Cruz do Sul/ RS, região do Vale do Rio Pardo. Esta região tem como base produtiva a cultura do tabaco, com mais de um século de existência. Hoje fazem parte mais de 6.400 agricultores.

Na sua fundação a finalidade primordial desta sociedade cooperativa era:

[...] melhorar as condições de vida de seus associados, organizando o trabalho junto a terceiros e estimulando o desenvolvimento progressivo das atividades econômicas de caráter comum de seus associados [...] (Ata de constituição, 15 de março de 2004).

Seu objetivo descrito na Ata de assembleia geral de constituição era:

[...] comercialização da produção dos seus associados, como o fumo e outros cereais afins, assim como a aquisição de insumos para seus associados a prestação de serviços de máquinas agrícola, no preparo e cultivo da lavoura, [...] (Ata de constituição, 15 de março de 2004).

Para um dos coordenadores da cooperativa M.S.S. (dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS), ela surgiu através da discussão de um grupo de camponeses organizados junto MPA e o principal objetivo era a busca de

alternativas econômicas, a qual ele chama de “criar um movimento econômico” frente a exploração de dependência da cultura do tabaco pelos agricultores como única fonte de renda.

Para R.C.L., associada da cooperativa, nesta mesma linha reflete que o objetivo da criação da cooperativa era:

[...] fazer esse grande contraponto a cultura do tabaco na região, mas não contra a cultura do tabaco e sim a favor da diversificação da cultura do tabaco, pra que as famílias pudessem ter qualidade de vida, ficasse menos refém da renda do tabaco, tivesse produção de alimento como um grande carro chefe [...] (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

M.S.S. (dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS), entrevistado o qual acompanha a cooperativa desde 2007, menciona que em determinado momento “se viu a necessidade de ter um espaço de formação e hoje a cooperativa tem um espaço de formação onde trabalha temas relacionados a agroecologia e produção orgânica”. Isso foi possível porque em março de 2007 a cooperativa recebeu a doação de uma área 43 hectares do governo municipal Santa-cruzense, na época o prefeito era José Alberto Wenzel, Partido da Social Democracia Brasileira- PSDB.

A doação do espaço pelo poder executivo, Lei Municipal 5.085, de 28 de março de 2007, previa uma serie de investimentos e a efetivação do Complexo Agroindustrial e profissionalizante conforme contrato firmado o qual previa o trabalho em quatro grandes áreas: a) área de produção de bioenergia; b) área de produção de alimentos; c) área de industrialização e distribuição; e d) área de formação profissionalizante (Santa Cruz do Sul, Lei Municipal 5.085, de 28 de março de 2007).

Hoje o Complexo Agroindustrial e Profissionalizante Alimentos e Bioenergia São Francisco de Assis, consta com uma estrutura de Agroindústrias de pequeno porte, uma micro usina de produção de etanol, Unidade de Beneficiamento de Grãos, centro de formação e áreas de produção de alimento vegetal e animal, com criação de animais crioulos como porcos e ovelhas. Desde setembro de 2018 a parte de produção vegetal é certificada.

[...] Eu acompanhei todo o processo das construções, começou com a usina de beneficiamento de álcool, depois migrou pro processamento de doce, de chimia, tinha viveiros de mudas [...], horta, PRV, arroz, e todo um processo de ensino e aprendizado, toda a estrutura da COOPERFUMOS foi construída em bioconstrução e em regimes de cursos, as pessoas iam lá faziam um curso aprendiam, na teoria e na prática e ajudavam nas construções que existem [...] (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

Uma das linhas da cooperativa sempre foi o fomento da produção de subsistência, buscando ao empoderamento dos agricultores e a autonomia das propriedades. Nesta perspectiva a cooperativa desde sua gênese tem trabalhado nestes temas e de 2008 a 2017 executou projetos de Assistência técnica e extensão Rural- ATER. R.C.L., entrevistada trabalhou nos primeiros projetos de assistência técnica e extensão rural da cooperativa e menciona:

[...] eu trabalhei no primeiro projeto de assistência técnica que foi feito ai pela COOPERFUMOS, então nessa linha das famílias voltar a produzir seu alimento e ver isso como uma fonte de renda, por que em anos que o fumo não chega, o que garante a reprodução social das famílias no campo é a produção de alimentos, aquela “miudeza” que é plantada lá na horta, o bichinho que a família produz [...] (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

Nos projetos de assistência técnica o tema das sementes sempre esteve presente, como podemos ver nas metas:

[...] Realizado 4.052 visitas técnicas para 1.342 agricultores e agricultoras familiares a fim de garantir a sustentabilidade da produção camponesa através de sementes varietais nativas e crioulas, agroecologia e produção de leite a pasto nas regiões do Alto Uruguai, Celeiro, Produção, Médio Alto Uruguai, Alto Jacuí, Altos da Serra, Litoral Norte, Vale do Taquari do Rio Grande do Sul; [...] (Currículo da Cooperfumos, 2013, Resultado do projeto do convenio SAF/ DATER com a Cooperativa de 2008 a 2011).

[...] Implementado 30 unidades de linhaça; implementado 10 unidades de gergelim; implementado 30 unidades de amendoim; implementado 1300 unidades de plantio de milho crioulo; Implementado 1200 unidades de produção de feijão; [...] (Currículo da Cooperfumos, 2013, Resultado Chamada Pública SAF/ DATER Nº 04/ 2011- LOTE 01, executado em 2012 e 2013).

Os resultados das sementes crioulas na vida das famílias agricultoras que participaram dos projetos de ATER foram evidenciados em estudo realizado por Ludtke; Rambo; Stoffel (2016) em que as famílias afirmam que o recebimento das sementes doadas pelo projeto foi fundamental para diversificarem as atividades produtivas na propriedade.

Entre os principais objetivos sociais da cooperativa temos a questão das sementes como componente estatutário central para a melhoria das condições de vida dos associados, conforme descrito em seu Estatuto Social de 2014):

[...] **Art. 2º** - A Cooperativa visa melhoria das condições de vida dos seus associados em todos os âmbitos de suas necessidades e atividades econômicas e sociais, constitui-se me cooperativa mista, e para a consecução deste fim ela objetiva: [...]

[...] IX- Efetuar serviços de infra-estrutura, tais como: transporte terrestre com caminhões, beneficiamento, classificação, padronização, embalagem e registro, se forem o caso, de produtos destinados ao mercado e a seus associados; [...]

[...] XXIV-Produzir, reproduzir e coletar sementes, manter viveiros e comercializar mudas e propágulos de espécies herbáceas, arbustivas, arbóreas, nativas e exóticas; XXV- Produzir, reproduzir e comercializar sementes fiscalizadas e/ou certificadas; XXVI- Produzir, reproduzir, adquirir e beneficiar sementes e mudas crioulas para comercializar junto a agricultores familiares e suas organizações sociais ou econômicas bem como, para fornecimento a programas governamentais, sejam eles municipais, estaduais ou federais [...] (Estatuto Social da Cooperfumos, 2014).

Neste sentido a cooperativa sempre teve presente e atuou fortemente no trabalho com a produção de sementes crioulas. No ano de 2015, fruto de um amplo debate, mas também visando o mercado institucional proposto pela política de Aquisição de Alimentos- PAA, na modalidade PAA- sementes se inaugura uma Unidade de Beneficiamento de Sementes em Encruzilhada do Sul/ RS.

Inicialmente a proposta era de se trabalhar única e exclusivamente com materiais crioulos, o que hoje está em mudança pela entidade devido à baixa quantidade de recurso destinado as políticas públicas, como por exemplo, o Programa de Aquisição de Alimentos- modalidade sementes (PAA-Sementes).

Dentro do viés da Agroecologia, a cooperativa tem se desafiado a fomentar os usos e a comercializar insumos agroecológicos e orgânicos como pó de rocha, biofertilizantes, controladores biológicos e naturais e adubos orgânicos. Além de atender seus associados prestando serviços de máquinas agrícolas e fretes. M.S.S., (dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS), menciona que entre as inúmeras atividades desenvolvidas na cooperativa, “o carro chefe hoje está se tornando as sementes, a expressão das sementes tá tomando força”, mostrando a importância deste tema para os camponeses.

Hoje a cooperativa tem duas casas de sementes, sendo uma na sede e outra na filial. Embora a localizada na matriz, no Centro de Formação São Francisco de Assis, seja um

marco importante que demarca esta caminhada histórica da cooperativa com as sementes crioulas, pois foi a primeira experiência prática e coletiva de resgate, conservação, multiplicação e distribuição de sementes crioulas. Segundo o Relatório de Atividades da cooperativa (2011) estas sementes crioulas eram plantadas e coletadas no Centro e entre os agricultores com a finalidade de garantir soberania alimentar. Pelo relatório eram mais de 80 variedades que a casa de sementes mantinha distribuídas em dezenas de espécies. Impressiona o número de variedade de milho e feijão:

[...] Feijões crioulos e varietais (amarelo enxofre, arroz amarelo, cavalo preto, cavalo vermelho, preto graúdo, vermelho, arroz vermelho, carioca vermelho, feijão-miúdo, feijão-guandu, feijão-adzuke, folgado preto, chocolate, laranjeira, feijão-sopinha, amendoim, feijão olho-de-cabra, bolinha, mouro, olho de pomba, vagem amarelo, vagem branca, vagem trepador, chumbo amarelo, feijão de metro e de porco). Dentre as variedades de feijão descritas temos feijões comestíveis, alimentação do gado e que servem para adubação verde.

Milhos crioulos e varietais (cunha, farináceo, dente de cão, cabo roxo, branco, pipoca branco, pipoca roxa, pipoca pintada, oito carreiro (branco e amarelo), pintado, amarelão, pampeano, roxo e pingo de ouro) [...] (Relatório de Atividades, 2011).

4.3.2 Unidade de Beneficiamento de Sementes Crioulas- UBS José Gilberto De Oliveira Tuhtenhagen

A unidade de Beneficiamento de sementes Crioulas José Gilberto de Oliveira Tuhtenhagen, foi inaugurada no município de Encruzilhada do Sul em 2015. Este projeto tem o auxílio financeiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), com capacidade de 400 toneladas/ano, tem a finalidade de secar, beneficiar, armazenar, comercializar, distribuir e trocar sementes crioulas de pequenos agricultores do Rio Grande do Sul. A unidade encontra-se instalada numa área de quase de cinco hectares doada pela prefeitura de Encruzilhada do Sul/RS o qual é usada também para realizar multiplicações, ensaios de avaliação e pesquisa, unidades de observação e seleção e melhoramento de algumas espécies.

A estratégia da construção de uma UBS na cooperativa para R.C.L. (Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS). “casou com esse negocio do PAA que comprava as sementes dos agricultores e distribuía”. O entrevistado M.S.S. (dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS), afirma que a unidade foi construída por conta das políticas públicas como descreve a entrevistada, porém afirma que isso foi reflexo de compreender que de fato uma fatia da agricultura necessitava de acesso a este grupo de sementes.

Ao perguntar das dificuldades encontradas na elaboração e construção da estrutura e do projeto político das sementes dentro da cooperativa, S.A.G., (dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS), lembra de José Gilberto de Oliveira Tuhtenhagen, que veio a falecer num trágico acidente, José Gilberto foi presidente da cooperativa e um dos idealizadores do projeto. Devido a estes fatores a UBS recebe seu nome.

[...] Cada dia era uma pedra pra tirar do caminho. Importante destacar nisso o espírito empreendedor do Gilberto. Era, por excelência, um “fazedor de coisas”, um desbravador, um empreendedor. Esta era uma marca do Gilberto. Em cada pedaço de pau, e cada bloco de cimento, em cada telha, tanto no Centro de Formação de Santa Cruz do Sul como na UBS de Encruzilhada do Sul tem as digitais do Gilberto (S.A.G., (dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

O mesmo entrevistado cita que o local de escolha da UBS levou em consideração não somente a organização política e o envolvimento de muitas lideranças e agricultores associado, mas questões técnicas.

[...] Encruzilhada do Sul oferecia no município e no seu entorno, locais e espaços que ainda estavam um pouco mais protegidos, que eu chamo de “espaço protegido” da avalanche da revolução verde e da contaminação dos transgênicos. Então Encruzilhada do Sul, Amaral Ferrador, Canguçu, esse entorno ficou um pouco mais protegido, tanto culturalmente como geograficamente, para produzir sementes crioulas. [...] (S.A.G., (dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Na questão de desenho da estratégia política e tecnologia a ser utilizada no projeto da UBS, houve um debate longo e profundo entre os idealizadores. Nesta discussão tecnológica alguns entraves existiam e S.A.G. dirigente que acompanhou este processo recorda de alguns:

[...] Foi uma reflexão muito interessante, um debate rico, para não copiar o modelo das UBSs do agronegócio. Como você garante beneficiar grande diversidade de sementes? Como conservar sem usar produtos químicos agressivos? As opções no mercado não iam nesta linha. Foi preciso criar, inventar. [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

M.S.S. (dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS) comenta nesta mesma linha sobre as dificuldades e dilemas encontrados na elaboração, o entrevistado menciona algumas indagações: “onde que a gente queria chegar? Porque a necessidade de ter a unidade de beneficiamento de sementes? e o tamanho?”.

Ao perguntar ao entrevistado se tiveram dificuldades técnicas na etapa de produção de sementes, ele menciona lembrando a estrutura que trabalhavam em Santa Cruz do Sul dizendo:

[...] no início era um processo muito rudimentar com equipamentos de pequeno porte [...] como a gente não tem esse processo anterior de mais acompanhamento da produção a gente teve dificuldade com alguns lotes, a germinação, vigor, pureza, qualidade das sementes. Então a gente teve problemas mais serio, hoje ainda tem! Mas em um grau menor [...] (M.S.S., dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS).

S.A.G. relata às dificuldades enfrentadas anteriores a construção da UBS e lembra fatos que talvez contribuíssem para se pensar a estrutura existente hoje em Encruzilhada do Sul. O período narrado remete aos primeiros processos junto ao PAA que a cooperativa executou possivelmente 2012/2013.

[...] Eu não me lembro quando foi. Estava uma gurizada estagiando em Santa Cruz, de famílias do MPA [...], beneficiando semente de milho e feijão em grande quantidade, para atender o PAA. A gurizada coberta de poeira, com duas máquinas artesanais, nós tentando convencer eles de usar a máscara para se protegerem do pó, e era muito quente e eles não usavam ou logo deixavam de usar. Aí o Gilberto chegou pra mim, ali num dos escritórios da Cooperfumos, [...] o Gilberto entrou na sala e disse assim: “S..., assim não dá mais. É muita semente e desse jeito não temos como continuar” [...] (S.A.G., dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS).

Entre as principais dificuldades de hoje, o entrevistado M.S.S. (dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS) afirma que ao mesmo tempo em que o PAA, junto com a necessidade e demandas dos agricultores foi o desencadeador da construção da UBS. Hoje a entidade tem problemas financeiros, pois o empreendimento é

financiado e este mercado prospectado praticamente inexistente. E assim coloca uma série de dificuldades encontradas:

[...] dificuldade da assistência técnica, a gente nunca teve uma assistência técnica ou um grupo de pessoas suficiente pra dar conta de um atendimento especial pra produção de sementes; dificuldades financeiras; [...] a gente não tem assim uma garantia pra comercializar [...]; a gente tem as vezes dificuldade de organizar a base produtiva porque não sei se é só aqui mas aqui nessa região tem a tradição do sistema integrado com tabaco: planta que o João garante; a gente tem dificuldade nas culturas de polinização aberta, tem as questões das transgenia e da contaminação que é outro gargalo e a gente não tem um sistema, um processo de melhoramento, seleção das variedades crioulas de maneira organizada. [...] tem a dificuldade de comercialização pelos entraves da legislação e [...] a gente não é bom em vender [...] (M.S.S., dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS).

A dificuldade na comercialização foi relatada pelos entrevistados. S.A.G. (dirigente nacional do MPA, 22/04/20, Hulha Negra, RS) ao falar da comercialização e das inexistências de políticas públicas relata que “depois de 2016, com o golpe de estado, toda essa estratégia, passa a ser derrubada e destruída, deixando de ser e de ter qualquer tipo de prioridade.” Ele ainda afirma que o trabalho com sementes crioulas na condição da cooperativa, com financiamento da estrutura física da UBS via Badesul/PRONAF “é resistência pura”.

Nesta mesma linha Schiavon (2017), constatou que a comercialização das sementes era muito dependente de políticas públicas, vinculadas aos extintos Ministérios, Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e Desenvolvimento Agrário (MDA).

No ano de 2015, além das prestações de serviço para agricultores e cooperativas as distribuições realizadas via recurso público foram por intermédio da Secretaria de desenvolvimento Rural do RS (SDR), Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e Secretarias de agricultura municipais, através do Programa Troca-troca de Sementes (SCHIAVON, 2017).

Nesta mesma linha, posterior a diminuição dos recursos destinados as políticas públicas, a comercialização das sementes pela cooperativa foi muito impactada, o entrevistado M.S.S., cita algumas possibilidades e estratégias de vendas que a cooperativa tem adotado para sair desta situação:

[...] como a gente só tem sementes crioulas, a gente só pode comercializar entre agricultores ou entidades que representem este público [...] e isso limita o numero de pessoas que a gente pode comercializar [...] então no próximo período através do facebook, whatsapp, através dos grupos que a gente participa da certificação de produção orgânica, sempre tendo cuidado que o beneficiário final atenda aos requisitos da lei onde se enquadra a semente crioula [...] (M.S.S., dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS).

Apesar da produção de sementes não ser orgânica, todas as atividades sejam elas práticas ou teóricas como os campos de produção, multiplicação, experimentação, assistência técnica e cursos, possuem na sua pedagogia o exercício e o processo de transição agroecológica, como por exemplo, o incentivo ao uso de produtos alternativos, de adubação orgânica e de bioinsumos para o controle de pragas e doenças, entre outros. Porém tem-se a clareza que a lucratividade das atividades tem que existir, neste sentido quando o custo do insumo, da tecnologia necessária ou do trato cultural representar custo elevado que pode comprometer a lucratividade da atividade a situação é avaliada.

Hoje toda produção de sementes é realizada pelos seus associados. Diferente de outros períodos em que a cooperativa também possuía áreas arrendadas, pratica que vinha

executando até 2018. Hoje a cooperativa conta com uma patrulha agrícola completa que presta serviços para seus associados e produtores de sementes (SCHIAVON, 2017).

Para participar do projeto de sementes como multiplicador e/ou produtor de sementes basicamente é observado o perfil da família e da propriedade e a sua relação com a cooperativa e com o MPA.

Na seleção das famílias o entrevistado M.S.S. menciona que existem três características importantes que são observadas: o perfil produtivo, identidade com a organização social e características da propriedade. E assim coloca;

[...] Eles são selecionados primeiro por perfil de produção, porque nem todos os agricultores tem perfil pra produção de sementes, então a gente observa um pouco o perfil além do perfil é a identidade com a organização social a qual a cooperativa se organiza, neste caso o MPA [...] (M.S.S., dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS).

Além dos agricultores terem um engajamento prévio com a organização, apresentarem um perfil para a produção de sementes crioulas e estarem num processo de transição para a agroecologia é necessário observar as características da propriedade como a sua localização em relação ao território e seus vizinhos. M.S.S. (dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS) entrevistado e um dos coordenadores da cooperativa coloca como central essa questão ao lembrar da importância do isolamento necessário para as variedades de polinização aberta como é o caso do milho, já que esta espécie é produzida pela maioria das propriedades e na sua maioria são variedades transgênicas.

Diretamente ligadas à cooperativa e a estratégia da UBS, desenvolvendo o trabalho de multiplicação e produção de sementes crioulas e variedades anualmente se tem em torno de 90 agricultores. Deste universo anualmente ocorre mudanças que varia de 20 a 30 %. Ou seja, a cada safra se tem de 18 a 27 novos agricultores que são “substituídos”.

Além destas 90 famílias que estão ligadas diretamente com a produção de sementes e a unidade de beneficiamento de sementes crioulas, estima-se que a cooperativa e as sementes que foram beneficiadas alcançou diretamente mais de 40 mil agricultores. Este universo de famílias foi beneficiado por projetos de distribuição via políticas públicas como PAA-Sementes, pelos mecanismos de troca-troca ou compra de sementes que a cooperativa possui.

Ao total já foram beneficiadas na UBS mais de 900 toneladas de sementes. Segundo Schiavon (2017), a cooperativa beneficiou nos anos de 2015 e 2016, 150 toneladas e 180 toneladas de sementes, respectivamente. E para o ano de 2017, entre as espécies de verão e inverno o autor menciona que a cooperativa planejava beneficiar de 250 e 300 toneladas de sementes de inverno e verão.

O trabalho com sementes dentro da cooperativa ainda não é o mais importante ou expressivo financeiramente e apresenta flutuações devido a descontinuidades do PAA-sementes. Ele representou na receita bruta anual da entidade nos últimos anos, 2018, 2019 e 2020, 6,96 %, 23,85% e 13,40 %, respectivamente.

Como já mencionado, antes de construir a UBS, em Santa Cruz do Sul, na matriz da cooperativa se realizava este trabalho de beneficiamento de sementes crioulas. Primeiro fazendo um beneficiamento prévio para a Cooperativa OESTEBIO, o qual existia uma parceria e depois no ano de 2011/2012 se realizou o primeiro PAA e que apesar das inúmeras dificuldades, já citadas anteriormente, foi muito significativa para se pensar a necessidade da estrutura atual. A fase anterior, vivenciada na matriz, despertou a partir das dificuldades práticas do beneficiamento, repensar a estratégia da massificação e a necessidade uma estrutura específica, pois até então tudo era realizado de forma artesanal, muitas vezes manual, em galpões e realizando a secagem de sementes no sol.

No primeiro projeto de sementes via PAA- Seleção Pública que a cooperativa participou, ocorreu nos anos de 2011/2012 e foram adquiridas, beneficiadas e distribuídas 79.500 kg de sementes de milho, feijão, linhaça, gergelim, girassol e amendoim produzido por 79 agricultores e assentados da reforma agrária do RS. Estas sementes, seis espécies e 25 variedades foram distribuídas para 6 mil agricultores identificados pelo Ministério de Desenvolvimento Social- MDS, priorizando o público do Plano Brasil sem Miséria. (PROJETO DE AQUISIÇÃO DE SEMENTES CRIOULAS PARA AGRICULTORES FAMILIARES DE MUNICÍPIOS DO RIO GRANDE DO SUL, 2011)

Somando todo o trabalho que a Cooperfumos vem realizando no campo da massificação da produção e do beneficiamento de sementes crioulas e varietais, desde 2010/2011 quando começou este trabalho em Santa Cruz do Sul, estima-se que foram mais de 1.000 toneladas de sementes.

Apesar de a cooperativa ter inicialmente trabalhado com um número relativo de espécies e variedades como se pode perceber acima, no primeiro PAA executado. Com o passar do tempo este número diminuiu e centralizou-se os esforços nas variedades de milho e feijão, isto se justifica pela dificuldade de se manter uma maior quantidade de espécies nos projetos institucionais, em especial o PAA que vinha definhando.

Com o passar do tempo, a ideia de se trabalhar especialmente com adubos verdes e forrageiras de inverno e verão foi amadurecendo internamente e com a consolidação da UBS em 2015 esta estratégia se tornou mais clara e real, já que a tecnologia da unidade permitia o beneficiamento de uma diversidade maior de espécies. Apesar de hoje ainda estas espécies não serem o carro chefe da cooperativa, se percebeu que trabalhar com espécies de inverno principalmente seria importante para otimizar o uso da estrutura física da UBS ao longo do ano, por possibilitar a melhoria de renda das famílias associadas e também por uma questão de estratégia política da organização baseada na diversificação das propriedades e na melhoria da qualidade do solo pelo uso de adubos verdes.

Neste sentido outro grupo de espécies vem ocupando espaço na cooperativa, as forrageiras e/ou adubos verdes. Apesar de hoje ainda não serem centrais do ponto de vista econômico e produtivos, estas espécies tem se ganhado expressão na agricultura, inclusive no próprio mercado convencional.

Entre as principais espécies trabalhadas hoje pela cooperativa temos o milho (*Zea mays* L.), especialmente o amarelo e o branco; feijão preto (*Phaseolus vulgaris* L.) e a soja convencional (*Glycine max* (L.)). Algumas outras espécies que alternam-se ao logo dos anos, ou ainda que são produzidas em menores quantidades temos no inverno: aveia (*Avena sativa* L. e *Avena strigosa* Schreb), azevém (*Lolium multiflorum* L.), centeio (*Secale cereale* L.), trigo (*Triticum aestivum* L.), linhaça (*Linum usitatissimum* L.) e o nabo forrageiro (*Raphanus sativus* L.), e no verão: o sorgo sacarino (*Sorghum bicolor* (L.)) e alguns adubos verdes como crotalárias (*Crotalaria* spp.) e o feijão miúdo (*Vigna unguiculata* (L.)) também são produzidos.

Outro segmento que vem sendo explorado pela cooperativa frente às dificuldades econômicas é a prestação de serviços de secagem e beneficiamento para os sócios e outras cooperativas da região. Além da prestação de serviço outra estratégia produtiva e comercial quem tem ganhado forma através do Projeto Rede de Sementes Crioulas e Agroecológicas Sul do Programa Inova Social do Banco Nacional de Desenvolvimento Social- BNDES, executado em parceria com a Embrapa Clima Temperado de Pelotas e com a CONATERRA/ BIONATUR é a criação de linhas de produção de sementes com certificação orgânica, especialmente no milho e no feijão.

Hoje as sementes e materiais genéticos que a cooperativa trabalha juntamente aos agricultores associados na produção originam-se de muitas regiões. Para além das sementes

que foram trocadas, resgatadas e multiplicadas junto à base do MPA e que hoje fazem parte do portfólio da organização, temos sementes vindas de diferentes regiões e organizações do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, entre os locais e organizações mais importantes do Rio Grande do Sul têm-se: a Associação de Guardiões de Sementes de Ibarama/ RS; agricultores da região do Vale do Rio pardo e Vale do Taquari ligados a CPT do RS; da Cooperativa União, em Canguçu; das casa de sementes dos municípios de Panambi e Hulha Negra.

O atual trabalho com sementes dentro da estratégia da UBS tem forte influência organizativa e inspirativa na experiência desenvolvida pela Cooperativa OESTEBIO de Santa Catarina o qual selecionou, multiplicou e distribuiu sementes de muitas variedades de feijão e milho, como as variedades Pixurum 05 e MPA 01. Estes materiais citados e que hoje são amplamente produzidos pelos agricultores da base do MPA e pela cooperativa chegaram ao Rio Grande do Sul no ano de 2010 via a política pública PAA- sementes. O entrevistado M.S.S. afirma que estas sementes distribuídas pela OESTEBIO despertaram o interesse da Cooperfumos em ter a própria UBS.

[...] despertou isso foi uma quantidade de sementes de milho e feijão que veio de doação simultânea da OESTEBIO de SC, veio um volume de cerca de 30 toneladas [...] e a gente fez uma distribuição massiva dessas variedades e isso gerou um turbilhão, os agricultores gostaram das variedades, viram que esse negócio das sementes crioulas podia ser uma estratégia interessante e aí deu um estalo na cooperativa: se ao invés de trazer de tão longe, lá de Santa Catarina, bom vamos nos desafiar a produzir aqui mesmo [...] (M.S.S., dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS).

Muitos gargalos são mencionados pelos entrevistados. Talvez as capacitações possam ser um instrumento importante para superá-los, porém ao perguntar aos idealizadores sobre as capacitações percebe-se um baixo número de atividades formativas e sem uma agenda estratégica.

Apesar de a cooperativa não ter um calendário de formação, as atividades citadas foram ligadas a seleção massal e uso de bioinsumos nos sistemas de produção, além da promoção de eventos em parceria com outra entidade como seminários e feiras de semente. Considerando a produção de semente uma atividade altamente especializada, é de extrema importância formações na área e nos seus diferentes segmentos, tais como capacitações em gestão, produção, beneficiamento, armazenamento e comercialização. Esta observação vale para gestores, técnicos, funcionários e multiplicadores e produtores de semente.

4.3.3 Enfim: qual a importância da UBS para o MPA?

É inegável para todos os entrevistados nesta pesquisa a importância das UBSs para o resgate, multiplicação e produção de sementes crioulas.

Quando comparamos as afirmações e a estratégia das sementes que o MPA coloca dentro do plano camponês, percebemos um alinhamento na estratégia teórica e prática. Na práxis deste processo podemos dizer que a importância central é a massificação da produção de sementes crioulas aos camponeses e a promoção da soberania alimentar.

Para a entrevistada R.C.L. a UBS é uma referência nacional e de valor imensurável para a guarda coletiva das sementes. Valoriza as pessoas e eleva a autoestima dos camponeses e das pessoas que ali se dedicam diariamente. Para além destes fatores é importante para melhorar os atributos de qualidade da semente e assim menciona:

[...] não tem como mensurar a importância da gente ter uma unidade de beneficiamento de sementes, porque a gente deu um salto de qualidade [...], porque a

gente passou da semente armazenada no litro PET, pra semente dentro de um saco com rótulo e registro, tem todo esse salto de qualidade do trabalho que o MPA deu a partir de ter uma UBS, que só foi possível por ter essa estrutura [...] Quando a gente não tem, a gente tem que saber que lá tem, e as famílias que produziam as sementes crioulas que nos distribuimos nos projetos de assistência técnica, que por uma seca ou coisa assim perderam sua semente sempre vem, de novo, pedir aquela semente que plantavam. E isso não tem como a gente medir, a importância da gente saber, porque não tem no mercado aquela semente, ela é uma semente diferente, não tem no mercado convencional pra gente comprar, mas na UBS tem. Então é fundamental a gente ter esse espaço, como um local de armazenamento, de distribuição de semente crioulas que tenham uma qualidade sensacional (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

Afirmando a estratégia política da cooperativa e do MPA no tema das sementes o entrevistado M.S.S. (dirigente do MPA e diretor da Cooperfumos, 22/04/2020, Santa Cruz do Sul, RS) menciona que o espaço tem importância simbólica para a organização e que permitiu fomentar a massificação das sementes através de uma estrutura adequada.

[...] Primeiro ter um espaço, uma identidade, onde afirme as sementes enquanto estratégia organizativa tanto econômica quanto estratégia organizativa política de conservação e promoção da soberania alimentar. Segundo, trouxe um espaço adequado para o armazenamento e processamento com equipamentos com certo grau tecnológico [...] (R.C.L., Camponesa agroecologista e dirigente do MPA, 15/04/2020, Paraíso do Sul, RS).

Com relação a Unidade de Beneficiamento de Sementes do RS, P.K., (guardião e dirigente do MPA, 04/05/2020, Panambi, RS) reitera a importância simbólica para o MPA, visto ter sido esta a primeira Unidade de Beneficiamento de Sementes crioulas, chamando-a de “coluna vertebral”. Para o entrevistado a unidade tornou-se propulsora do resgate, multiplicação e massificação de “tipos de milho que tão meio em extinção, tipo de feijão que tá meio em extinção”. Tal visão é confirmada por M.T.S., (Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ) pois a maior importância da unidade está na massificação das sementes crioulas. Segundo o entrevistado, estas estruturas são fundamentais para uma parcela de camponeses que perderam ao longo da história o conhecimento necessário para produzirem suas sementes com qualidade ou que até mesmo não possuem as condições básicas de produção como terra e mão de obra.

A importância dela é de multiplicar, de uma forma massiva, e poder distribuir essas sementes pra quem não tem. Nós temos uma quantidade muito grande de agricultores que não têm terra, como não têm mão de obra suficiente para fazer o manejo das suas próprias sementes então a gente necessita das Unidades de Beneficiamento de Sementes pra fazer esse trabalho de multiplicação, mas também pra termos sementes de uma melhor qualidade [...] (M.T.S, Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

M.T.S. (Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ) menciona ainda que a UBS é importante não apenas pela sua estrutura, mas pelo conhecimento que reúne, que vai desde o resgate tradicional ao conhecimento científico-prático que o grupo de técnico envolvido carrega. Para o entrevistado, devido a perda de conhecimento tradicional associado à semente, muitas dificuldades técnicas precisam ser consideradas, em especial quando o assunto se volta para a manutenção das variedades crioulas. Neste sentido as UBSs se encaixam perfeitamente com as casas de semente e o propósito do próprio MPA.

[...] Porque o agricultor, a nível local, da sua casa, da sua propriedade, ele pode até conservar as sementes por algum tempo, mas se não tiver os outros cuidados necessários da lavoura, a gente vai ter um produto de má qualidade e podemos perder a variabilidade genética desse material. Então a UBS, a discussão dela, não só a estrutura física em si, mas associadas aos bancos comunitários de sementes, ela tem essa condição, de preservar a qualidade do material genético, de desenvolver a multiplicação de uma forma mais massiva de sementes para os agricultores que não têm condições de comprar as suas próprias sementes, ter essas sementes de qualidade, essa semente agroecológica [...] (M.T.S., Eng. Agrônomo, extensionista e dirigente do MPA, 29/04/2020, Rio de Janeiro, RJ).

Atualmente, as UBSs além de produzirem sementes junto aos seus associados para atender demandas das entidades parceiras e das escassas políticas públicas, também presta serviço a agricultores e outras entidades parceiras, principalmente no beneficiamento e armazenamento de sementes como aveia, milho, feijão, avezem e centeio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou contemplar a discussão sobre o tema das sementes crioulas como estratégia camponesa frente ao conceito da soberania genética. Partindo-se da visão de existência de um campesinato brasileiro, negligenciado historicamente, porém resgatado, fomentado e afirmado pelo Movimento dos Pequenos Agricultores. Pode-se constatar, conforme as informações obtidas na pesquisa, a força que o movimento alcançou frente a hegemonia capitalista reinante.

Considerando o recorte social como ponto importante para a temática das sementes crioulas, bem como a guarda coletiva para a construção de um novo modelo agrícola e a experiência que o MPA acumulado ao longo dos seus 22 anos, a presente pesquisa procurou realizar este estudo em diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul. A partir dos dados coletados em entrevistas e sistematizados, foi possível conhecer o trajeto histórico, bem como foi possível verificar e analisar os fatores que levaram a construção da UBS e da guarda coletiva consolidada neste espaço de produção, mensurando os avanços e apontando novas direções futuras com vias a aprimorar a estratégia política do Movimento dos Pequenos Agricultores.

Foi possível evidenciar pela pesquisa, que o ambiente de surgimento do MPA no Rio Grande do Sul em 1996, somado à seca, à crise de identidade e à representatividade dos agricultores frente aos modelos sindicais vigentes, não representavam a classe trabalhadora do campo. Constatou-se que o modelo neoliberal proposto pelo capitalismo agrário e implementado pelo modelo da revolução verde, gerou o empobrecimento e a marginalização dos agricultores, sendo estes os aspectos centrais do surgimento e dos debates que proporcionaram o comprometimento dos agricultores vinculados ao MPA com a organização com um “novo” modelo de agricultura para o campo Brasileiro, intitulado Plano Camponês.

O plano camponês como instrumento norteador do MPA, mostrou-se como um projeto político que propõe o resgate da identidade camponesa e a produção de alimentos baseados na agroecologia, estabelecendo uma relação direta com a cidade ao que é chamada Aliança camponesa e operaria. Em outras palavras, é ele que orienta ações para a transformação social, democrática e popular da sociedade brasileira, cumprindo seu papel social relevante que é a produção de alimentos saudáveis, em especial a partir da garantia da soberania genética dos materiais de posse dos agricultores, sendo possível inferi-los como grandes norteadores das ações do Movimento. Assim sendo, constatou-se que de posse do Plano Camponês o MPA organiza o trabalho com sementes crioulas ao nível familiar, comunitário e territorial. Níveis estes que são estrategicamente essenciais, pois permitiram através das cooperativas a construção de UBS focadas na massificação das sementes crioulas.

A pesquisa revelou que o MPA, através das suas conquistas e parcerias atreladas a sua estratégia política, foi capaz de manter milhares de famílias no campo. Constatou-se que estas conquistas são importantíssimas para a conservação e uso dos recursos genéticos e representam um sólido alicerce para as ações dos agricultores no campo da produção. Outro fato que se revelou como alicerce às conquistas centrais para o MPA foram as políticas públicas do crédito agrícola e a valorização das sementes como capital inerente as suas ações. Primeiro por possibilitar a permanência de muitos camponeses no meio rural e adicionalmente por protagonizarem o incentivo da construção da unidade de beneficiamento de sementes (UBS) José Gilberto de Oliveira Tuhtenhagem, no caso do PAA.

Constatou-se que apesar de existirem muitos gargalos na produção de sementes crioulas, no Rio Grande do Sul, as oportunidades dadas aos agricultores pelo MPA forma capazes de gerar conhecimento e confiança suficiente entre os atores envolvidos. O mesmo

verificou-se quando se analisou a unidade de beneficiamento de sementes crioulas, a qual além de compor atualmente parte da estratégia da organização, tem cumprido sua função em massificar a produção de sementes crioulas, pautar a soberania genética e assim promover e consolidar a guarda coletiva das sementes.

Neste sentido espera-se que os resultados alcançados neste estudo possam ajudar a afirmar a existência de uma força rural responsável pela produção de alimentos, pautada na importância das sementes crioulas como parte central deste processo. Espera-se, também que este estudo possa contribuir com o MPA na reavaliação constante do Plano Camponês e ainda, auxiliar a Cooperfumos do Brasil a pensar em estratégias capazes de superar os problemas da massificação de sementes.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

ALBARELLO, E.J.; SILVA, M.T.; GÖRGEN, S. **Casa de sementes crioulas: Caminho para a Autonomia na Produção Camponesa**. Porto Alegre: Instituto Cultural Padre Josimo, 2009.

ALMEIDA, P.; CORDEIRO, A. **Semente da paixão: estratégia comunitária de conservação de variedades locais no semi-árido**. Rio de Janeiro: ASPTA, 2002. 72 p.

ATLAS SOCIOECONÔMICO. **Biomassas**: O RS possui dois importantes biomas: Mata Atlântica e Pampa. Porto Alegre, 3º ed, 2018. Disponível em: Disponível em: <<http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/biomassas>>. Acessado em 14 de junho de 2018.

ATLAS SOCIOECONÔMICO. **Clima, temperatura e precipitação**: O clima do Rio Grande do Sul é Temperado do tipo Subtropical, classificado como Mesotérmico Úmido. Porto Alegre, 3º ed, 2018. Disponível em: <<http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/clima-temperatura-e-precipitacao>>. Acessado em 14 de junho de 2018.

ATLAS SOCIOECONÔMICO. **Regiões dos COREDEs com divisão municipal**.

Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/midia/imagem/mapa-coredes-div-munic-2013>>. Acessado em 08 de outubro de 2018.

BENETTI, A. et al. **Conhecendo e resgatando sementes crioulas**. Porto Alegre: Evangraf/ Comissão Pastoral da Terra do Rio Grande do Sul, 2006. 112 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus. Sobre a Doença**. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>>. Acessado em 07 de setembro de 2020.

_____. Presidência da República. **Decreto de nº 1.946 de 28 de junho de 1996**. Cria o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D1946.htm>. Acessado em 12 de junho de 2020.

_____. Presidência da República. **Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003**. Dispõe sobre o Sistema de Sementes e Mudanças e das outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, Seção 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.711.htm>. Acessado em 12 de junho de 2018.

_____. Presidência da República. **Decreto nº. 7.775 de 4 de julho de 2012**. Regulamenta o art. 19 da Lei nº. 10.696 de 2 de julho de 2003, que institui o Programa de Aquisição de Alimentos, e o Capítulo III da Lei nº. 12.512 de 14 de outubro de 2011 e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7775.htm>. Acessado em 25 de janeiro de 2021.

_____. **Lei nº. 10.696 de 02 de julho de 2003.** Dispõe sobre a repactuação e o alongamento de dívidas oriundas de operações de crédito rural, e dá outras providências. 2003. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.696.htm>. Acessado em 25 de janeiro de 2021.

_____. **Lei 11.326, de 24 de julho de 2006.** Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília-DF, Diário Oficial da União, 27 de julho de 2006b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

CADONÁ, C.V. **Movimentos dos pequenos agricultores–MPA. O novo nasce das estradas.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Mestrado em Educação nas Ciências, Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2004. 283 p.

COHEN, E.; FRANCO, R. **Avaliação de projetos sociais.** 11º ed. São Paulo: Vozes, 2012.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. Programa Nacional de Habitação Rural. Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/poder-publico/programas-uniao/habitacao/programa-nacional-habitacao-rural/Paginas/default.aspx>>. Acessado em 07/09/2020.

CENSO AGROPECUÁRIO 2017. **Estabelecimentos Agropecuários levantados pelo Censo Agropecuário 2017 que atendem as regras atuais (2017) para enquadramento na Agricultura Familiar e no PRONAF.** Rio de Janeiro, IBGE, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/21814-2017-censo-agropecuario.html?edicao=25757&t=resultados>>. Acessado em 06/06/2018.

COOPERATIVA MISTA DOS FUMICULTORES DO BRASIL LTDA.- COOPERFUMOS. **Ata da Assembleia Geral de Constituição.** Santa Cruz do Sul, 2004. 7 p.

_____. **Ata de Assembleia Geral Extraordinária/ Estatuto Social.** Santa Cruz do Sul, 2013. 15 p.

_____. **Currículo Cooperfumos.** Santa Cruz do sul 2013. 15 p.

_____. **Relatório Descritivo de Atividades de 2011.** Santa Cruz do Sul, 2011. 7 p.

_____. **Projeto de aquisição de sementes crioulas para agricultores familiares de municípios do Rio Grande do Sul.** Santa Cruz do Sul, 2011. 14 p.

EVANS, L.T. **Crop, evolution, adaptation and yield.** Cambridge: Cambridge University Press. 1996. 500 p.

FEIX, R.D.; LEUSIN JÚNIOR, S.; AGRANONIK; C. **Painel do agronegócio no Rio Grande do Sul — 2017.** Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2017/09/20170901relatorio-painel-do-agronegocio-no-rs-2017-1.pdf>>. Acessado em 06/07/2018.

FELÍCIO, M.J. **Contribuição ao debate paradigmático da questão agrária e do capitalismo agrário.** 2011. Tese de doutorado

GAIFAMI, A.; CORDEIRO, A. **Cultivando a diversidade: recursos genéticos e segurança alimentar local.** Rio de Janeiro: ASPTA, 1994. 205 p.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008. 200p.

GODOI, E.P.; MENEZES, M.A.; MARTIN, R.A. (Orgs.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias. Construções identitárias e sociabilidades.** Vol.1 Brasília-DF, UNESP, 2009.

GODOY, A.S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** RAE-Revista de Administração de Empresas, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 20-29, mai. 1995. ISSN 2178-938X. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38200/36944>>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

GÖRGEN, S.A. **A resistência dos pequenos gigantes: a luta e a organização dos pequenos agricultores.** Editora Vozes, 1998.

GÖRGEN, S.A. **Os novos desafios da agricultura camponesa.** 2. ed., Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

GÖRGEN, S.A. **O plano Camponês.** Coleção Plano Camponês, Volume 1, Candiota: Ed. Instituto Cultural Padre Josimo, 2019.

GÖRGEN, S.A. **Trincheiras da resistência camponesa: sob o pacto do poder do agronegócio.** Candiota-RS: Instituto Cultural Padre Josimo,, 2017. 616 p.

GUTERRES, I. **Agroecologia militante: contribuições de Enio Guterres.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GUZMÁN, E.S. **Bases sociológicas de la Agroecologia.** In: Encontro Internacional sobre Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, 2001, Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA). Universidade Estadual Paulista (UNESP). Campus de Botucatu. Botucatu, SP, Brasil.

HEBETTE, J. **Reprodução social e participação política na fronteira agrícola paraense: o caso da Transamazônica.** In: HEBETTE, J. et al. (Orgs). No mar, nos rios e na fronteira. Faces do campesinato no Pará. Belém, Edufpa, 2002.

KAUTSKY, K. **A questão agrária.** São Paulo: Nova Cultural, 1986.

KRAUSER, R.R.. **A agroecologia e o Plano Camponês.** Candiota- RS: Instituto Cultural Padre Josimo, 2015. 84 p.

LENIN, V.I. **Capitalismo e Agricultura nos Estados Unidos da América.** Novos dados sobre as leis de desenvolvimento do capitalismo na agricultura. São Paulo: Editora Brasil Debates, 1980.

LEROY, J. **ÉPOCA: A CORRENTE SINDICAL LAVRADORES UNIDOS DE SANTARÉM.** Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas.

LUDTKE, R.C.; RAMBO, A.G.; STOFFEL, J. **Iniciativas de diversificação ao cultivo do tabaco no município de Santa Cruz do Sul – RS: um estudo de caso.** Extensão Rural, Santa Maria, v. 23, n. 4, p. 24-45, out./dez. 2016.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas do mundo: do neolítico à crise contemporânea.** Lisboa: Ed. Histórias e Monografias, 1998.

MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES- MPA. **Origem e Organização do Movimento dos Pequenos Agricultores.** Porto Alegre: KEOPS, 2003.

MPA- Movimento dos Pequenos |Agricultores do PR. **Sementes: Patrimônio dos Povos a Serviço da Humanidade.** Laranjeiras do Sul, 2007.

MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES- MPA. **O movimento, Quem somos.** Disponível em <<https://mpabrasil.org.br/quem-somos/>>. Acesso em 29/08/2020.

_____. “Notícias: A recampesinação ocorrera mais fortemente por meio da crise econômica, afirma sociólogo”. Disponível em < <https://mpabrasil.org.br/noticias/a-recampesinizacao-ocorrera-mais-fortemente-por-meio-da-crise-economica-afirma-sociologo/>>. Acesso em 27/08/2020.

NASCIMENTO, J.M.; OLIVEIRA EHRICH, I.; MOREIRA, E. **Os bancos de sementes comunitários como uma experiência alternativa de resistência ao capital no campo.** OKARA: Geografia em debate, v. 6, n. 2, p. 184-203, 2012.

OLANDA, R.B. **Famílias guardiãs de sementes crioulas: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS2015. 157 p.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE- OPAS. **Folha informativa COVID-19- Escritório da OPAS e da OMS no Brasil.** Atualizada em 04 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em 06/09/2020.

PELWING, A.B; FRANK, L.B.; BARROS, I.I. **Sementes crioulas: o estado da arte no Rio Grande do Sul.** Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 46, n. 2, p. 391-420, 2008.

PESSOA, M. L. (Org.). **Clima do RS.** In: Atlas FEE. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: <<http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/socioambiental/clima/>>. Acesso em: 21 de junho de 2018.

PESSOA, M. L. (Org.). **Regiões do RS.** In: _____. Atlas FEE. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: <<http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/territorio/regioes-do-rs/>>. Acesso em: 3 de outubro de 2018.

PESSANHA, L. **Sementes: biodiversidade, biotecnologias e propriedade intelectual.** Rio de Janeiro: AS-PTA/FLACSO, 1995. 49 p.

PLOEG, J.D.V.D. **Camponeses e Impérios Alimentares Lutas por Autonomia e Sustentabilidade na Era da Globalização.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.

RAVEN, P. et al. **Biologia vegetal**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A. 1996.728 p.

REDE DE AGROECOLOGIA- **Ecoforte**. Acessado em: <<https://redes-ecoforte.eita.org.br/>>. Acessado em 15 de setembro de 2020.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. Ed. Cia das Letras, 1995.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto 51.323 de 24/03/2014**. Estabelece limites de subsídios e a forma dos financiamentos que poderão ser efetuados pelo Fundo de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais - FEAPER/ES, para o exercício orçamentário de 2014. Porto Alegre, D.O.E., 25 mar. Disponível: https://www.normasbrasil.com.br/norma/decreto-51323-2014-rs_268285.html. Acessado em 01/07/2020

_____. **Lei Nº 14373 DE 19/12/2013**. Institui o Programa Bolsa Juventude Rural e altera a Lei nº 8.511, de 6 de janeiro de 1988, que autoriza a criação do Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais. Porto Alegre, D.O.E., 20 dez. Disponível: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=263307>>. Acesso em 01/07/2020

SANTA CRUZ DO SUL. Lei Municipal nº 5.085 , de 28 de março de 2007, que autoriza o Poder Executivo a doar uma área de terras, sem benfeitorias, à Cooperativa Mista de Fumicultores do Brasil- COOPERFUMOS e dá outras providências. Santa Cruz d Sul. Disponível em <<http://www.camarasantacruz.rs.gov.br/documento/lei-5085-28-03-2007-15057>>. Acessado em 10 de agosto de 2020.

SANTOS, J.V.T. **Colonos do Vinho**. São Paulo: Hucitec, 1975.

SCHIAVON, J. S. **Extensão rural, Acompanhamento das Lavouras de Produção e Beneficiamento de Sementes Crioulas**. Relatório de Estágio (Graduação em Engenharia Agrônômica) Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017, 72 p.

SILVA, E.D.; ALMEIDA, P. **Um passeio pela Festa da Semente da Paixão**. Revista Agriculturas, v. 4, n 3. 2007.

SILVA, M.L.T. *et al.* **Plano Camponês: Por soberania alimentar e poder popular**. São Paulo: Outras Expressões, 2019.

SOBRINHO, S.J.; RAMOS, N.L. **Entre os saberes do povo e as sementes da paixão: Educação popular e agricultura familiar em Alagoa Nova (PB)**. II congresso Internacional de Educação Inclusiva. 2016.

TRINDADE, C.C. **Sementes crioulas e transgênicos, uma reflexão sobre sua relação com as comunidades tradicionais**. In: Congresso Nacional do Conpedi. 2006.

UDRY, M.C.; ARAÚJO, M. **Agroecologia e desenvolvimento sustentável**. Revista de Política Agrícola, Brasília, n.1, ano XXI, n.1, p.133-135, Jan/Fev/Mar. 2012.

VEIGA, J.E. **O Desenvolvimento Agrícola: uma visão histórica**. São Paulo: Hucitec, 1991.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ZARTH, P.A. **Do Arcaico ao Moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX.** Ijuí:
Ed. Unijuí, 2002.

ANEXOS

A - Pesquisa Vinculada ao Projeto de Mestrado Profissional

Questionário 1: Pesquisa vinculada ao Projeto de Mestrado Profissional “A experiência do MPA (Movimento do Pequenos Agricultores) com sementes crioulas no Estado do Rio Grande do Sul”.

Entrevista realizada com idealizadores do movimento, técnicos responsáveis pela produção e manuseio e armazenamento das sementes nas unidades de beneficiamento.

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Telefone: () _____

Profissão: _____

Há quanto tempo atua no Movimento/ Cooperativa _____

1. **MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES**

1. O que é o Movimento dos Pequenos Agricultores?
2. Como se deu o processo surgimento?
3. Quais as principais conquistas?
4. O que é o Plano Camponês?
5. Como surgiu o trabalho das Sementes crioulas?
6. Como está organizado este trabalho? Em níveis?
7. Que organizações/entidades/grupos/associações/comunidade e outros, participam juntos no trabalho com as sementes crioulas?
8. Qual a importância deste trabalho com Sementes para a comunidade, a soberania alimentar e segurança genética?
9. Quais são os principais gargalos, no tocante a sementes em um sistema de produção agroecológico/orgânico?

2. **COOPERATIVA MISTA DOS FUMICULTORES DO BRASIL LTDA**

10. O que é a cooperativa? Qual o histórico? Quais as principais atividades?
11. Como funciona/ organiza o projeto de produção de sementes crioulas? Desde a produção até a venda?
12. Houve dificuldades na implementação do projeto? Quais?
13. De que modo os agricultores participantes do projeto foram/são selecionados?
14. Quantos agricultores estão envolvidos em atividades de multiplicadores e produtores de sementes?
15. Qual o número de beneficiários do projeto? Desde a produção e distribuição?
16. São realizadas capacitações com os agricultores? Quais os temas? Como elas são?
17. Qual a importância da UBS? No beneficiamento? No armazenamento?
18. Quais as espécies e variedades são mantidas em produção? Por que elas foram escolhidas?
19. De onde vieram as primeiras sementes?
20. Existem políticas públicas ligadas ao projeto? Quais?
21. O projeto está articulado a outras ações da cooperativa? Que ações são essas? Em sua opinião essas ações contribuem no sentido de criar uma rede de agricultores que se definam diferentemente das abordagens convencionais de desenvolvimento rural?
22. Como você percebe o Programa em termos de participação social?
23. Para você o Programa foi capaz de estimular a confiança, reciprocidade e a cooperação entre as pessoas e instituições envolvidas?
24. Como o sr (a) acha que o projeto pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos agricultores vinculados?
25. Em que aspecto o projeto tem contribuído (ou não) para o fortalecimento dos agricultores?
26. Em sua opinião o projeto intensificou a participação social nas localidades?
27. Em sua opinião o projeto aumentou, diminuiu ou não alterou a confiança entre as pessoas atendidas?

28. Em sua opinião o programa aumentou, diminuiu ou não alterou a cooperação entre os agricultores atendidos por você?

3. GARGALOS

29. Quais as dificuldades/ limitações que você encontra na produção?

30. Quais dificuldades/ limitações que você encontra na comercialização?

31. Quais as dificuldades/ limitações que você encontra na organização da cooperativa?

32. Que pontos ou aspectos você considera que poderiam ser melhorados no programa?

4. PERSPECTIVAS/ OPORTUNIDADES

33. Como você enxerga o movimento/cooperativa daqui cinco anos?

34. Você se sente motivado (a) para continuar participando? Por que?

35. Quais os motivos para participar nos trabalhos que envolvem as sementes crioulas?

36. Quais as alternativas para superar as dificuldades e limitações?

37. Em sua percepção quais serão ou deverão ser os desdobramentos futuros do projeto?